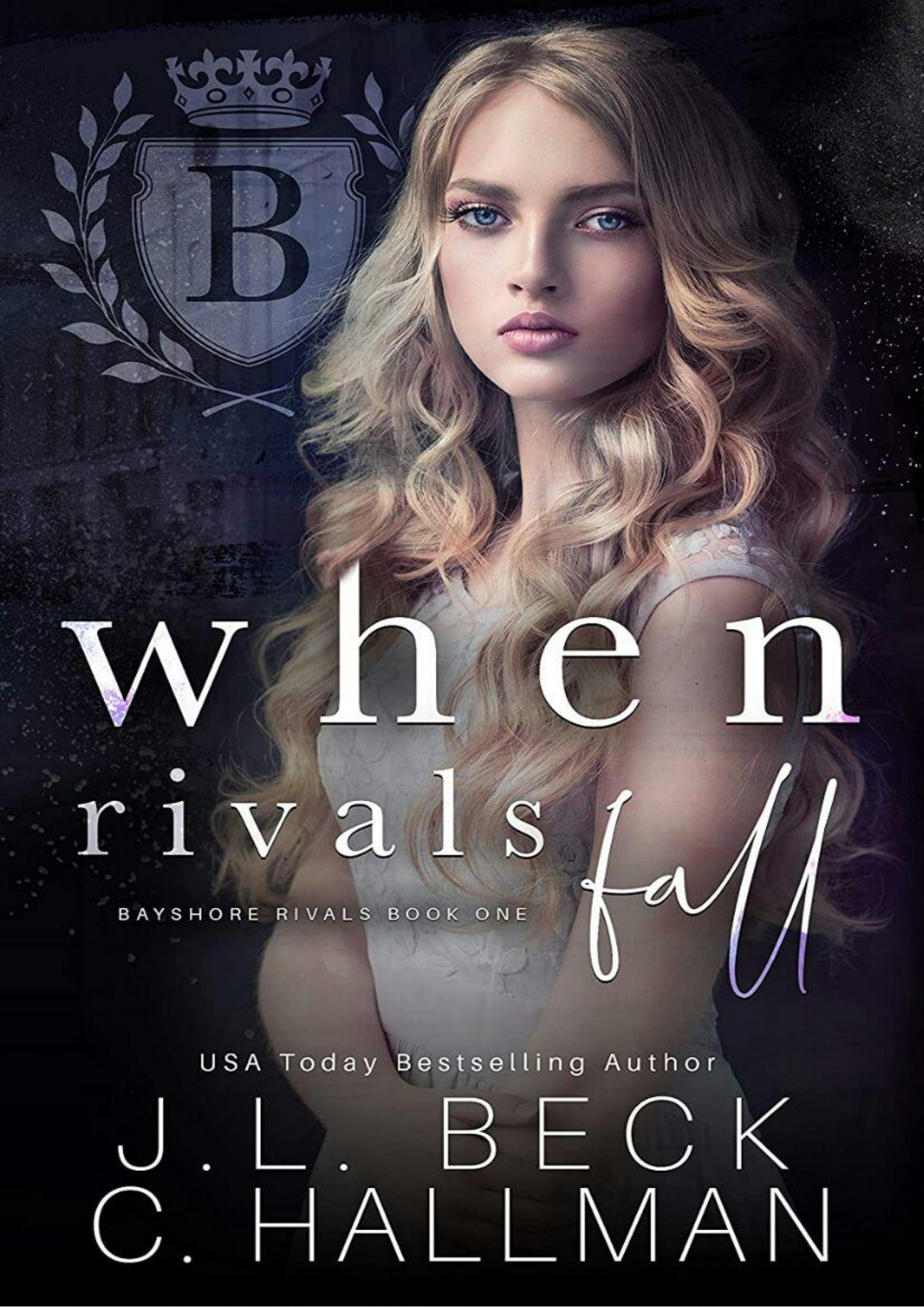

B
when
rivals
fall
BAYSHORE RIVALS BOOK ONE
USA Today Bestselling Author
J.L. BECK
C. HALLMAN



Tradução: Anna Belle Lux

Revisão Inicial: Anna Belle Lux

Revisão Final: Leo Lux

Leitura Final: Amy & Jooh Lux

Conferência: Elena Lux

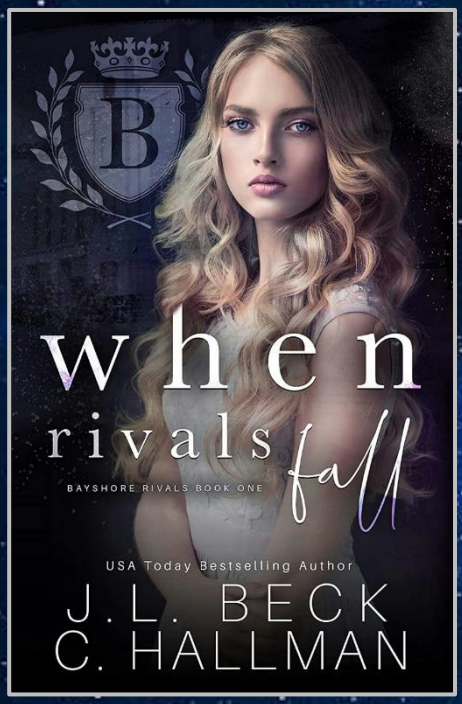
Formatação: Elena Lux

Junho / 2020

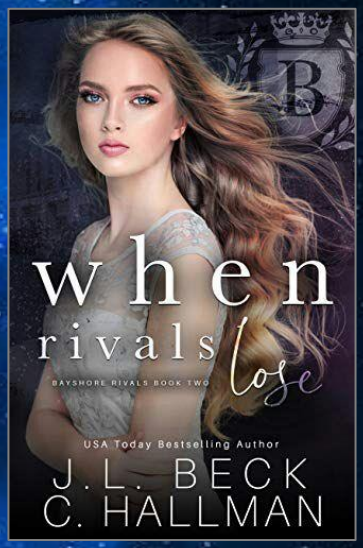
Bayshore Rivals

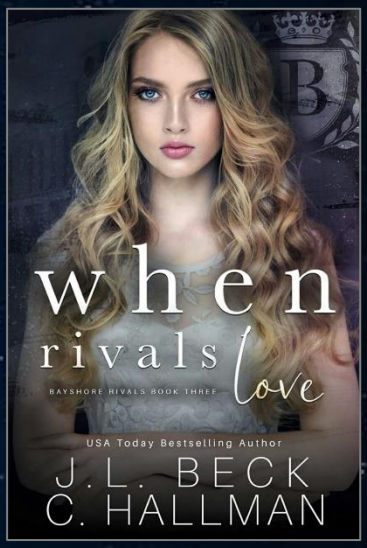
by J.L Beck e C Hallman

Lançamento



Próximos





OLIVER

Rivais desde antes do nascimento, nunca houve um tempo em que minha família não odiasse os Lockwood e sua filha Harlow.

Há dois anos, ela criou isso, maculou a imagem de nossa família e arruinou a vida de meu irmão. Ela tornou isso pessoal. Não era mais apenas uma rivalidade entre nossos pais.

Agora ela está aqui, na Universidade de Bayshore, sem a proteção de sua família. Não há nada que nos impeça de nos vingar dela, ninguém para nos dizer que o suficiente é o bastante.

E assim meus irmãos e eu tivemos um plano. Vamos quebrá-la, fazê-la cair de joelhos por nós em pouco tempo e depois a enviaremos de volta para sua família com um aviso...

Mexa com os Bishops novamente e você irá pagar.

◆◆◆

HARLOW

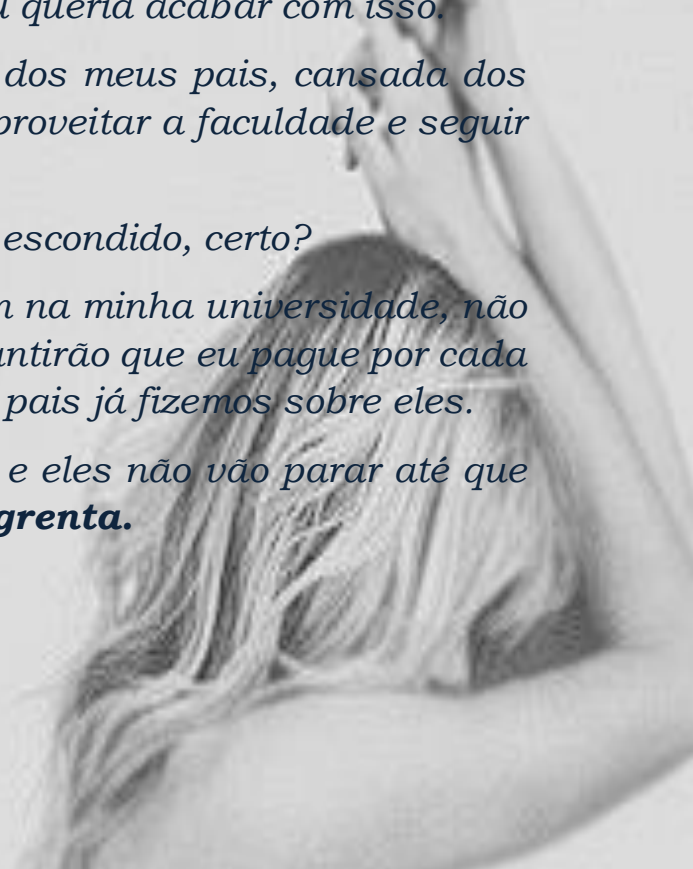
Eu desprezo os presunçosos e estupidamente lindos irmãos Bishop desde que eu era criança. A rivalidade de nossas famílias foi algo que começou anos antes de nós e eu queria acabar com isso.

Estava cansada de ser o fantoche dos meus pais, cansada dos jogos, do ódio. Tudo que eu queria era aproveitar a faculdade e seguir em frente com a minha vida.

Mas seu passado nunca pode ficar escondido, certo?

Quando os irmãos Bishop aparecem na minha universidade, não tenho para onde correr. Sei que eles garantirão que eu pague por cada comentário escandaloso que eu ou meus pais já fizemos sobre eles.

Em Bayshore, estou à mercê deles e eles não vão parar até que meu coração esteja numa ***bagunça sangrenta.***



Prólogo

2 anos atrás

"Pegue o saquinho e coloque-o no bolso de Sullivan," ordena meu pai, nem mesmo olhando para cima dos papéis espalhados sobre a mesa.

No bolso dele? De jeito nenhum eu quero chegar tão perto desse idiota. Vou tentar conseguir que Shelby me ajude com isso. Não estou a menos de três metros dele ou de seus irmãos.

Os irmãos Bishop, Sullivan, Oliver e Banks são filhos de Chloe e George Bishop, e são nossos rivais. Eles são mentirosos nojentos, bonitos, ricos e manipuladores. Cada ocorrência que já tive com eles foi uma que terminou comigo querendo apunhalá-los nos olhos com o objeto mais próximo.

Não sei exatamente quando ou como tudo começou. Tudo o que sei é que o ódio entre nossas famílias vem crescendo nas últimas duas décadas. Desde que me lembro, fui informada sobre Bishops e de como eles tentavam arruinar nossos negócios, o sustento de minha família.

Recentemente, tivemos que demitir uma equipe inteira logo antes do Natal. Uma dúzia de famílias desempregadas antes das férias e tudo por causa deles.

Quem faz algo tão cruel? Essa não é a pior coisa que eles fizeram, mas é a cereja no topo do bolo. Ultimamente, suas

travessuras têm afetado mais do que apenas minha família. A ira deles está indo abaixo da linha e atingindo nossos trabalhadores. Não me preocupo em perguntar o que os Bishops fizeram desta vez. Não importa. Vamos nos vingar. Sempre fazemos.

Sullivan, o caçula dos Bishops, é da minha idade e, embora não frequentemos a mesma escola, ocasionalmente nos encontramos em eventos e festas.

Normalmente, tento evitá-lo como uma praga. Mas hoje vou para o mesmo lugar que ele, e de propósito. Todos os alunos de todas as escolas secundárias do país estarão lá, não importa o sobrenome.

Apertando o saquinho firme, eu pergunto, "O que há no saco?"

"Não faça perguntas das quais você não quer respostas, Harlow. Coloque o saco no bolso dele e vou garantir que o resto seja feito," meu pai responde com um tom que me diz para calar a boca e fazer o que mandou.

Mordo o lábio inferior, me perguntando se devo insistir na questão. Na verdade, não gosto dos Bishops, de fato, eu os odeio pelo que fizeram e como trataram minha família nos últimos dois anos, mas estou cansada de fazer o que meus pais ordenam. Cansada do ódio constante. Decido não fazer uma cena, esse não é o ponto. Vou acabar fazendo isso de qualquer maneira.

"Devo voltar para casa logo depois?"

Olhando para cima do documento na frente dele, ele me perfura com um olhar de seus olhos azuis que combinam com os meus em profundidade e cor.

Um sorriso sinistro chega aos seus lábios. "Não. Eu quero que você fique por aqui. Certifique-se de que eles vejam quem preparou isso."

"Entendido." Concordo com a cabeça e agarro o saquinho da borda da mesa. O conteúdo do saco deve ser leve, porque parece que não há nada dentro.

"Não esqueça tudo o que eles fizeram conosco, querida." A voz do meu pai suaviza. "Eu não pediria que você fizesse essas coisas se não sentisse que isso tem um propósito. Eu tenho que proteger você, meus negócios, meus homens e tudo o que esses Bishops imundos fazem é um ataque direto contra nós."

"Eu sei, pai." Meus lábios se abrem em um sorriso tranquilizador. Mesmo que odeie o que tenho que fazer, sendo parte dessa rivalidade, sei que não há nada que eu possa fazer para mudar isso. Meu sobrenome é Lockwood, e sempre será família acima da honra.

É meu trabalho proteger o legado da minha família.

"Vou fazer o trabalho," murmuro e me viro saindo do escritório.

Uma vez no corredor, paro e me encosto na parede.

Eu posso fazer isso. Eu farei isso.

Lembro-me de como Chloe e George Bishop olham para mim, como se eu fosse um chiclete preso no fundo de seus sapatos toda vez que nos cruzamos. Os três filhos não são muito melhores. Irritantemente bonitos e cheios de si. Sullivan é o pior. Ele age como se fosse o rei do mundo e

todos estivessem abaixo dele, como se fosse nosso dever nos curvar a ele.

Hoje à noite, colocaremos um fim ao seu reinado.

Hoje à noite, ele descobrirá o que acontece quando você mexe com um Lockwood.

Capítulo Um

Presente

A Universidade de Bayshore não é a faculdade de prestígio que eu pensava que frequentaria. Toda a minha vida pensei que acabaria numa das melhores faculdades da Ivy League do país, como Yale ou Harvard, assim como todas as outras crianças ricas da minha escola. Em vez disso, escolhi vir para este lugar. Uma Universidade agradável, mas discreta, localizada na costa oeste, a centenas de quilômetros de distância de minha cidade natal, North Woods. A maioria das crianças não escolheria ficar a quilômetros de distância dos pais, mas não sou a maioria. Escolhi esta faculdade porque é a mais longe possível da minha família.

Assim que completei dezoito anos e coloquei as mãos no meu fundo fiduciário, estava fora da casa dos meus pais. De jeito nenhum eu ficaria lá mais um minuto. Eu queria desaparecer, esquecer meu sobrenome e o que isso significava.

Depois de descobrir as coisas que meu pai estava fazendo, eu não queria mais nada com os negócios da família.

“Esta é a faculdade, e você está agindo como se alguém a sentenciasse a dez anos de trabalho duro.” Shelby ri. Meu nariz enruga quando olho para a fortaleza diante de mim. Obviamente, o local se parece mais como um castelo medieval situado nas Terras Altas da Escócia do que uma

universidade. Cordas de hera verde grossa sobem nas paredes como se tentassem escapar.

“Talvez não dez anos, mas pelo menos quatro, certo?” Eu sorrio.

“A faculdade não é um saco, Harlow. Pare de dificultar as coisas.”

“Boa analogia. De onde você tirou essa?”

“Da minha bunda.” Ela sorri e bate seus quadris nos meus. Reviro os olhos como se estivesse irritada com ela, quando, na verdade, sou grata por Shelby estar aqui. Ela realmente teve que convencer seus pais a deixá-la frequentar esta faculdade. Acho que a única razão pela qual o pai dela concordou é porque ele teve um ano ruim em seu escritório de advocacia e a mensalidade é mais barata que Stanford, onde Shelby iria originalmente. Ela não parece se importar com isso.

Os alunos passam por nós apressadamente para entrar em seus dormitórios, enquanto Shelby e eu temos o nosso momento agradável. Tivemos a maior parte de nossas coisas enviadas para a faculdade, todas, exceto nossos pertences pessoais, então não temos pressa. Passamos a maior parte do tempo contemplando os arredores. A própria universidade é linda, com enormes carvalhos e vastas áreas de grama verde e luxuosa, nas quais consigo me imaginar sentada com um cobertor e um bom livro.

Chegamos ao dormitório lotado e subimos as escadas para o nosso quarto sem nenhum incidente. Uma vez lá dentro, exalo todo o ar dos meus pulmões e sento na minha pequena cama de solteiro. Os dormitórios são pequenos e deixam muito pouco espaço para privacidade, mas tudo bem.

O local fica perto do oceano e tem uma vista que a maioria sonharia em ter.

“Ok, então fui convidada para uma festa por dois caras que conheci na Starbucks", diz Shelby, jogando o cabelo loiro por cima do ombro.

“Estamos aqui há menos de 24 horas e você já quer ir a uma festa?” Eu sei que as festas acontecerão, mas espero evitá-las.

“É um passatempo estabelecido pelos nossos antepassados, de que quando você chega na faculdade, deve festejar.”

“Parece que foi estabelecido por Shelby." Reviro os olhos.

Shelby mostra seu lábio inferior em um beicinho firme: “Ah, vamos lá, Harlow, você só foi a um punhado de festas quando estávamos no colegial e agora não quer aproveitar a faculdade. Seus pais estão fora de cena, você pode basicamente fazer o que quiser.”

Ela não tem ideia de como está errada. Sim, eu consegui escapar das garras do meu pai por enquanto, mas não poderei me esconder dele e da minha mãe para sempre.

“Se eu for, você esperará pelo menos um mês inteiro antes de me convidar para outra?”

Diversão brilha nos olhos castanhos de Shelby: "*Mmm,* duas semanas no máximo.”

“Sério.” Eu me encolho.

“É a faculdade, Harlow, e sou sua ajudante de diversão certificada.”

Balançando a cabeça, digo: “Você não é uma ajudante de diversão, é uma ajudante de problemas.”

Ela bate no queixo com o dedo, “Problema. Diversão. Tudo soa o mesmo para mim. Agora, o que você vai vestir? Melhor ser algo sexy. Temos que chamar a atenção dos meninos logo de cara. Você conhece universitários e suas hiperatividades.”

“Não estou procurando nada, especialmente a atenção de algum garoto.”

Ganhei atenção suficiente dos irmãos Bishop em casa. Depois do que fiz com Sullivan, fiquei surpresa que ele pudesse passar por mim sem querer me matar. Digamos que isso tornou as reuniões sociais um pouco tensas.

“Seus pais não estão aqui. Você não tem nada com que se preocupar. Está livre.” Shelby se levanta da cama e estende os braços como um pássaro, batendo-os até chegar à minha cama, lançando-se nela, fazendo-me saltar e uma gargalhada escapar da minha garganta.

“Não estou preocupada com eles,” eu minto. Estou preocupada com eles tanto quanto estou com os Bishops.

Na verdade, não estou preocupada. Estou aterrorizada. Durante anos, ajudei meu pai a espalhar boatos sobre os Bishops. Ajudei a arruinar a vida deles e para quê? Nada, foi tudo por nada. Não sabia o quão horrível meu pai realmente era. Ele não queria apenas os negócios deles, ele queria que os Bishops fossem embora.

A certa altura, meu ódio pelos Bishops começou a diminuir e, em seu lugar, o ressentimento por meu pai floresceu. Não quero ter nada a ver com a minha vida antiga, o drama, o ódio, a vingança. Eu quero esquecer que essa parte da minha vida já existiu.

"Bom, porque não importa se você estiver. Agora, levante. Deixe-me ver com o que tenho que trabalhar e depois quais roupas você trouxe."

"Nós realmente temos que ir?" Eu pisco meus cílios longos, sabendo muito bem que não vai funcionar. Não posso me fazer parecer tão inocente e doce quanto Shelby. Além disso, meio que devo a ela pelo menos sair uma vez. Afinal, Shelby se afastou centenas de quilômetros de sua família para ser uma amiga solidária.

"Sim." Ela sorri e eu deveria saber que esse sorriso seria a minha morte.

◆◆◆

Puxo a parte inferior da minissaia em que Shelby me fez vestir. Não sou exatamente magra, mas sim curvilínea, e mesmo que eu não tenha nenhum problema real de autoconfiança, essa coisa é tão curta que todo o cara aqui vai ter um vislumbre da minha virilha até o final da noite.

Se, e isso é um muito grande *se*, eu sair com Shelby novamente, ela não me vestirá.

Colocando algumas mechas do meu cabelo loiro sedoso atrás da orelha, inspeciono a sala lotada. A casa de fraternidade está cheia de mulheres e homens de todas as idades. Há jogos de dança, canto e bebida. Pessoas relaxando no sofá da sala de estar, fumando o que tenho certeza não são cigarros com base no aroma doce que permeia o ar.

"Nós conseguimos." Shelby bufa, um sorriso largo nos lábios pintados de vermelho sangue. Ela age como se tivesse acabado de fazer um teste que estudou durante todo o semestre. Ficamos juntas, lado a lado, no meio da sala, observando as pessoas se movimentarem, conversando e aproveitando o momento de suas vidas. Quanto mais tempo ficamos lá, mais atenção atraímos para nós mesmas.

Posso sentir os olhos em mim, deslizando sobre minhas pernas nuas e minha blusa de um ombro só. Sim, não gosto disso. De ser o centro das atenções. Sentindo-me deslocada e um pouco tímida, me escondo atrás da cortina do meu cabelo quando me viro para Shelby.

"Viemos, vimos, nos divertimos, podemos ir agora?" Eu lamento, puxando seu braço. Não estive em uma festa desde aquela noite. *Aquela noite desastrosa.* Um arrepio percorre minha espinha com a lembrança, a raiva e a fúria fervilhante que os três irmãos Bishop refletiram em minha direção.

"Nós faremos você pagar por isso, Harlow. Um dia você não terá a proteção de seus pais e, então, o que fará?"

Dando de ombros, digo: "Não tenho medo de vocês. Vocês são fracos. Patéticos. Assim como seus pais."

Oliver entra no meu espaço pessoal, forçando-me a dar um passo para trás ou ficar peito contra peito com ele, "Um

dia, vamos nos vingar de você. Vamos te quebrar. E você desejará nunca ter nascido."

"Você vai esperar muito tempo..." eu zombo, sentindo o medo deslizar pela minha espinha e ao redor da minha garganta como uma cobra.

Balançando meus ombros, afasto as emoções desagradáveis que vêm com a memória.

"Não." Shelby agarra minha mão, puxando-nos mais para dentro da casa. O lugar é enorme, semelhante à mansão em que vivi em casa. Há pinturas de valor inestimável nas paredes, molduras e lustres que custam mais do que a maioria dos carros. Isso me lembra tanto da minha vida antiga que tenho que afastar a sensação assustadora que desliza pelas minhas costas. Eu fiz minha pesquisa ao selecionar uma faculdade e me certifiquei de que essa não tivesse nenhum bilionário.

Até onde sei, Shelby e eu somos as únicas duas pessoas que frequentam esta universidade com pais que ganham mais de um milhão por ano. O que me deixa pensando, de quem é a casa? Outro aluno é o dono? Os pais dele? *Por que você se importa, Harlow?*

Paranoica. Estou sendo paranoica. Desde que deixei North Woods, me pergunto quando meu passado voltará para me assombrar. Todas as coisas que eu disse e fiz. A culpa me devora todos os dias. Deixei meu pai me levar cegamente para a escuridão. Deixei que ele me alimentasse com mentiras após mentiras. Pensei que estava fazendo a coisa certa, mas não estava.

Quando entramos na cozinha, noto os balcões de mármore preto e utensílios de aço inoxidável. Fora da

cozinha, há um par de portas que se abrem para um quintal que dá para a praia. É realmente lindo, menos todos os alunos da faculdade que estão embriagados.

Há um bar improvisado instalado na enorme ilha e Shelby começa a trabalhar misturando algo para beber. *Está tudo bem*, digo a mim mesma, soprando ar pela boca, antes de inspirar pelo nariz.

"Aqui," Shelby diz, suas unhas pintadas de rosa aparecendo quando ela enfia um copo vermelho na minha mão, o conteúdo deslizando contra os lados do copo. Olho dentro dele antes de trazê-lo ao nariz para cheirar.

"O que é isso? Cheira a álcool."

Shelby encolhe os ombros, estreitando os olhos castanhos: "Apenas beba. Viva um pouco, sim? Se você prometer se divertir, prometo não pressioná-la a sair tanto comigo. De acordo?"

Ugh, por mais que eu odeie admitir, ela está certa. Tenho dezoito anos, sou uma estudante universitária. Preciso viver um pouco e aproveitar os anos que estão à minha frente antes que eles se acabem e eu seja forçada a ser uma adulta real, com um emprego e responsabilidades.

"Bem. Vou tentar " dou um sorriso fraco e tomo um gole do líquido rosado. A queimadura que eu esperava não chega e estou agradavelmente surpresa com o sabor de cereja que é deixado contra meus lábios.

"Bom, hein?" Shelby pergunta, me olhando como um falcão.

"Decente. Não parece que estou bebendo algo mais leve."

“Cale a boca.” Ela ri, tomando um gole de seu copo. Os pelos da minha nuca se arrepiam e não entendo o porquê. Olhando em volta da sala, procuro algo fora do lugar. *O que há de errado comigo? Acho que estou enlouquecendo.*

Uma música alta de rap soa estridente pelos alto-falantes, vibrando através das massas de corpos e entrando no meu crânio, causando uma dor surda. Um livro não me daria esse tipo de dor de cabeça. Sentindo que preciso, bebo o resto do líquido no meu copo e o entrego de volta a Shelby com um sorriso travesso.

“Me faça outro. Vou procurar um banheiro. Se eu não voltar em dez minutos, envie uma equipe de busca.”

“Não seja tão dramática.” Ela pega o copo e se vira para mim. “Vá ao banheiro. Estarei aqui quando você voltar.”

Saindo da cozinha, noto que um grupo de mulheres em saias mais curtas que a minha entram na casa. Meu coração afunda no meu estômago com a visão. *Barbies*. Três garotas que se vestem como bonecas de plástico. Falsas. Populares. Lindas. Toda faculdade e colégio as possui.

Elas se destacam como uma erva daninha em um canteiro de flores. Elas riem e jogam os cabelos por cima dos ombros, golpeando os cílios para cada homem que olha para o seu lado, e há muitos homens olhando para elas. Virando-me, sigo para a enorme escada antes que elas se aproximem, sei o tipo delas - elas querem fazer amizade e me iniciar no clã delas, ou me tornam inimiga pública número um - eu não quero entrar no radar, quero ter uma experiência universitária discreta e sem intercorrências. Subindo as escadas, eu quase esbarro em um casal que está se beijando no corrimão.

Murmuro um pedido de desculpas tímido e continuo em busca de um banheiro. Abro uma porta para encontrar um quarto vazio com uma cama grande e convidativa no centro. Quão ruim é que eu prefira me enroscar naquela cama e ler um livro do que voltar lá para baixo e festejar com os outros alunos?

Quando fecho a porta, um cheiro familiar vindo de dentro do quarto faz cócegas no meu nariz. Não consigo identificar o cheiro único, como uma floresta depois de um dia chuvoso.

Continuo andando pelo corredor e a porta ao lado que abro é na verdade um banheiro. Desapareço lá dentro, trancando a porta. É quase tão grande quanto o meu dormitório. Balanço a cabeça com o tamanho e a fantasia de tudo.

Costumava pensar que isso era tudo o que importava: dinheiro, coisas bonitas e pessoas que admiram você. Foi isso que minha família me ensinou a pensar e houve um tempo em que não questionei nada que meus pais me diziam. Esse tempo acabou. Agora eu sei melhor.

Ainda estou pensando no perfume familiar daquele quarto enquanto lavo minhas mãos. Algo me incomoda, mas não consigo adivinhar o quê. Olhando no espelho, dou-me uma olhada antes de sair do banheiro. Realmente devo agir mais como as outras pessoas por aqui. Divertir-me e aproveitar a vida na faculdade. Era isso que eu queria. Afastei-me da minha família para ser normal. Tudo o que tenho a fazer agora é parar de me preocupar e aproveitar.

Ando de volta pelo corredor, forçando-me a não pensar no quarto com seu cheiro tentador. Luto contra o desejo de dar outra espiada lá dentro. Assim que passo, ouço o clique

suave de uma porta se abrindo, e antes que eu tenha tempo de compreender se realmente tem alguém atrás de mim, sou agarrada pelo braço e puxada para dentro do quarto.

Gritando como se alguém estivesse prestes a me matar, tropeço na sala, perdendo o equilíbrio enquanto ando. Braços se agitando, preparo-me para cair com força no chão, mas fico chocada quando um par de braços fortes circula minha cintura por trás, me puxando para um peito firme e quente. Momentaneamente, estou atordoada, como uma corça presa nos faróis de um carro. Meus gritos são cortados, o ar para nos meus pulmões. Não posso fazer nada. Estou congelada no lugar. *O que está acontecendo?*

Tudo o que ouço é a enxurrada de sangue em meus ouvidos, meu peito arfando para cima e para baixo em pânico. Abro a boca para gritar novamente, mas nada sai. De repente, fico tonta, o cheiro da chuva enche minhas narinas mais uma vez e percebo imediatamente a quem esse perfume pertence.

"Você está com saudades de mim? É por isso que está aqui, no meu quarto? Ansiosa para ver o que temos reservado para você?" A voz sombria de Sullivan enche o ambiente, e um calafrio percorre-me. Percebo então que ele está parado a alguns metros, mas sua voz me afeta como se estivesse ao meu lado sussurrando no meu ouvido. Não importa que eu não possa vê-lo completamente. Não preciso. Eu sei que ele me olha com nojo.

Quarto dele? Piscando devagar, tento digerir o que ele acabou de dizer. Confusa, estou prestes a perguntar do que diabos ele está falando quando percebo que alguém ainda segura minha cintura. Suas mãos quentes queimando na minha pele.

Girando, empurro o peito firme à minha frente, percebendo rapidamente que é Banks, o irmão Bishop do meio. Um sorriso sinistro se espalha por seu rosto enquanto ele lambe os lábios. "Acho que ela sentiu nossa falta, por que mais ela viria aqui, para a nossa casa?"

“Sua casa?” Finalmente encontro minha voz novamente. É instável, mas pelo menos eu tenho as palavras.

“Sim, *nossa* casa.” Uma terceira voz chama, e meu olhar viaja através da sala e colide com os olhos castanhos chocolate de Oliver. “Nós compramos recentemente, imaginamos que seria melhor do que morar nos dormitórios.”

Dormitórios? Por que eles morariam nos dormitórios?

Nada faz sentido agora. Isso tem que ser um sonho, não, é mais, isso é um pesadelo. Balanço minha cabeça como se pudesse me acordar disso. Então tento dar um passo em direção à porta, mas Sullivan passa a mão na maçaneta, interrompendo meu movimento.

“Não tão rápido,” ele rosna, sua forma musculosa se elevando sobre mim. Ele é maior do que era a última vez que o vi. Mais alto, mais assustador, ainda mais nojento do que me lembro. “Vamos conversar. Queremos contar a você como será este ano.”

O que ele quer dizer? Como será este ano? Sullivan realmente não pode dizer o que acho que ele está? Os irmãos Bishop não estão ... eles não podem estar... Meu peito começa a arfar, mesmo sem ar enchendo meus pulmões. Senhor, por favor me diga que eles não estão estudando aqui.

“Acho que ela não entende,” brinca Banks, diabolicamente.

“Não é difícil descobrir. Quer dizer, estamos explicando com muita clareza. É uma pena mesmo. Todo esse dinheiro e seus pais nem sequer conseguiram uma educação adequada.” Oliver zomba.

“Eu não sou burra.” Tento fazer com que as palavras pareçam fortes, mas elas saem como uma brisa suave sussurrando através das árvores.

“Certo, você é apenas uma mentirosa,” Oliver responde, suas palavras como um tapa na cara.

Cerrando os dentes, deixo o insulto afundar. *Ele não está errado, eu sou uma mentirosa.* Por causa do meu pai, fiz muitas coisas das quais não me orgulho. Eu o segui como um cordeiro até o matadouro, acreditando nele com fé cega. Eu sabia que algum dia o karma me alcançaria. Que, eventualmente, pagaria pelos meus erros, nunca esperei que fosse tão cedo.

“Deixe-me colocar em palavras que até alguém como você pode entender,” Sullivan se inclina tão de perto que sinto o calor do seu corpo. Posso sentir os três, seus corpos atraídos para o meu como um ímã.

“Lembra quando eu disse que faria você pagar pelo que fez naquela noite?”

A saliva gruda no interior da minha garganta - como mel - dificultando a ingestão. Todo pesadelo que tive ao longo do ano passado nunca chegaria a isso. Todos os três rostos deles me assombram no sono desde aquela noite. Arrependi-me de fazê-lo assim que o fiz, mas não havia como voltar atrás, não tinha como mudar o rumo que estávamos seguindo. Foi como um acidente grave, do qual você não conseguia desviar o olhar.

Como se ele pudesse ver a preocupação preenchendo meus traços, seu sorriso se amplia, dentes brancos perfeitamente retos brilhavam à luz da lua filtrando através das cortinas da janela.

“Aquele truque arruinou seu último ano. Suspendeu-o da equipe. Você manchou o nome de nossa família, mas esse era o ponto, certo?” Oliver assobia, estreitando os olhos, sua mandíbula angular - afiada o suficiente para cortar vidro - apertando.

Os Bishops tinham dinheiro, mas nada impediria que os jornais locais imprimissem um artigo sobre o filho deles usar drogas e ser expulso da equipe. Meu pai atingiu sua marca e os fez sangrar, e pior, ele me usou para fazer isso.

“Bem, agora que nossos negócios familiares estão arruinados, não há nada para assumirmos, então acho que todos temos que ir para a faculdade, afinal,” explica Banks, e finalmente entendo. Todos os três vão participar de Bayshore. *Isso não pode estar acontecendo.*

“Por favor... olhe...” Um pedido de desculpas está na ponta da minha língua, mas uma mão sai do nada por trás de mim e pressiona minha boca, outra no meu quadril, cortando efetivamente as palavras antes que eu tenha a chance de dizê-las.

Sei quem é que me apanha e tento me soltar de Banks, mas ele me puxa para mais perto, até que minhas costas sejam pressionadas firmemente em seu peito musculoso. Sinto pânico, e algo mais, algo quente e um eufórico redemoinho na minha barriga.

Não. Eu não serei atraída por eles, e seus músculos estúpidos, abdominais duros e sorrisos diabólicos. Eles são os inimigos, meus rivais.

"*Shh,* princesa. Não dissemos que você poderia falar. Mantenha a boca fechada, caso contrário, encontraremos um uso melhor para ela." A voz suave de Banks faz cócegas em meu ouvido enquanto ele afasta a mão da minha boca. O corpo dele permanece perto do meu, muito perto, mas por algum motivo, não me mexo imediatamente. Uma das mãos dele permanece no meu quadril e fico ali por um momento, deixando o calor do corpo penetrar em mim, tentando aquecer o sangue gelado que percorre minhas veias.

"Eu te disse... prometi que você pagaria, e agora é a hora. É hora de pagar suas dívidas." Lágrimas picam meus olhos. *Não chore. Não chore.* Não vou chorar na frente deles. Não vou.

Encontrando uma lasca de força, jogo meu cotovelo nas costelas de Banks. Ele me libera, mesmo sabendo que não o bati com força suficiente para machucar.

"Isso é tudo o que você tem?" Ele ri.

Dou um passo em direção à porta que Sullivan agora está bloqueando com seu corpo.

"Deixe-me ir," eu cerro os dentes.

Ninguém se mexe, nem diz uma única palavra, e é quase como se esperassem Sullivan fazer uma escolha e isso me assusta. Depois de um longo segundo, ele finalmente se afasta, um sorriso presunçoso pintado em seu rosto. Acenando com a mão sobre a porta e apontando para eu sair, ele diz, "Você pode sair hoje à noite, mas nunca poderá se

afastar. Nós a encontraremos onde quer que você vá e *faremos* pagar pelo que fez."

Capítulo Dois

Descendo as escadas o mais rápido possível, quase tropeço, perdendo o último passo. Não consigo formar um único pensamento além daquele que me diz que preciso sair daqui. Examinando a sala lotada, procuro por Shelby. Ela não está em lugar nenhum e fico cada vez mais preocupada a cada segundo que passa.

Não consigo respirar. Preciso ir e ficar o mais longe possível deste lugar. Meus pés começam a se mover sozinhos, e acho que me movo pela multidão, empurrando alguns para longe do caminho. Antes que eu perceba, chego à porta da frente. Respiro fundo gananciosamente procurando por ar, meu coração batendo tão rápido que parece que estou tendo um ataque cardíaco.

O que diabos aconteceu?

Alcançando o bolso de trás, pego o telefone para enviar uma mensagem para Shelby dizendo a ela que estou lá fora e pronta para ir. Ela aparece no jardim da frente um minuto depois, balançando a cabeça para mim.

"Que diabos, Harlow? Acabamos de chegar aqui," quando ela vê meu rosto, sua expressão fica sóbria. "O que há de errado? Aconteceu alguma coisa? Parece que você viu um fantasma."

"Você sabe quem é o dono desta casa? Quem te convidou para esta festa?" Assim que faço a pergunta, seus lábios se enrolam em uma carranca profunda.

“Bem, no começo não, mas meio que descobri. Eu não achava que seria um grande negócio. Eles só querem ser amigos. Isso é realmente tão ruim?” *Ela não tem menor ideia do que está falando.*

“Você disse a eles que eu estava vindo para esta faculdade? Quando? Como? E *por quê?*” Eu grito, passando os dedos pelos meus longos cabelos loiros. A parte racional de mim sabe que não é culpa dela. Shelby não sabe de todas as coisas que aconteceram entre os Bishops e minha família, ninguém além das pessoas envolvidas sabe.

Meu pai se certificou disso. Ele manteve nosso nome fora de todo o incidente, não querendo ser manchado, e os Bishops não se atreveram a me acusar de plantar o saco, mesmo sabendo que fui eu. Ainda assim, neste momento, não posso deixar de liberar minha raiva nela.

Seus olhos cor de avelã - mais verdes que marrons sob essa luz - se arregalam e ela coloca a mão no peito.

“Você deveria ser minha amiga. Como você pôde fazer isso comigo?” Choque e confusão estão escritos em todo o rosto da minha melhor amiga enquanto eu grito as palavras. Ela não tem ideia do que fez de errado e, sinceramente, não posso culpá-la.

Agora, só preciso sair. Me afastar.

Ao me virar, começo a me afastar dela, da casa e, o mais importante, dos Bishops. Tudo está arruinado agora. Eles vieram se vingar e não há nada que eu possa fazer para detê-los. Não tenho ninguém para me proteger agora. Depois de tudo o que fiz por meu pai, não tenho ninguém para culpar além de mim mesma. Sou eu quem precisa sofrer as consequências. As lágrimas começam a cair e eu as golpeio

com as costas da minha mão. Eu sabia que vir a esta festa era um erro.

“Harlow,” Shelby chama uma vez, mas continuo andando sem prestar atenção a ela. Terei que me desculpar mais tarde, mas agora não consigo lidar com isso. Andando pela longa entrada, chuto a terra. Estúpida. Eu sou tão estúpida de pensar que poderia me afastar e que meus problemas nunca me encontrariam. Uma leve brisa sopra do oceano e chicoteia meu cabelo em um milhão de direções diferentes, me arrepiando até os ossos. Envolvendo meus braços ao meu redor, tento esquecer tudo o que me leva até aqui.

Todos os erros que cometi, as coisas que fiz. Não sei quanto tempo ando, mas, finalmente, chego ao final da longa entrada, assim quando um carro está entrando. Não levanto os olhos do chão e espero que o carro continue sua viagem, mas me choco ao vê-lo parar a alguns metros de mim.

Para piorar a situação, a janela do lado do motorista se abre um momento depois.

“Ei, você está bem? Precisa de uma carona?” Olho para cima e encontro uma garota da mesma idade que eu espiando pela janela, com um sorriso nos lábios. Quando ela vê meu rosto, seu sorriso se transforma em uma careta.

Pareço tão ruim assim?

“Eu não sei,” digo mais para mim do que para ela. Sério, não sei. Pensei que vir aqui me salvaria, mas parece que isso me deixa ainda mais presa a tudo.

“Vamos lá, deixe-me levá-la aonde quer que você esteja indo." Eu deveria dizer não, devo apenas continuar andando,

pois não conheço essa garota. Ela poderia ser uma assassina em série, pelo que sei. Mas sua oferta é tentadora, e não quero pensar demais. Eu me arrisco a ser sequestrada ou morta se ficar aqui.

"Certo. Só preciso de uma carona para os dormitórios," digo a ela, caminhando para o lado do passageiro. Ela dirige um jipe velho, algo que, na minha cidade antiga, ninguém seria pego dirigindo.

Abrindo a porta do carro, a pequena luz do teto acende, lançando um brilho amarelo sobre nós duas. Fecho a porta atrás de mim e agarro o cinto, encaixando-o no lugar.

"Eu sou Caroline." Ela diz, enquanto entro no carro e clico no cinto de segurança no lugar. Ela me dá outro sorriso inofensivo que só consigo distinguir por causa da lua gigante pairando no céu.

Entrando no meu assento, eu a observo. Ela é jovem, como eu, com cabelos castanhos curtos, quase me lembra uma Tinker Bell[1] morena.

"Sim, estou bem. Acabo de encontrar algumas pessoas do Ensino Médio. As coisas não terminaram bem entre mim e essas pessoas, então..." eu paro, olhando pela

janela.

"Ah, entendi. Uma antiga paquera da escola? Você o viu com outra garota?" Quase rio das suas palavras. Gostaria que fosse assim tão simples.

"Não é nada disso. É complicado," eu suspiro.

[1] A fada Sininho, de Peter Pan

“Se você quiser falar sobre isso, sou uma ótima ouvinte. Ei, em que dormitório está, você não disse?”

“Ala sul, dormitório para calouros,” murmuro distraidamente.

“Eu também sou caloura. Moro no dormitório do outro lado da rua. Ainda não conheço ninguém aqui, então seriamente se você quiser sair, eu sou sua garota. Porém, sem pressão.”

“Obrigada, terei isso em mente,” digo quando paramos no estacionamento do dormitório. “Realmente, obrigada, eu aprecio isso, e também pelo passeio.”

“Vejo você por aí, Harlow,” dou-lhe um aceno tímido e caminho em direção à entrada do dormitório. Minha mente está tão consumida pelo encontro com os irmãos Bishop que não percebo quão estranho meu encontro com Caroline foi. E nem perguntei por que ela estava tão atrasada para a festa, ou por que foi tão rápida em me levar para casa quando ela sequer pisou na festa? Ela sempre dá carona para pessoas aleatórias?

Jogo meus pensamentos sobre ela no fundo da minha mente para pensar nisso outro dia. Agora, tenho que descobrir como vou continuar nesta faculdade com esses idiotas. Quando volto para o meu quarto, visto uma calça de dormir e uma camiseta grande demais para mim. Tiro a maquiagem do meu rosto e afundo na pequena cama de solteiro.

Lágrimas ardem nos meus olhos mais uma vez e desta vez eu as deixo cair. Elas caem em cascata pelas minhas bochechas suavemente. Sou uma amiga tão horrível. No meu acesso de pânico e raiva, ataquei a única amiga que tenho

aqui. Eu a deixei naquela festa sem nem pensar. Fechando as mãos em punhos minúsculos, eu os bato contra o edredom azul. Deixei esses idiotas estúpidos ganharem quando saí, fugi. Eu quero gritar. Não sou do tipo que corre, que se esconde, mas não quero lutar contra eles. Eu lutei, lutei com as mentiras, com todo o drama.

Meus olhos se fecham e eu imploro para que o sono venha. Em vez disso, imagens dos irmãos passam pela minha mente. Altos, bronzeados, bonitos como o inferno. Seria muito mais fácil odiá-los se eles não fossem lindos e se as coisas que meu pai me disse fossem verdadeiras.

A lembrança daquela noite me assombra, pairando como um fantasma. É uma das piores e também uma das melhores noites da minha vida, tudo em uma.

A pior porque arruinei os Bishops.

A melhor porque recebi meu primeiro beijo, mesmo que tenha sido com Sullivan Bishop.

Não sei como vou me aproximar dele. A casa de Bethany Kingston está lotada, dificultando o trabalho no meio da multidão, e não ajuda que eu não tenha ideia de onde ele está. As festas não são a minha cena e tenho certeza de que estou chamando a atenção, pois continuo parando e examinando a sala, principalmente porque não tenho uma bebida na mão. Um nó de preocupação enche minha barriga. Eu quero estar em casa, não fazendo o trabalho sujo do meu pai.

O pacote pesa no meu bolso, mesmo que seja leve como uma pena. 'Tudo o que você precisa fazer é colocá-lo em seu bolso,' digo a mim mesma, examinando a sala mais uma vez em busca de seu cabelo castanho-avermelhado. Os irmãos Bishop se destacam entre os outros, não apenas pela

aparência, mas pelo ar que os cerca. Eles andam com uma placa nos ombros, que diz 'sou melhor que você.'

"Saindo para brincar, princesa?" Uma voz profunda diz, vibrando através de mim, e enviando pequenos riachos de calor para o meu núcleo. Eu não deveria me sentir atraída por eles, mas sou muito parecida com o resto da população feminina e me odeio por isso.

"Não com você," zombo, virando-me e ficando cara a cara com Sullivan. Olhos tão azuis quanto o céu olham para mim. Eles são emoldurados por cílios grossos pelos quais a maioria das mulheres da minha escola morreria. Eu cerro os dentes enquanto deixo meu olhar percorrer seu rosto. Maçãs do rosto altas, covinhas e lábios rosados e lisos.

Ele, Oliver e Banks são quase idênticos, apesar de Oliver ter olhos castanhos que me lembram chocolate derretido. Eles são próximos em idade, Oliver é dois anos mais velho que nós, Banks apenas um ano.

Os lábios rosados de Sullivan se transformam em um beicinho. "Isso é uma vergonha. Eu me pergunto o que você faz por diversão? Nunca te vejo em festas como essa."

"Não gosto de pessoas que vão a festas assim," eu minto. Eu gosto da maioria das pessoas aqui. Só não gosto de como elas agem nas festas. E não gosto de beber ou dançar.

"Se você não gosta da multidão, por que não saímos para passear? Você já viu o quintal do Kingston?" Já ouvi falar no quintal. Deveria ser bonito. Aparentemente, Kingston gasta milhares de dólares a cada poucas semanas para ter o quintal mais primitivo com algumas das flores mais raras. Mas sair com Sullivan ... só nós dois?

“Vamos lá, eu não mordo.” Ele pisca, me dando um sorriso digno de desmaio.

"Ok," eu digo, apenas parcialmente, para que eu tenha a chance de plantar o saquinho. Ele estende o cotovelo e coloco meu braço no dele enquanto saímos juntos. Estupidamente, o saquinho está no bolso que não consigo acessar com o braço entrelaçado com o dele assim.

É muito difícil vê-lo como o cara mau quando ele está sendo tão legal. Tenho que me lembrar do que sua família fez com a minha e parar de pensar em como é adorável andar tão perto dele.

Como prometido, Sullivan me leva a passear, me mostrando o belo jardim. Falamos sobre a escola e as próximas férias de verão, enquanto admiramos a beleza das flores únicas e a luz quente vinda do céu noturno. Odeio admitir, mas estou realmente me divertindo. Por que ele está sendo tão gentil comigo?

A dúvida sobe pela minha espinha e se instala na nuca, causando uma sutil dor de cabeça. Não acho que eu possa fazer isso. Talvez eu volte para casa e diga ao meu pai que não consegui encontrá-lo.

“Você está bem?” Sullivan para de repente.

“Sim, desculpe, perdida em pensamentos.”

“Eu também.”

“O que você está pensando?” Pergunto curiosamente. Não deveria me importar com o que ele pensa. Não estou aqui para fazer perguntas ou me aproximar dele.

“Principalmente sobre beijar você.”

Meu coração congela dentro do meu peito. Ele acabou de dizer beijar? Me beijar? Olho para seu rosto estupidamente bonito esperando que me diga que ele está brincando, e que é uma piada, mas ele nunca o faz. Em vez disso, continua falando.

“Tudo bem? Se eu te beijar, quer dizer? Sei que nossos pais se odeiam, e também não devemos nos importar, mas é apenas um beijo.” Sua pergunta paira no ar por um momento, e engulo minha ansiedade, nervosa, sabendo que direi sim. Acho que não quero beijá-lo, definitivamente não, mas esta é minha chance de me aproximar o suficiente para plantar o saquinho.

“Ok... Um beijo... Um beijo está bom, quero dizer," eu sussurro um pouco antes que ele tire uma mecha de cabelo do meu rosto. Seu polegar roçando minha bochecha deixando minha pele formigando sob seu toque. Ele se inclina, olhos arregalados, como se não quisesse perder a chance de ver meu rosto quando nossos lábios se tocarem.

Então nossos lábios se tocam, pressionando juntos e meus olhos se fecham por conta própria. Formigamentos de calor ondulam através de mim. Tudo ao nosso redor desaparece como se fôssemos as únicas pessoas no mundo. Tudo o que sinto são seus lábios macios e cheios contra os meus. O beijo é suave, comovente, e me inclino para ele enquanto nossos lábios se derretem um no outro.

Dedico-me um segundo para esquecer tudo, a razão pela qual estou aqui e a razão pela qual devo odiá-lo. Borboletas tremulam dentro do meu estômago, causando um tremor profundo no meu núcleo. Um calor penetra nos meus ossos, derretendo-me como uma casquinha de sorvete sentada ao sol

da tarde. Quero me perder nesse sentimento, não sinto mais nada além dele, mas a voz do meu pai toca nos meus ouvidos naquele momento. Preciso lembrar o que a família dele fez, a dor que causaram.

Com o coração pesado e a mão instável, pego o pequeno saco plástico do bolso e o coloco no dele antes de me afastar quebrando o beijo.

O meu primeiro beijo.

O barulho de chaves do lado de fora da porta me arrasta de volta à realidade. A trava clica e a porta se abre um momento depois. A luz acende, me cegando no processo.

"Que diabos, Harlow?" Deixo meus olhos se ajustarem por um momento antes de sair da cama e caminhar até minha amiga.

"Sinto muito, Shelby," eu digo enquanto jogo meus braços em volta dela e enterro meu rosto em seus grossos cabelos loiros. "Sinto muito por ter gritado com você. Você não sabia. Eu não deveria ter desconfiado de você."

"Não sabia o quê?" Ela pergunta, enquanto passa os braços ao meu redor. "Diga-me o que está acontecendo, por favor."

"Ok." Soltando-a, agarro sua mão e a conduzo para minha cama. Sentamos juntas e envolvo o cobertor ao meu redor antes de começar a explicar a coisa toda. Jurei aos meus pais que nunca contaria a ninguém, mas eles não me controlam mais. Então, digo a Shelby sobre o passado, sobre o que aconteceu e sobre o que fiz.

Conto a ela minha maior vergonha, enquanto espero que ela ainda possa me olhar da mesma maneira depois. Espero não perder minha melhor amiga, como perdi tudo na minha vida.

Capítulo Três

Quando abro os olhos no primeiro dia de aula, me sinto melhor do que pensava. Faz dois dias desde o meu encontro com os Bishops e desde que contei tudo à Shelby. Ela ficou chocada com a coisa toda, mas além disso levou tudo muito bem. Shelby não me odeia como pensei que iria, e estou mais agradecida do que nunca por tê-la como minha amiga. Ela prometeu nunca dizer uma palavra sobre tudo isso.

Shelby já tinha saído quando estou vestida e pronta para ir. Ela tem aula cedo, enquanto a minha só começa às dez. Penso brevemente em mudar de faculdade, mas decido que não vou mais fugir dos meus problemas. Shelby está aqui e não há como o pai dela permitir que ela mude novamente de Universidade, e não quero ir a nenhum outro lugar sozinha. Estou sozinha desse jeito, não há necessidade de me isolar ainda mais.

Penso que a melhor maneira de lidar com os Bishops é ignorá-los da melhor maneira possível. Não vou entrar nos jogos deles ou deixá-los me derrubar. Vim aqui para ser uma estudante normal e é isso que eu serei.

Colocando todos os meus livros e blocos de notas na mochila, jogo-a sobre o ombro e saio pela porta, a trancando enquanto passo. Viro-me e ando pelo corredor com um mapa do campus e meu horário de aula na mão.

Com os olhos fixos no papel, nem vejo a pessoa saindo na minha frente até que seja tarde demais e meu corpo

colidir com outro. Segurando o papel em minhas mãos, levanto os olhos assustada.

Estou prestes a murmurar algumas desculpas quando percebo que é Banks, que se ergue na minha frente e, a julgar pela expressão em seu rosto, ele estar aqui não é apenas uma coincidência.

"Bom dia, princesa," ele sorri, seus olhos azuis brilhando com diversão unilateral.

"O que você quer, Banks?" Tento empurrá-lo, mas ele bloqueia minha saída e entra no meu caminho; com ele sendo construído como uma parede de tijolos, não há muito que eu possa fazer para tirá-lo daqui.

"Estava pensando em como seria bom para você eu vir buscá-la para que possamos caminhar juntos para a nossa aula."

"Nossa aula?" Repito suas palavras com descrença.

"Sim, garantimos que pelo menos um de nós esteja sempre em uma de suas aulas, para que possamos ficar de olho em você," explica ele. "Não queremos que você se divirta ou algo assim." Banks se inclina para a frente, afastando uma mecha solta do meu rosto. Seu doce e inebriante aroma de canela me envolve, dificultando a minha respiração. Tão perto que quase esqueço que ele é o inimigo. *Quase*. "Lembre-se, estamos aqui para tornar sua vida o mais difícil possível."

"Entendi essa parte, obrigada." Afasto a mão dele e me viro, andando na outra direção. Não estou fazendo isso. Não posso lidar com isso agora.

O som de seus passos pesados me seguindo pelas escadas reverbera ao redor do corredor, mas mesmo sem o som, eu saberia que ele está lá. Posso sentir sua presença. Sinto o seu corpo perto do meu, assim como de cada um dos irmãos Bishop quando estão na mesma sala que eu.

Não sei explicar, mas sempre foi assim. Eu costumava pensar que era porque eles eram ruins e eu tenho um sexto senso sobre pessoas más, mas descobri há algum tempo que os arrepios que cobrem minha pele não estão lá porque me dão medo, não, é algo muito mais preocupante do que isso.

Banks me alcança e dá um passo ao meu lado. Minha respiração trava com a sua proximidade. Droga, por que meu corpo tem que reagir dessa maneira quando um deles está perto? Por que meu corpo não consegue o memorando sobre nosso ódio mútuo?

"Você está muito menos irritada por eu estar aqui do que pensei que ficaria. Talvez você goste de me ter por perto," ele diz, e sinto minhas bochechas esquentando, deixando meu embaraço visível. "Você está excitada em me ver? É por isso que não se afastou quando eu estava atrás de você na outra noite?"

"Pare," deixo escapar e aumento meu ritmo. Infelizmente, ele é muito mais alto, com as pernas mais longas e, embora eu esteja andando rápido agora, Banks anda casualmente ao meu lado, não tendo problemas para acompanhar.

Senhor, por favor, me jogue do lado de um penhasco agora.

Tudo o que recebo são mais dois passos antes que Banks agarre meu braço e me puxe em sua direção. Ele nos

gira e empurra meu corpo contra a parede mais próxima. Com minhas costas contra o tijolo frio, ele se inclina, tão perto que seu corpo se molda contra o meu. Banks abaixa a cabeça para que sua boca fique bem próxima à minha orelha e tenho essa estranha necessidade, quero até, de me virar e sentir seus lábios nos meus.

Ele me beijaria de volta? Essa atração está errada, mas parece tão certa.

“Você gostou do quão perto eu estava? De quão perto estou agora?” Sua respiração é quente na minha pele e, enquanto ele fala, um arrepio percorre meu corpo, do topo da minha cabeça até os dedos dos pés. Isso está errado, tão errado. Ele está ocupando meu espaço, minha mente. Me fazendo pensar e sentir coisas que não deveria.

Sim. “Não,” eu resmungo. Minha mentira não deve ser muito convincente, porque Banks solta uma risada suave com minhas palavras. E assim o momento termina e ele se afasta, me deixando com frio.

"Você ainda é uma mentirosa, mas tudo bem. Vamos acabar com esse pequeno e desagradável hábito.”

“Você pode simplesmente ir embora?” Tento reprimir a raiva e a vergonha correndo por mim.

“Não,” ele rosna. “Não iremos embora. Não até terminarmos com você.” Ele dá um passo para trás, colocando alguns centímetros de espaço entre nós. “Agora vamos. Você pode não se importar com suas notas ou aulas, mas eu sim, e não quero me atrasar no primeiro dia, então mexa-se ou jogarei você por cima do ombro e te carregarei.”

Ele não faria. Faria? Meus pensamentos devem estar visíveis no meu rosto.

"Não me tente, Harlow. Eu posso, e vou," ele sussurra para que eu ouça enquanto um grupo de pessoas passa. O tom de sua voz contém um aviso que eu não deveria querer atravessar, mas que me sinto tentada.

"Tanto faz," eu suspiro, revirando os olhos. Se eles não me deixarem em paz e sentirem a necessidade de me acompanhar em todas as aulas, terei que encontrar uma maneira de fazê-los ir embora. Vou ter que pensar em um plano.

E vencerei os irmãos Bishops no jogo deles.

◆◆◆

Banks não estava brincando quando disse que haveria pelo menos um deles em cada uma das minhas aulas. No começo, não achei que seriam tão ousados, mas eu os subestimei. Sua necessidade de vingança é muito real. Isso também dificulta muito o meu foco.

Minha primeira aula com Banks não foi tão ruim, mas a seguinte com Oliver foi horrível. As garotas conversavam com ele o tempo todo enquanto ele tentava me incluir na conversa, mas não de um jeito bom. É claro que, quando tentei fazê-los calar a boca, o professor gritou comigo por interromper a aula. Quando o horário do almoço chega, estou irritada, com fome e pronta para apunhalá-los bem nos olhos.

"O que nós vamos almoçar, princesa?" Oliver pergunta quando saímos da aula de Economia.

"Nós?" Pergunto, parando no meio da calçada, pegando Oliver de surpresa. "Nós não vamos almoçar."

Oliver revira os olhos castanhos, "Você pode lutar contra tudo quanto quiser, mas não vou a lugar nenhum, e nem meus irmãos."

Oliver passa a mão pelo grosso cabelo castanho. Lambo meus lábios, me perguntando se é tão macio quanto parece. Por que estou tão atraída por esses caras? E daí que dei a Sullivan meu primeiro beijo, quem se importa? Isso não significa que deveria querer Banks ou Oliver.

"Deus, estou com fome." Outra voz trespassa meus pensamentos, e me viro para encontrar Sullivan caminhando em nossa direção, seus lábios como um farol me chamando.

Jesus. Preciso parar de pensar em beijar esses idiotas.

"Bem, você vai ficar com mais fome porque a princesa aqui disse que não vamos almoçar juntos."

Revirando os olhos, eu digo: "Nenhum de vocês está almoçando comigo. Já é ruim o suficiente que eu nem possa assistir às aulas sozinha. As meninas continuam me olhando, encarando de verdade, e posso vê-las afiando suas garras. Estar perto de vocês me dá atenção indesejada. Tudo o que eu quero fazer é ir para a aula e voltar para o meu dormitório. Isso é pedir muito?"

Sullivan cruza a distância entre nós em um segundo, a proximidade de seu corpo é quase demais, seu doce perfume flutuando em minhas narinas. Ter os três irmãos ao meu

redor é como uma sobrecarga sensorial e estou a alguns segundos de tocá-los.

“Esse é o ponto. Como você acha que foi ter todos os olhos em mim? Ter pessoas espalhando mentiras sobre meus pais? Estar sob fofocas de uma cidade inteira?” Suas palavras são cortadas e seu tom é sombrio.

Lembro-me imediatamente da seriedade dessa situação. Posso sonhar acordada enquanto estou aborrecida com a presença deles, mas não devo esquecer do porquê isso está acontecendo, como a coisa toda é séria. O quanto eles me odeiam, e como essa é a força motriz por trás de tudo o que fazem, me ver sofrer. Não posso me distrair com minha reação hormonal irracional a eles.

Meu estômago começa a roncar, lembrando-me de como estou com fome. Eu poderia voltar para o meu quarto e me trancar lá até a próxima aula, talvez eles já tivessem ido embora. Duvido. Mas não tenho nada para comer no dormitório.

“Tudo bem,” eu digo derrotada. “Vamos almoçar então.”

Oliver e Sullivan sorriem triunfantemente antes de me escoltar como dois seguranças para a cafeteria do campus. Eles fazem um show, abrindo portas como puro cavalheirismo. Sinto cada par de olhos em mim enquanto caminhamos. Até a senhora de meia-idade que distribui comida está me dando uma olhada. Quero dizer a ela o quanto não gosto que me sigam, mas não o faço. Algo me diz que ela não se importa.

Quando finalmente sentamos, as pessoas na mesa ao nosso lado começam a sussurrar, inclinando-se uma para a outra. Não sei o que estão dizendo, mas não é difícil de

adivinhar. Um dos caras na mesa me olha assustadoramente, e juro que o vejo lambendo os lábios enquanto seu olhar percorre meu peito.

Que porra é essa?

A garota ao lado dele - que eu suponho ser sua namorada - levanta-se para sair e o arrasta pelo braço para fora da cafeteria. Se olhares pudessem matar, o seu teria me atingido dez vezes.

"Alguém pode ter espalhado o boato de que você gosta de coisas fora do comum e que está procurando por mais colegas de brincadeira, porque três caras não são o suficiente para você," ri Sullivan antes de dar uma mordida no sanduíche. Minhas bochechas esquentam instantaneamente, e eu uso meus cabelos dourados como uma cortina para esconder meu rosto do grupo de pessoas ainda sentadas à mesa nas proximidades.

"Você só pode estar brincando," sussurro baixinho. A fome que sentia há um minuto desaparece e é substituída por náuseas doentias. Nunca tive relações sexuais antes, e agora supostamente estou em uma merda de parceiros múltiplos excêntricos?

Empurrando a bandeja de comida, levanto-me para sair.

"Ah, vamos lá, Harlow, é apenas um boato," Oliver brinca quando passo por ele. Agarrando a alça da minha mochila como se de alguma forma pudesse me salvar, saio correndo da lanchonete, esperando que eles me dessem um pouco de espaço. Preciso de um tempo, alguns segundos para respirar e reunir meus pensamentos.

Percorrendo o prédio, encosto-me na parede de tijolos e pressiono as mãos no meu rosto quente. Vir aqui deveria me ajudar a esquecer meu passado, sobre North Woods, todas as coisas que fiz pelo meu pai, mas eu deveria saber que não devia ter tanta esperança. Não posso simplesmente fugir do que fiz, ir para longe dos meus problemas. No entanto, isso não significa que não quero tentar.

Depois de alguns minutos de exercícios respiratórios, finalmente me acalmo o suficiente para pensar corretamente. Passando a mão pelo rosto e pelos cabelos, espero parecer uma pessoa normal e não alguém à beira de um colapso mental.

Endireitando-me, volto ao redor do prédio. Olho chocada para o meu telefone e percebo que me escondi atrás do prédio há mais tempo do que pensava.

Merda. Vou me atrasar para a próxima aula. Ainda olhando para o meu telefone, já que há uma mensagem de Shelby que preciso retornar, começo a caminhar na direção do prédio de Ciências quando ouço alguém chamando meu nome. Sou grata por não ser um dos irmãos. Essa voz é feminina.

“Ei, Harlow,” a voz é familiar e quando levanto os olhos do meu telefone, vejo a garota da outra noite. *Caroline?* Acho que esse é o seu nome, a que se parece com a Sininho.

“Olá, Caroline,” saúdo, "desculpe, mas estou atrasada. Tenho que chegar ao prédio de Ciências.”

“Ciência ambiental 101?”

Minhas sobrancelhas franzem em confusão: “Ah, sim. Como você sabe? ”

“Estou indo para a mesma aula,” ela ri, seus cabelos castanhos balançando. “Acho que vamos nos atrasar juntas então."

Pela primeira vez hoje, sorrio, porque os irmãos não estão à vista e estou me aventurando fazendo amigos. O caminho para a aula é curto, mas Caroline enche a nossa caminhada com perguntas, como: de onde eu sou, se estou realmente namorando os três irmãos Bishops? Aparentemente, os rumores se espalharam mais rápido do que eu pensava na faculdade.

Chegamos à aula cinco minutos após o início. O professor me dá um olhar azedo, mas não diz nada. Meu olhar percorre a classe para encontrar um assento, mais olhos e sussurros.

Ótimo. Apenas duas cadeiras livres e, claro, Banks está ao lado de uma dessas cadeiras livres. Ele me dá um sorriso estranhamente quente, acenando para mim. Jesus, por que eles não podem simplesmente ir embora? Balanço a cabeça para ele, mas depois vejo Caroline pegar a outra cadeira livre, deixando-me sem outra opção.

“Por favor, sente-se, Srta...” o professor repreende, aborrecimento em suas palavras. Com a cabeça inclinada em derrota, caio ao lado de Banks e abro meu livro.

"Posso me juntar ao seu harém, Harlow?" Pergunta Banks, e sei que ele está apenas sendo um idiota, esfregando o boato na minha cara. Usando meu cotovelo, eu o acerto de lado e sorrio quando ele solta um grunhido baixo, deixando-me saber que ele não viu isso chegando. Caroline me dá uma expressão confusa, e me pergunto se ela acredita em mim ou nos boatos que estão sendo espalhados.

O queixo de Banks se aperta, e seus olhos se estreitam quando ele se inclina para sussurrar no meu ouvido.

“Me dê uma cotovelada novamente e zombarei de você na frente de todos.” Seu aviso me faz tremer e não posso deixar de me virar um pouco, meu olhar colidindo com o dele. A necessidade de perguntar o que ele faria é quase demais. Minha mente imaginando todos os tipos de coisas, todas erradas em todos os sentidos.

Há um furacão de emoções rodando naquelas profundezas azuis e quero abri-lo, saber todos os seus segredos. Sullivan pode ter tido meu primeiro beijo, mas algo me diz que Banks terá o meu segundo.

Uma onda de sussurros enche a sala e percebo que as pessoas olham para nós, sorrindo, rindo e, assim, cometi um erro. Acabei caindo pelos boatos que estão sendo espalhados. O sorriso que se espalha no rosto presunçoso de Banks me diz que esse era o ponto dele o tempo todo e, de repente, volto a odiar os irmãos Bishops novamente.

Capítulo Quatro

A primeira semana de aulas passa sem outro incidente. Além de olhares sujos e sussurros em todos os lugares que vou, nada mais aconteceu e, graças a Deus por isso. Eu já tenho o suficiente para lidar.

Detesto admitir, mas as aulas são mais difíceis do que eu pensava. Sempre tive boas notas no Ensino Médio, mesmo sem me esforçar muito, e agora percebo que isso pode ter algo a ver com o meu pai ser um grande doador para o financiamento da escola.

"Como você está?" Shelby pergunta, enquanto me preparo para um banho. Eu dou de ombros. Realmente não tenho certeza do que diabos devo dizer a ela. Conto sobre os irmãos que me seguem? Sobre os rumores? Tenho certeza que ela já os ouviu.

"Tudo está bem, eu acho, apenas imaginei que a faculdade seria diferente," admito. "Eu pensei que seriamos nós duas nos divertindo, passando nossos dias fazendo o que quiséssemos," Shelby estuda Arte, enquanto me especializo em Psicologia Social. Eu sabia que não teríamos muitas aulas juntas, mas não esperava vê-la tão pouco.

"Eu sei que os caras estão lhe dando nos nervos."

"Esse é o eufemismo do ano," eu zombo. "Eles simplesmente não vão desistir. Não sei onde eles conseguem essa energia tão irritante. "

“Oh cara, isso parece ruim.” Ela balança a cabeça. “Não acredito que costumava gostar de Sullivan.”

“Você gostava?” Não acredito que não sabia disso.

“Sim, sexta série, turma da Srta. Holli.”

Dou de ombros. “Bem, não se sinta mal, todo mundo tinha uma queda por ele no Ensino Médio.”

“Sim, eu acho. Ouça, desculpe-me por não estarmos passando muito tempo juntas, e ainda mais pelo que estou prestes a lhe dizer.”

“Oh Deus, o que aconteceu? Algo errado? Seu pai está fazendo você voltar?” Acho que não posso aceitar mais nada no momento. Podemos não nos ver muito, mas saber que Shelby está aqui comigo faz com que eu me sinta melhor, não tão sozinha.

“Não, não, não é isso. É só que... ” Ela parece enrolar, e o nó de ansiedade no meu estômago começa a crescer. “É só que... tenho um estágio remunerado na Galeria de Arte local.” Ela finalmente murmura, com a cabeça baixa, como se tivesse com vergonha.

“Oh meu Deus, Shelby! Isso é ótimo! Estou tão orgulhosa de você!” Grito, pulando na direção dela e jogando meus braços em volta do seu pescoço. “Espere. Por que você parece tão triste com isso?” Ela deveria estar animada, pulando para cima e para baixo, mas, em vez disso, parece um daqueles cães no abrigo de animais.

"Porque isso significa que estarei distante ainda mais. Mal nos veremos e sei que você precisa de mim agora. Estou

sendo uma amiga ruim. Deveria apenas recusar a oferta. Sou apenas caloura e também não preciso de dinheiro.”

Começo a sacudir a cabeça, com os cabelos loiros grudados no rosto.

“Oh infernos não. Você absolutamente não vai recusar! Vai arrasar com o mundo deles e mostrar quão incrível você é.”

De jeito nenhum vou permitir que Shelby desista de algo assim, ela merece ter liberdade também. Vou sobreviver, de um jeito ou de outro. Ela não vai sacrificar sua felicidade para ser um escudo humano para mim.

“Você tem certeza? Eu vim aqui por você e não quero ser aquela amiga que foge.”

“Sim, tenho certeza. Se você não for, eu vou.” Dou-lhe o meu melhor olhar maligno, que só me faz sorrir. Ela examina meu rosto como se não acreditasse e estreito meu olhar, a seriedade ultrapassando meus traços.

"OK! Eu vou,” ela murmura no meu cabelo enquanto se inclina para frente. Eu a agarro um pouco mais antes de me afastar, perdendo o abraço assim que o faço. “Eles me pediram para ir hoje a fim de me mostrarem o lugar, depois das aulas eu vou e voltarei mais tarde da noite. Talvez possamos jantar em seguida ou algo assim? ”

“Sim, isso seria ótimo. E só para você saber, estou tão orgulhosa. Você merece isso. Agora vá e divirta-se. Tenho que tomar banho de qualquer maneira. Caso você não tenha notado, estou fedendo,” digo, com uma cheirada falsa na axila enquanto pego minha bolsa de banho. Shelby se afasta completamente, beliscando o nariz.

“É esse então o cheiro.”

“Ei, agora!” Eu reclamo, rindo.

“Saia daqui e se livre desse cheiro.” Ela brinca. Saindo do quarto me sentindo alegre e feliz, desço o corredor até os chuveiros. Essa é uma das muitas coisas ruins sobre viver em dormitórios, os banheiros são compartilhados e os chuveiros também.

Entro no banheiro e encontro duas outras garotas lá, olhando para mim como se estivessem infelizes de me ver. Ainda não estou no banho e as ouço sussurrando no canto. Não sei se elas simplesmente não se importam ou se estão deixando isso óbvio de propósito, mas é irritante como o inferno. Todos os rumores e sussurros são sugadores de alma. Pensei que acabaria depois de alguns dias, mas parece que quanto mais eu ignoro, mais alto são os sussurros. O fato de um dos irmãos estar comigo o tempo todo só aumenta o boato.

Tentando o meu melhor para ignorá-las, tiro minhas roupas e as coloco no banco em frente aos chuveiros.

O som de uma porta se abrindo e fechando encontra meus ouvidos antes de eu tirar a calcinha e entrar no chuveiro, fechando a cortina atrás de mim. Espero que tenham sido elas que foram embora, já que a última coisa que quero é lidar com cadelas maldosas depois do banho. Brincando com a água, espero até que fique quente, então deixo que alivie meus músculos rígidos do pescoço. Enquanto lavo o cabelo, o silêncio dentro do ambiente se torna muito alto e começo a cantarolar para mim mesma.

Perdida no banho e na música dentro da minha cabeça, não ouço quando alguém entra no banheiro.

“Que música é essa, princesa?” Uma voz masculina ecoa ao meu redor. Estou tão assustada que largo meu sabão, quase escorrego e caio de bunda no processo. Felizmente, sou capaz de agarrar a cortina do chuveiro e me firmar antes de fazê-lo. Com o coração disparado e os olhos arregalados, fico lá, chocada e confusa.

Segurando o plástico frágil na minha mão, puxo a cortina para o lado apenas o suficiente para esticar minha cabeça e encontro Banks em pé na frente do meu chuveiro com um sorriso presunçoso e um brilho travesso em seus olhos. Mesmo chateada, não consigo evitar o rubor quente que percorre meu corpo ao vê-lo. Banks está vestindo uma camiseta justa e um jeans rasgado que abraça as suas pernas tonificadas. Parece que ele pertence a uma capa de revista.

“Que diabos você está fazendo?” Eu ladro.

“Apenas te checando. Certificando que você limpe todos os pontos importantes.” Seus olhos percorrem o corpo coberto pela cortina e, mesmo sabendo que ele não pode ver através do plástico azul, sinto que pode. Na presença dos irmãos Bishop, é como estar sob um microscópio e agora me sinto nua e exposta, e a pior parte é que não estou envergonhada ou horrorizada, de maneira alguma.

Na verdade, estou curiosa, animada e um pouco excitada.

Ruim, Harlow. Ruim. Repreendo-me internamente.

“Quer que eu me junte a você?” Ele pergunta, uma sobrancelha grossa e marrom levantada. Sua pergunta me fez engolir. *Sim. Sim eu quero.* Espere... não ... não, eu não.

Quando não respondo imediatamente, ele dá um passo em minha direção.

“N-Não... Por favor, saia, você não deveria estar aqui. Este é o único banheiro feminino.” Afirmo o óbvio, tentando muito não imaginar Banks tirando as roupas e entrando no chuveiro comigo. Por um instante, pergunto-me qual dos irmãos fica melhor sem camisa, quem tem o maior...

“Tanto faz.” Ele encolhe os ombros, o fogo ardente em seus olhos se transformando em gelo em um instante. “Sua perda.”

“Saia, Banks, ou vou denunciá-lo à Reitoria."

“Oooo, estou com tanto medo,” ele provoca.

Nós dois sabemos que não importa se eu o denunciar. Já é óbvio que os Bishops são realeza em Bayshore. Pergunto-me que tipo de doação os pais deles deram à Universidade, sabe Deus, os novos alunos, calouros, não teriam influência como eles.

Puxando a cortina completamente, certifico-me de que não haja nem um centímetro de espaço nas laterais para ele espiar. Termino de lavar o corpo, mantendo os olhos na cortina do chuveiro o tempo todo. Eventualmente, ouço seus passos pesados se afastando, meu coração bate um pouco mais, mas somente quando ouço a porta abrir e fechar, é que ele fica firme em um ritmo normal.

Termino de tomar banho, depilar as pernas e lavar o cabelo antes de sair do chuveiro. E congelo quando olho para o banco onde depositei todas as minhas coisas. Se foi. Minhas roupas se foram. Minha toalha se foi. Aquele idiota levou tudo.

Estou completamente nua e sozinha no centro do banheiro, olhando para o banco esperando minhas coisas reaparecerem. Momentos passam, gotas de água ainda escorrendo pelo meu corpo. Quando estou completamente certa de que isso é real e não estou presa em um pesadelo, começo a procurar os armários, esperando e rezando para que haja algo para me cobrir. Pelo menos para que eu possa chegar ao meu quarto.

Quando chego ao vigésimo armário, finalmente encontro uma toalha. É pequena, velha e cheira horrendo, mas é melhor que nada. Não seco o cabelo. Apenas enrolo a toalha desagradável em volta do meu corpo e volto para o meu quarto. A coisa arranhada é tão pequena que mal cobre todas as minhas partes femininas.

Por algum tipo de milagre, ninguém está no corredor e chego ao meu quarto sem incidentes. Chego à minha porta e paro por uma fração de segundo. Também não tenho a chave, ficou na minha bolsa que Banks levou e não me lembro se tranquei a porta ou não. Giro a maçaneta, fazendo uma oração silenciosa e agradecendo ao universo quando a porta se abre.

Corro para dentro rapidamente, fechando os olhos, encosto na porta e suspiro alto.

Obrigada Senhor.

"Perdeu alguma coisa?" Uma voz sombria e grave chama. *Ah não, ele não fez! Ele não faria, certo?*

De olhos arregalados, eu giro, apertando a toalha quase imperceptível no meu peito. Tenho certeza de que minhas bochechas da bunda estão aparecendo, mas é melhor do que

meus seios ou vagina. Não acredito que Banks teve coragem de estar aqui depois do que ele acabou de fazer. Idiota.

"Você." Meu lábio inferior se enrola de raiva quando o vejo descansando na minha cama, um sorriso de merda se espalhando pelo seu rosto.

"Eu?" Ele bufa uma risada, "O que tem eu? Estive aqui o tempo todo esperando por você. Parece que você esqueceu de levar suas coisas com você? Como é que é minha culpa?" Seu sorriso, o fato de ele estar sentado ali bonito, e coberto enquanto eu mal me cubro um fio me enfurece.

"Escute, posso lidar com vocês me seguindo por aí como cachorros perdidos e até os rumores de que eu sei que você e seus irmãos estão espalhando sobre mim, mas essa merda, esse truque foi longe demais! Você precisa ficar fora do meu quarto e fora dos chuveiros." Estou com tanta raiva que minhas mãos tremem. *Como ele ousa?* Eu deveria saber que os irmãos acelerariam o jogo. Que eles fariam mais do que apenas espalhar boatos e me seguir. Este é o último lugar que me resta, meu oásis. O único lugar que posso ir para me afastar deles. Posso lidar com muitas coisas, mas isso... essa invasão de privacidade. É a gota d'água.

"Você cruzou a linha, Banks!" Eu grito, sentindo minha pele esquentar com a explosão.

"*Eu*... eu cruzei a linha?" Banks de repente está de pé, e do outro lado do quarto antes que eu possa piscar, parando a poucos centímetros de mim. O ar entre nós cresce espesso, dificultando a respiração. Com o dedo grosso apontado para o meu peito, ele continua: "você sabe tudo sobre cruzar a linha, não é? Sobre inventar mentiras e arruinar o futuro de alguém, a vida deles?" Eu não tinha arruinado a vida de Sullivan, tinha?

“Parece que vocês vivem uma ótima vida, então não pode ter sido tão ruim...”

“Não foi tão ruim, hein?” Ele murmura para si mesmo, incrédulo. “Você tem alguma ideia do que fez com a nossa família? Quão devastado Sullivan estava por ter sido expulso da equipe. Pessoas..." Ele não termina o que diz e não tenho certeza se quero que termine. Não preciso ouvir mais nada. Sei que o que fiz foi errado, inferno, eu sabia que era errado antes de fazê-lo.

Quando Banks me olha, seus traços são ameaçadores, e sei que provavelmente deveria estar com medo agora, mas não estou. Ele estar tão perto e eu tão exposta faz meu corpo vibrar com uma excitação estranha. Seu perfume inebriante invade minhas narinas e tudo o que consigo pensar é nele. Esqueço sua raiva, esqueço minha culpa e a vergonha. Tudo cai, deixando apenas nós.

Soltando a toalha, deixo meus braços caírem para os lados do meu corpo. O ar frio passa sobre minha pele nua e meus mamilos endurecem como picos apertados.

Não sei quem está mais chocado com o que acabo de fazer, eu ou ele? Assisto seus olhos amolecerem e escurecerem ao mesmo tempo. Suas pupilas dilatam quando seu olhar cai entre nós e vagueia pela minha forma nua. Observo seu peito subir e descer em um ritmo mais rápido que o normal, combinando com minha própria respiração irregular.

Merda, eu não deveria ter feito isso.

Quando seu olhar se volta e nossos olhos se encontram, há uma faísca ali, e essa faísca acende um fogo inteiro dentro de mim. Sem pensar, dou um passo à frente ao mesmo tempo

que ele. Nossos lábios se encontram em um beijo furioso, quase punitivo. Existe uma urgência nesse beijo, e é completamente diferente do que experimentei com Sullivan. É raiva e fúria, e sinto que, se não continuar lhe beijando agora, posso entrar em combustão.

Colocando meus braços em volta do seu pescoço, eu o puxo para mais perto. Meus mamilos roçam contra o tecido macio de sua camisa, e quase gemo com a sensação. Suas mãos encontram facilmente meus quadris e ele me puxa para mais perto, tão perto que não resta um milímetro de espaço entre nós. Sinto meu núcleo pulsando, meu corpo derretendo no dele. Sei que ele me quer, a protuberância endurecida em seu jeans me diz isso. Continuamos a nos beijar, seus lábios pressionando os meus, suas mãos me segurando com uma possessividade que me excita e me aterroriza.

Ele morde meu lábio inferior e eu gemo sentindo a mordida profunda no meu núcleo. Eu o quero, preciso dele. O sangue corre em meus ouvidos, e então termina. Como se um balde de água fria tivesse caído sobre mim. Banks se afasta me empurrando para trás. Balanço instável nas minhas pernas. Seus lábios estão molhados e inchados e tudo que quero é passar os dedos sobre eles.

“Não! Você não vai fazer isso comigo,” ele rosna, balançando a cabeça em aborrecimento. “Pode ter funcionado com o Sullivan, mas você não pode usar o mesmo truque duas vezes e esperar que ninguém perceba.”

“Ele te disse?” Eu questiono com voz rouca, a luxúria ainda entupindo minha garganta. Meus lábios incharam e minha pele queimava onde ele me tocou.

Sorrindo, ele diz, “É claro que ele nos disse, somos seus irmãos. Agora mantenha seus lábios e seu corpo para si mesma, porque da próxima vez não pararei. Da próxima vez, vou pegar e levar até não sobrar nada.”

Sem outro olhar, Banks me empurra para fora do caminho e sai do quarto. Trazendo uma mão aos meus lábios, ainda sinto seu beijo lá, o calor do seu corpo queimando o meu e sei que vou pensar nele por um longo tempo.

Capítulo Cinco

Quatro dias se passam sem Banks aparecer. Meu pequeno golpe da toalha deve ter tido algum tipo de impacto nele, porque Banks não me segue mais. Isso não significa que estou autorizada a andar sozinha. Sullivan e Oliver ainda me escoltam em todos os lugares que vou. Até agora, estou me acostumando. Também estou me acostumando com a maneira como as pessoas me encaram e com os comentários arrogantes que se seguem. Acontece que a faculdade é como o Ensino Médio, só que com mais pessoas e menos consequências.

"Onde você vai?" Oliver pergunta, dando um passo ao meu lado. Ele é o mais velho dos Bishops, e acredito que seja o mais inteligente. Quando se trata de quebrá-los, Oliver será o mais difícil. "Este não é o caminho para o seu dormitório."

"Ótimas habilidades de observação, Sherlock. Estou indo para a biblioteca," eu estalo, esperando que isso o detenha o suficiente para que me deixe em paz. Não consigo me concentrar quando um deles está por perto e realmente tenho que escrever este artigo. Não seria um problema fazê-lo no meu dormitório, mas o professor é inflexível quanto ao uso apenas de fontes da biblioteca, por isso é a biblioteca ou a nota baixa.

"Vou ajudá-la a estudar," ele ri e já sei que Oliver fará o contrário.

"Olha, se você não me deixar fazer isso..." Paro, porque não quero parecer fraca ou dar mais munição para eles, mas

também não tenho nada para ameaçá-lo, nem quero. “Vou reprovar nesta matéria se não for à biblioteca e depois terei que sair da faculdade. Como você fará da minha vida um pesadelo se eu não estiver mais por aqui? Hein? ” Eu zombo, a ideia de desistir não seria tão ruim se não tivesse que enfrentar meu pai.

“Vamos segui-la onde quer que você vá,” diz ele com indiferença, como se já tivesse pensado no cenário.

“Mesmo de volta à casa dos meus pais?”

O olhar de Oliver escurece e ele me interrompe no meio do caminho, meu corpo colidindo com o dele, fazendo-me saltar para trás. Sinto que estou caindo quando seu braço circunda minha cintura e ele me puxa para seu peito. “Oh, não vamos deixar que você escape tão facilmente. Terminamos aqui quando dizemos que terminamos, e nem um momento antes. Você entende?”

Assim de perto eu vejo quão bonito Oliver realmente é, maçãs do rosto altas, uma mandíbula forte e afiada e lábios carnudos que te atraem. Seu cabelo é uma massa desgrenhada e brilhante de castanho-avermelhado que eu quero rolar meus dedos através dele.

Inimigo. Valentão. Rival.

Repito dentro da minha cabeça, para deixar de lado os pensamentos indecentes que tenho agora.

“Harlow!” Grita Oliver, e me sacudo do torpor em que estou. O sorriso covarde em seu rosto me diz que fui pega em flagrante.

“Você sabe, pensei que Banks estava brincando quando disse que você se jogou nele, mas eu vejo agora. Esse é o seu problema, não é? Você usa seu corpo para conseguir o que quer? Com quantos caras você dormiu?”

Não consigo deixar de rir da sua pergunta enquanto o afasto. Estou um pouco ofendida e, por uma fração de segundo, penso em dizer que ainda sou virgem, mas esse fato parece pessoal demais para ser compartilhado, principalmente com ele.

“Ah não! Você me pegou.” Levanto as mãos no ar como uma idiota. “Harlow, a prostituta. Apenas saio por aí beijando caras e levando-os para a minha cama para obrigá-los a fazer o que eu quero. Você não ouviu,” eu me inclino em seu rosto estóico, “minha buceta é feita de ouro.”

Sua expressão facial combinada com as palavras que estou cuspindo me envia um riso que faz minha barriga doer. Inclinando-me, seguro uma mão no meu estômago e bufo alto.

“Porra, Cristo,” Oliver murmura baixinho, me agarrando pelo braço e praticamente me arrastando pelos degraus da biblioteca.

“Acho que você não achou graça?”

Passamos por um grupo de pessoas e, mesmo com o movimento rápido, ainda sinto os olhos deles em mim. Depois de subir os degraus, afasto-me do seu aperto e coloco algum espaço entre nós.

“Você não está levando isso a sério, está?” Ele pergunta, sua voz enfraquecida de frustração. Mal sabe ele que sua frustração só me faz sentir melhor. Encolhendo os ombros,

enfio alguns fios de cabelo atrás da orelha. Meu peito ainda arde de tanto rir e subir as escadas. “Isso tudo é um jogo para você. É tudo o que sempre foi. ”

“Acho que não importa realmente qual é a minha resposta. Vocês farão o seu pior, não importa o que eu diga.” Não espero para ouvir a sua resposta. Em vez disso, viro e ando para dentro da biblioteca. *Meu santuário.*

Oliver me segue como se houvesse uma corda invisível amarrada entre nós. Não demoro muito tempo para encontrar um assento e levanto a cadeira para não raspar no chão de madeira.

“Estou lhe dando uma hora, é isso. Então vou colocá-la por cima do ombro e levá-la de volta para o dormitório. Não vou tomar conta de sua bunda a noite toda.” Ele rosna, jogando-se em uma das cadeiras de madeira. Ele quase parece pequeno demais para isso.

“Aww, por que não? Tem outra garota para traumatizar?” Eu sussurro pegando minhas anotações, lápis e livro.

“Não, só você,” diz ele, e de alguma forma suas palavras entram no meu cérebro e me fazem sentir de uma maneira que tenho certeza que ele não pretendia. *Só você.*

Começo a trabalhar no papel estúpido, tentando me concentrar nos livros e não em Oliver sentado ao meu lado. Algumas vezes tenho que me levantar e encontrar livros diferentes para referências, e toda vez que faço isso, Oliver está lá me olhando como um falcão, como se eu fosse alguma criminosa que está prestes a fugir ou algo assim.

Depois de quase uma hora, não estou nem perto de terminar.

Suspirando, coloco meu lápis para baixo. “Você sabe que não *precisa* tomar conta de mim, certo? Não estou nem perto de terminar aqui e é dolorosamente óbvio que você não quer estar aqui. Não entendo por que você tem que me assistir a cada segundo do dia. Não sou criança.” Com as minhas palavras, ele ergue os olhos do telefone, com o qual está brincando na maior parte da última hora.

“Não, eu tenho uma ideia melhor. Você junta suas coisas e vamos voltar para o seu dormitório. Eu lhe dei uma hora do meu tempo, se você quiser mais, terá que ganhar.” Sua expressão é muito séria, nada além de honestidade refletindo em seus olhos e isso meio que me assusta.

"*Ganhar*? O que isso significa? Se você acha que vou dormir com você, então você está mentalmente doente. ”

“ *Pfft*, você teria sorte de ser agraciada com uma experiência tão incrível.”

Eu o encaro, minha expressão em branco. “Não estou ganhando nada. Sou uma pessoa crescida e se quero ficar aqui, então eu vou. Sou uma humana, não um objeto.” Mal termino as palavras antes que ele se levante e estenda a mão sobre a mesa. Oliver reúne meus papéis e lápis, colocando-os na minha mochila ao acaso.

“Pare,” exijo. “Eu não terminei!” Estou vagamente consciente de alguém dizendo *shhhh*, mas estou mais preocupada com Oliver do que com eles neste momento.

"Eu não ligo. Nós estamos indo embora.” Ele resmunga, e eu me preocupo por tê-lo empurrado longe demais desta

vez. Pelo canto do olho, vejo a bibliotecária se levantando da mesa dela. *Oh Merda*! Ela começa a andar em nossa direção, lançando um olhar que diz *cale a boca ou saia*.

"Estou falando sério, não vou. Preciso terminar este trabalho," o repreendo em um sussurro enquanto pego minha mochila.

A expressão de Oliver se torna mortal. "Estou falando sério também. Saia ou vou levá-la para fora." Quero muito dar um tapa nele, mas nesse momento a bibliotecária levanta.

"Vocês dois precisam sair, agora!" A bibliotecária que parece mais velha que o prédio repreende, seu dedo apontando para frente e para trás entre nós.

"Ele precisa sair." Aponto o polegar na direção de Oliver. "Vou ficar. Tenho certeza que você viu que estou trabalhando há uma hora. Ele não está."

Antes que alguém responda, Oliver fecha minha mochila, a balança por cima do ombro e depois se agacha, agarrando meus quadris; ele me joga por cima do ombro como se eu não fosse nada além de um saco de batatas. Começo a chiar como um porco assim que estou no ar.

"Coloque-me no chão, agora!" Eu ordeno.

"Fora!" A bibliotecária exige. "E não voltem mais."

"Eu não fiz nada," eu grito através da biblioteca silenciosa enquanto Oliver me carrega como um homem das cavernas. Estou perturbada, irritada e confusa. Fechando as mãos em punhos, começo a bater em suas costas, mas isso

nem parece fazer efeito. Ele apenas continua andando como se estivesse dando um longo passeio pacífico pelo parque.

“Coloque-me no chão! Ou Deus me ajude, Oliver,” eu rosno.

“Calma ou vou bater em você.”

“Com licença?” Eu chio, sem saber como me sinto sobre isso.

“Você me ouviu.”

“Você não ousaria. Agora me ponha...” Minhas palavras são cortadas pela mão de Oliver quando bate com força na minha bunda.

Puta merda, ele me bateu. Bato nas costas dele com mais força, esperando deixá-lo com hematomas, ou pelo menos algo para me lembrar.

“Eu te odeio!” Eu rosno.

“Claro que odeia,” ele ri no ar da noite.

Estamos no meio do campus quando finalmente desisto, exausta de bater nas costas dele e não chegar a lugar nenhum, apenas desmorono em seu ombro. Então percebo que as pessoas devem ter visto a cena na biblioteca seguida por Oliver me carregando pelo campus em seu ombro. Isso literalmente não poderia ficar pior.

Ele me leva para o meu dormitório, parando no corredor para me colocar no chão. Ainda estou instável, tentando me recuperar depois de ficar de cabeça para baixo no caminho para cá, quando de repente sou empurrada contra a parede.

“Você realmente me odeia, Harlow?” Oliver pergunta, seus dedos se movendo sob o meu queixo para inclinar para cima, forçando-me a olhar para cima e para dentro dos olhos dele. Com todas as planícies duras de seu corpo pressionando contra o meu, é difícil pensar ou respirar.

Minha língua parece pesada. Não consigo formar palavras, há algo de errado comigo, algo muito errado.

Oliver sorri e depois se inclina pressionando seus lábios nos meus. Nossos lábios se chocam como uma maré contra um penhasco. Minhas mãos pousam em seu peito e por um breve segundo considero empurrá-lo para longe. Eu deveria, meu coração já está uma bagunça, minha mente em completa confusão. Lentamente, estão me derrubando, e eu estou deixando.

Contra o meu melhor julgamento, desmorono com a necessidade do meu corpo e, em vez de empurrá-lo, meus dedos se apertam no tecido de sua camisa para puxá-lo para mais perto. Mais uma vez, o beijo é diferente em comparação com seus irmãos. Oliver beija com paixão, com um desejo que você sente profundamente em sua alma.

Toda a raiva que sinto por ele desaparece e é deixada em algum lugar em uma poça no chão. Suas mãos encontram meus quadris, me puxando para ele. Seu pênis endurecido pressiona contra a minha coxa, fazendo minha boca salivar. Meu corpo inteiro pega fogo. Sua língua desliza pelo meu lábio inferior, implorando por entrada e sem hesitação eu separo meus lábios, um pequeno gemido escapando no processo.

No segundo em que nossas línguas se tocam, estou feita. Ele tem gosto de menta doce e frutas proibidas e lembro como tudo isso é errado, mas não posso deixar de querê-lo.

É como se eu estivesse possuída ou algo assim. Como um maldito cachorro no cio, quero os três irmãos.

O sangue em meus ouvidos ruge e mordo o lábio de Oliver, o rosnado que emite da garganta dele dispara direto para o meu núcleo, e eu o agarro com mais força. Isso é ruim, mas é muito melhor do que todas as brigas e ódios. Gosto desse lugar em que existimos no momento, sem ninguém ou nada vivendo no mesmo mundo.

Claro, assim que começo a pensar nisso, o momento entre nós termina.

Oliver se afasta, me deixando sem fôlego, com meus lábios inchados queimando por ele.

“Porra, meus irmãos estavam certos, você tem um gosto pecaminoso, mas estranhamente doce também.” Seus olhos refletem fome e quando ele passa o dedo em seu lábio inferior com o polegar, eu quase me desfaço.

Ele dá um passo para trás para sair e, de alguma forma, encontro minha voz, “Espere, não vá embora.”

“Fique no seu quarto. Se eu descobrir que você saiu, estou espancando essa bunda sexy até ficar vermelha.” Meu olhar se alarga parcialmente porque ele é tão direto sobre o castigo e porque eu meio que quero quebrar as regras só para ver se ele vai fazer isso.

“Mas...”

Ele balança a cabeça e levanta uma sobrancelha em aviso, “Seja uma boa garota agora.” As palavras saem em um sussurro e antes que eu reúna uma resposta, ele se vai,

andando pelo corredor. Olho para as suas costas até que ele suma de vista e suspiro contra a porta.

O que diabos aconteceu?

"Oh meu Deus, você está dormindo totalmente com os três. Uau, você realmente é uma vagabunda. É melhor não te pegar tentando seduzir meu namorado com uma de suas festas de foda." Uma garota que eu não notei de pé no corredor rosna. Horror, choque e nojo refletem em seus traços.

Jesus, há quanto tempo ela está lá? Esfregando uma mão no meu rosto, eu a ignoro, e só então percebo que os meninos estão lentamente piorando os rumores, aparecendo aqui, me beijando, saindo do meu dormitório em momentos aleatórios. Pensei que era ruim tê-los me seguindo, mas agora eles estão me beijando, me tocando, e meu corpo está em curto-circuito.

"Santo inferno," murmuro para mim mesma.

Minha respiração ainda é irregular e meus lábios parecem que estão pegando fogo. Talvez eu devesse prestar atenção ao aviso de Oliver, mas realmente preciso terminar esse trabalho, preciso ir à biblioteca e pedir desculpas à bibliotecária, implorando para que ela me deixe entrar. Procuro minha mochila - minha pressão arterial aumenta - aquele merda levou minha mochila com ele. Nem penso enquanto corro pelo corredor e viro da esquina até a porta.

Aquele idiota com sua estupidamente boa habilidade de beijo me distraiu. Empurrando a porta aberta, saio para a noite, o ar fresco beijando minhas bochechas aquecidas. Olho ao redor do gramado bem cuidado procurando alguém que pareça com Oliver, mas não encontro ninguém.

Está assustadoramente quieto. *Filho da puta!* Descendo os degraus, começo a seguir na direção da biblioteca. Não tenho como ir até a mansão deles, então espero que Oliver não tenha deixado o campus ainda. Ao longo do caminho, silenciosamente me repreendo. Eu sou estúpida, tão estúpida. Deixei meus hormônios me governarem novamente. Tenho que parar de pensar com a minha buceta. Eu não devo gostar dos irmãos Bishop, não devo querer montá-los como Channing Tatum no filme *Magic Mike*.

Presa em meus pensamentos, viro a esquina e colido com outro corpo, um corpo muito maior, muito mais musculoso que o meu. O impacto me faz saltar como uma bola saltitante e aterrissar severamente na calçada de concreto.

“Ugh.” Eu lamento, uma dor irradiando pela minha espinha. Minha noite vai de mal a pior quando encontro Sullivan olhando para mim. Seu rosto se ilumina pelo brilho suave da lâmpada da rua acima de nós.

“Não dissemos para ficar no seu quarto?" Ele acusa, como se eu fosse uma criança saindo furtivamente e ele fosse meu pai.

“A coisa de cavalheiro a fazer seria pedir desculpas e depois me ajudar,” eu cuspo friamente, meus olhos demorando nele um pouco mais do que deveriam. *Pare de encarar*. Pare de olhar, Harlow. Ele coloca as mãos em um par de jeans gastos e uma Henley escura que mostra o peito tonificado e o bíceps perfeitamente.

Aff, por que eles não conseguem parar de ficar lindos e não param de me seguir por aí também? Essas travessuras estão ficando velhas.

“Eu não sou um cavalheiro, mas pensei que você já sabia disso?” O sorriso de menino que ele me dá faz meu coração acelerar. Se esses três não pararem de brincar comigo, vou entrar em parada cardíaca. Sinto que toda vez que escapo da frigideira, um deles me encontra e me joga de volta no fogo. É além de exaustivo.

“Não é essa a verdade,” murmuro baixinho, ainda sinto a dor latejante na coluna, mas empurro e saio da calçada. Limpo as mãos suadas na frente do meu jeans skinny.

“Não preciso de uma babá, então você pode ir e fazer o que seus irmãos fazem quando não estão tornando minha vida um inferno.”

“Você gosta da gente fazendo sua vida um inferno.”

Estreitando meu olhar, eu digo, “Não. Tudo o que quero é ser deixada em paz. Eu vim aqui para esquecer o meu passado, e então você aparece e estraga tudo.”

Sullivan encolhe os ombros esculpidos, “Eu diria que sinto muito, mas não. Você me fodeu naquela noite, Harlow.” Ele dá um passo à frente, sua mão enorme estendendo-se para mim, segurando minha bochecha suavemente. Eu deveria me afastar, voltar para o meu dormitório, mas não posso. Desejo a atenção deles tanto quanto os odeio. E preciso de mais, muito mais.

“Pensei que você era diferente, doce e inocente. Naquela noite, eu tinha certeza de ter visto uma garota que se importava, e então, como uma cobra deslizando pela grama, você mostrou seu verdadeiro eu, afundando os dentes na minha pele, me injetando um veneno desagradável,” ele rosna, e mesmo zangado, Sullivan parece bonito, como uma onda alta e eu sou o litoral em seu caminho.

“Eu...” Minha língua se lança sobre o lábio inferior e seu olhar se afasta no movimento. Os músculos de sua garganta se contraem quando ele engole.

“Você é uma sedutora, e sou fraco, muito fraco para você," ele sussurra, inclinando-se para a frente, seu hálito quente se espalhando pelos meus lábios.

Me beija. Penso comigo mesma, mas então decido me encarregar de subir na ponta dos pés e escovo meus lábios nos dele. Um gemido ressoa de algum lugar profundo dentro dele, e sua mão livre se move para o meu quadril. Minha camisa sobe com o movimento e eu suspiro ao sentir a sua mão na minha pele nua. Ahh, parece celestial.

“Você me quer, não é?” Há uma rouquidão na sua voz e eu aceno com a cabeça, incapaz de formar uma única palavra. Há algo no fundo da minha mente que me diz que é uma ideia ruim, mas afasto o pensamento. Tudo o que quero é me sentir querida, amada, cuidada e, de alguma maneira distorcida, os irmãos Bishop me fazem sentir todas essas coisas, mesmo que não percebam.

Com um cutucão gentil, ele me empurra contra a lateral do prédio e para fora da luz da rua. É mais difícil vê-lo dessa maneira, mas não impossível. Ainda ouço sua respiração pesada e sinto a dureza de seu corpo roçando contra toda a minha suavidade. Tudo é diferente entre nós desta vez, a primeira vez que ele me beijou, ele foi suave, gentil, inseguro. Mas desta vez há uma escuridão que se apega a ele, e quero que essa escuridão me ultrapasse, me reivindique.

Sullivan desliza a mão do meu quadril para cima do meu corpo, até que ele segura meu peito através do tecido sedoso do meu sutiã. Meus joelhos tremem quando lava derretida se

acumula na minha barriga enquanto ele passa o polegar sobre o nó endurecido.

"Às vezes, à noite, quando não consigo dormir, penso em como você é quando chega ao ápice. E me pergunto, se você pensa apenas em mim, ou *em mim* e no meus irmãos?"

"Oh Deus," eu suspiro, meu núcleo apertando em torno de nada além de ar. Quero os dedos dele lá, sua língua, seu... me ocorre então, eu realmente quero que ele seja o meu primeiro?

Todos os pensamentos dentro da minha cabeça se confundem quando ele passa o dedo sobre o meu mamilo novamente e se inclina para frente, salpicando minha garganta com beijos quentes. Beijos que se transformam em algo mais, e logo ele está chupando a carne macia abaixo da minha orelha. Provocando silenciosos suspiros de prazer fora de mim. Como um gatinho minúsculo, eu o arranho, puxando-o para mais perto.

Perdida em minha própria pequena bolha de alegria, não noto quando alguém se aproxima até que uma garganta é limpa ao nosso lado.

Oh meu Deus! Sem pensar, empurro o peito de Sullivan. Ele dá um passo para trás, com o peito arfante, os olhos piscando com o fogo enquanto ele olha para mim com confusão. Sem o seu corpo protegendo o meu, duas garotas aparecem. Ambas têm o mesmo olhar de nojo, e percebo então que também há um cara com elas.

"Você terminou com ela, irmão?"

Eu pisco, e por algum motivo a traição corta profundamente o tecido sensível do meu coração ao ouvir a

voz de Oliver. Ele está com duas garotas. Ele estava com pressa de se afastar de mim para estar com elas.

"Sim, você terminou com isso, Sullivan?" Uma delas ri. Lágrimas brilham nos meus olhos. Eu não consigo impedi-las de se formar, mesmo que queira. Há um sentimento doentio que reveste meu interior por ser pega aqui, deixando que Sullivan me faça sentir como uma prostituta barata.

Algo que parece muito com vergonha cintila nas profundezas dos olhos azuis de Sullivan, mas antes que eu possa lê-lo completamente, uma máscara se encaixa, ultrapassando suas verdadeiras emoções. Ele dá um passo para trás, a luz da rua emitindo um brilho suave sobre suas feições.

"Claro, acabei. Obrigado pela diversão, Harlow." A crueldade em seus olhos me deixa fria, e mal mantenho o controle enquanto ele me dá uma última olhada antes de ir embora com seu irmão e suas groupies. Fechando os olhos, digo a mim mesma que não vou chorar, que não ligo para o que essas meninas pensam de mim ou como os irmãos estão usando minha atração por eles para piorar as coisas.

Depois disso, não me importo com nada, nem com o artigo que preciso terminar, nem com os rumores ou a traição que sinto. Os meninos não são meus, e eu não sou deles, mas parece que algo mudou e não sei como lidar com todos os sentimentos que tenho.

Eles são valentões e sou vítima do tormento deles, então por que sinto vontade de cair de joelhos por eles? Por que parece que o meu coração está sendo arrancado do peito quando os vejo com outra pessoa?

Capítulo Seis

Banks retorna ao dever de Harlow após o embaraço da outra noite. Ele não menciona o nosso beijo, e odeio admitir, mas depois do que aconteceu com Sullivan e Oliver, meio que senti falta dele.

“Por que a cara triste?” Ele pergunta.

Dou de ombros. “Você não deveria estar fazendo da minha vida um inferno? Não me perguntando por que estou triste? Isso meio que acaba com todo o propósito, não é?”

“Talvez eu queira ser o único a deixá-la triste.”

“Não se preocupe, você e seus irmãos são a principal causa da minha miséria, então fique tranquilo, você está fazendo o seu trabalho. Três estrelas douradas para os idiotas que me seguem, como se não tivessem mais nada para fazer com o tempo de vocês.” Hoje é mais difícil esconder o desdém que sinto por eles. Especialmente porque há um chupão gigante no lado do meu pescoço.

Tentei de tudo para encobri-lo, mas nada escondia a mancha roxa e vermelha na minha pele pálida.

“Mal-humorada. Talvez você só precise relaxar um pouco e, novamente, com chupão no seu pescoço, talvez esteja relaxando um pouco *demais*?” Meu rosto paralisa, e estou tão perto de perder o controle e socá-lo, que é assustador.

“Pare de me seguir,” eu rosno e aumento meu ritmo, meus sapatos batendo no concreto. O mundo não estaria girando se ele não pudesse me acompanhar irritantemente, e por um segundo penso em começar a correr. Por outro lado, com as pernas longas e o nível de condicionamento de Banks, não ficaria surpresa se ele corresse em círculos em volta de mim.

Ele descaradamente ignora minha atitude e continua falando como se eu não tivesse dito nada.

“Oh, eu sei a coisa perfeita. Que tal uma festa? Você poderia aprender a viver um pouco. Tudo o que você faz é ir para as aulas e voltar para o dormitório.”

Piscando devagar, estou tentada a dizer: '*eu me pergunto o porquê*,' mas não faço porque não quero me envolver em uma discussão mais do que o necessário.

“Eu vou passar essa. Obrigada por perguntar,” murmuro sarcasticamente. Não há nenhuma maneira de ir a uma festa com ele ou seus irmãos. É praticamente implorar para que algo de ruim aconteça.

“Você quem sabe. Mas não lamente e chore mais tarde alegando que você nunca faz nada.” Sério, ele soa como uma mistura entre meu pai e um guarda da prisão.

“Eu não daria a você o prazer de me ver chorar,” zombo, tentando não notar Banks ou seu corpo tonificado. Meu primeiro erro foi beijá-los, meu segundo foi aproveitar isso, porque agora que os beijei e os toquei, meu corpo pede mais, um calor baixo fervendo no fundo da minha barriga toda vez que eles estão perto.

É fraco, mas também me deixa curiosa.

"Tenha uma noite totalmente deplorável, Harlow," Banks bufa, quando chegamos ao meu dormitório e ele enfia as mãos nos bolsos da frente do jeans. *Não olhe para ele*. Não deixe a a boa aparência dele mexer com sua cabeça. Ele é um valentão, o inimigo, um idiota com um rosto bonito, é isso.

Revirando os olhos, pego minhas chaves e destranco a porta.

"Vá embora e não volte." Eu rosno. Assim que entro no quarto, Shelby pula da cama e corre até mim. Bato a porta fechada no rosto de Banks e sinto uma pequena lasca de poder.

"Surpresa!" Ela grita.

"Ei, pensei que você estaria fora a noite toda?" A saúdo e dou-lhe um abraço rápido.

"Eu sei, mas o show de arte foi transferido para a próxima semana e eu queria vir e surpreender minha melhor amiga porque sinto falta dela e não sou a única surpresa," seu sorriso se amplia. "Fui convidada para uma festa em um barco!" Os olhos de Shelby brilham e ela está radiante como se fosse a coisa mais emocionante que já ouviu. "Uma festa em um barco, Harlow! Não vou aceitar um não como resposta, por isso nem perca seu tempo dizendo isso, e se você estiver preocupada com os meninos Bishop, vou ajudá-la a despistá-los. "

Não consigo parar o suspiro que passa pelos meus lábios. Não quero ir a uma festa, mas também não quero decepcionar Shelby. Os caras estarão lá, não há dúvida sobre isso, e se eu aparecer, eles provavelmente me seguirão. Por

outro lado, não consigo me esconder no meu dormitório sem fazer nada todo fim de semana por causa deles.

Se eu ficar em casa, eles vencem. Além disso, as festas fazem parte da vida da faculdade, certo? Devo aproveitar este momento da minha vida ao máximo.

Shelby cruza os braços sobre o peito e me lança o olhar. Que olhar, você pergunta? Aquele que mostra seu aborrecimento e precede uma palestra de uma hora sobre como eu nem sempre serei jovem e capaz de fazer escolhas idiotas. Sua boca se abre como se ela estivesse prestes a começar a falar, mas eu a interrompo.

“Ok, eu vou,” digo e assisto o rosto dela mudar de severa para surpresa e depois para animada.

“Puta merda, eu estava preparada para falar um pouco de baboseira, e muita persuasão para você ir comigo, mas essa coisa em que você concorda tão facilmente é muito melhor. Se você pudesse ser tão fácil o tempo todo. ”

“Se eu fosse tão facilmente convencida, não seria divertido. ”

“É verdade, e como não precisou de todo o meu tempo para te convencer, agora temos mais tempo para escolher os vestidos,” ela ri e corre para o armário. Quando Shelby começa a arrastar um vestido após o outro para fora do armário e criar uma fila em sua cama, sento-me na beira da minha.

Cruzando as pernas, espero que ela faça minha escolha para esta noite. Meu telefone começa a tocar no meu bolso. Eu temo até olhar para ele, de alguma forma os caras pegaram meu número de telefone e quando não estão

ocupados andando comigo pelo campus, eles me enviam mensagens de texto ou me ligam. Eles são os piores.

“Posso ouvir o telefone vibrando daqui,” diz Shelby por cima do ombro, “quem é? Um dos seus Romeus?”

“Romeus? Você também não. Sabe que não estou com nenhum deles, certo? Eles estão apenas me perseguindo para me dar nos nervos e ficar debaixo da minha pele. ”

“Claro que estão.”

Minhas sobrancelhas franzem em uma carranca. “O que isso significa?”

Ela gira, uma minissaia nas mãos. “Por que você os deixa persegui-la? Já tentou falar com a segurança do campus ou com o escritório do reitor ou mesmo com a polícia? Quer dizer, eles não fazem nada ilegal te perseguindo, mas você não faz nada a respeito, então talvez você não queira ficar com eles, mas também não é como se você os estivesse parando. ”

Porque eu mereço isso. Penso comigo mesma, mas as palavras não saem da minha boca, tenho vergonha de admitir como me sinto. Em vez disso, digo a outra razão pela qual ainda não disse nada. “Você sabe como é, Shelby. Eles têm muito dinheiro, você realmente acha que eles não pensaram nisso? Não fizeram uma doação considerável para a faculdade a fim de garantir que não façam nada? Além disso, no segundo em que direi algo, eles retaliarão fazendo algo ainda pior. ”

“O que poderia ser pior do que o que eles já fizeram? Não é como se eles te machucassem fisicamente. Eles são um bando de cães que mordem o tornozelo.

“Diz aquela que não é seguida por eles em todos os lugares que vai.”

“Você quer que eu diga alguma coisa a eles?”

Passando a mão na frente do meu rosto, murmuro, “Deus não. Deixe-os fazer suas coisas. Eles só ganham se eu deixar. Quando eles virem que eu não reajo, simplesmente desistirão e seguirão em frente. Quer dizer, como pode ser divertido seguir uma garota o dia todo? Certamente eles vão se cansar disso em breve?”

Ela ri, “Não faço ideia. Agora, coloque isso, preciso garantir que tenhamos tempo suficiente para fazer sua maquiagem. Se os irmãos Bishop vão segui-la a noite toda, o mínimo que posso fazer é que eles a desejem mais do que já o fazem.”

“Eles não me desejam. Eles querem arruinar a minha vida. Há uma diferença. "

Ela joga um vestido para mim, “Você não se lembra lá na escola quando eles disseram que os meninos só escolhem as garotas que gostam?”

“Isso não é a escola primária.”

“Não, você está certa, somos adultas, então as apostas são maiores. Eles querem você, Harlow, e acho que você está interessada.”

Antes que eu pense muito no que ela diz, meu telefone vibra novamente no bolso, muito irritada para deixá-lo continuar, finalmente o levanto para ver quem me liga. Juro por Deus, se eles não pararem de me atormentar, serei forçada a fazer algo drástico.

Quando vejo o número do meu pai acendendo a tela, quase suspiro alto. Por que diabos ele está me ligando? Nem uma vez ele tentou falar comigo desde que saí. Nem uma vez e agora ele está explodindo meu telefone?

"Qual dos três mosqueteiros é desta vez?" Shelby pergunta, enquanto aplica sua base com um grande pincel de maquiagem.

"Nenhum, é meu pai," eu digo.

Ela levanta uma sobrancelha curiosa, "Uau, o que ele poderia querer?"

"Não sei, não me importo." Se há uma pessoa com quem eu gostaria de conversar menos do que os Bishops, é meu pai. Apertando o botão de recusa, olho para a tela antes de desligá-la. Seja o que for que ele tem a dizer, não quero ouvir.

◆◆◆

Apesar do meu bom senso, deixo Shelby me escolher um vestido curto, pelo menos não é uma minissaia. Sei que não devo brincar com fogo, mas depois da nossa conversa, as rodas na minha cabeça começaram a girar. Talvez se eu os deixasse tão desconfortáveis quanto eles me deixam, eles recuariam um pouco? Então, novamente, não sei. Desfocar ainda mais as linhas não parece uma boa ideia.

Puxo a parte inferior do material apertado enquanto me sento no carro de Shelby, certificando-me de que estou coberta em todos os pontos importantes.

Não tenho certeza se os caras sabem que saí ou que vou para uma festa. Eles parecem me controlar muito bem. Às vezes até me pergunto se plantaram um rastreador em mim. Os irmãos são tão bons em saber onde estou e quando.

"Estou tão contente. Você não está animada?" Shelby pergunta, e juro que ela deve ter bebido duas bebidas energéticas e ingerido um quilo de açúcar antes de sairmos, porque não há razão lógica para ela pular na cadeira com o sorriso que demonstra.

"Um pouco, eu acho." Dou de ombros. Estou mais nervosa do que qualquer coisa. Principalmente porque não estive em outra festa desde a noite em que os irmãos me confrontaram. Sei que vai ser ainda pior esta noite depois de todos os rumores que foram espalhados sobre mim.

"Vamos nos divertir. Apenas não deixe que cheguem até você. Assim como você disse anteriormente, não deixe que eles a incomodem. De fato, talvez você deva encontrar outro cara, explorar suas opções." Sei que ela está certa, mas não posso evitar. Meu histórico com festas é horrível. Toda vez que vou a algum lugar acaba sendo um desastre. A polícia é chamada, ou sou puxada para os quartos escuros por irmãos emburrados.

A lista continua.

Chegamos ao porto alguns minutos depois e descobrimos que o estacionamento que leva ao píer já está se enchendo. Rapidamente encontramos um lugar e saímos do carro. A primeira coisa que noto é que a maioria dos carros no estacionamento tem um adesivo de estacionamento permanente da Bayshore University no para-brisa traseiro. Eu estava realmente esperando que

houvesse mais pessoas de fora da cidade em vez de toda a faculdade.

O nó no meu estômago cresce e a pressão aumenta quando vejo a garota do meu prédio que me chamou na outra noite.

Este é um começo ruim da noite.

Aparentemente inconsciente do meu humor sombrio, Shelby pega minha mão e me leva até o píer onde o iate está ancorado. A música soa estridente por dentro e as luzes ficam do lado de fora, iluminando a escuridão. O iate já está lotado de pessoas, a conversa delas encontrando meus ouvidos.

"Oh meu Deus, isso é tão bonito," Shelby suspira, sua emoção contagiante. Sorrio enquanto atravessamos a pequena ponte de metal para o barco. O entusiasmo da minha melhor amiga finalmente me alcança e parte da tensão começa a se dissipar.

Entrando no convés brilhante, meus saltos quase não fazem barulho. Shelby me arrasta pelo convés, seguindo uma série de luzes que levam à festa.

"O que você quer fazer primeiro?" Ela pergunta.

"Beber?" É provavelmente melhor ter alguma coragem líquida antes que os irmãos descubram que estou aqui. Shelby joga o cabelo loiro por cima do ombro e começa a me puxar na direção do que parece um bar, a coisa toda cheia de garrafas e copos.

"Pensei que você não viria?" Meu corpo tensiona com a voz grave atrás de mim. Com minha mão ainda conectada à

de Shelby, viro-me para encarar Banks. Estou prestes a cuspir um comentário sarcástico, mas o que quer que eu fosse dizer fica preso na minha garganta quando o vejo parado ali. Parece que ele acaba de sair de um set de filmagem.

Minha boca fica cheia de água e os músculos da minha barriga se contraem. Ele me encara da mesma forma que eu, de maneira aquecida, e juro que é bom estarmos na água, porque tudo pode acender com esses olhares quentes.

Eu bebo ele. Banks está com uma camisa preta de botão com o botão superior desfeito e calça cinza sob medida. Com uma mão no bolso, ele se parece com um modelo que faz pose e, pior ainda, não exige esforço algum. Parece impecável, sem uma única imperfeição, e embora eu também não pareça ruim, não pareço com as outras garotas daqui.

“Não, não,” Shelby levanta o dedo em direção a Banks, “ela está aqui comigo, não com você, então continue e encontre outra pessoa para assediar.”

“Vamos ver quem vou querer assediar mais tarde, por enquanto, você está livre para ir,” diz ele com desdém, como se tivesse controle real sobre mim. É preciso tudo dentro de mim para não atacar e fazer uma cena. Nunca houve um tempo na minha vida em que eu estivesse no controle. Pensei que a faculdade seria minha chance, mas parece que não tive sorte, mais uma vez.

“Se manda, garanhão,” Shelby estreita os olhos e volta para trás, me puxando para a festa. Nem sequer olho para ele quando nos afastamos, em vez disso, deixo Shelby me arrastar pela multidão e direto para o bar. Ela derrama duas taças de champanhe e me entrega uma.

“Apenas esqueça ele,” diz ela, enquanto brindamos nossas taças.

“Saúde,” é tudo o que digo antes de beber todo o conteúdo. Não sou muito bebedora, mas, no momento, ficar um pouco embriagada não parece tão ruim. Talvez me ajude a parar de pensar em homens em que não tenho negócios.

“Agora estamos chegando a algum lugar,” ela sorri, enchendo minha taça mais uma vez. Não engulo esta, mas, mesmo bebendo devagar, não vai durar cinco minutos.

Shelby pega uma garrafa do bar e encontramos um lugar no canto da sala. Estive em um iate uma ou duas vezes com meus pais, mas nunca foi assim. Com tantas pessoas, e grandes quantidades de álcool.

Olhando para a multidão, sinto que todas essas pessoas estão tendo o melhor tempo de suas vidas, todas menos eu. Paro em um daqueles rostos sorridentes, reconhecendo-o. Ela me vê um momento depois que eu a vejo. O sorriso de Caroline se amplia ainda mais quando ela acena para mim. Dou-lhe um aceno sem entusiasmo, antes de voltar minha atenção para a minha bebida.

Como uma boa amiga, Shelby continua enchendo minha taça toda vez que fica vazia. “Pergunto-me a que distância estamos? Estamos na água há um tempo,” pergunta Shelby. Apenas dou de ombros. Não me importo com quão longe estamos, ou o que acontece ao meu redor. Tudo o que quero é aproveitar a noite e continuar bebendo meu champanhe em paz. O líquido borbulhante faz a dor no meu peito ir embora e o substitui por um sentimento confuso.

“Falando em água, preciso fazer xixi. Quer vir?”

“Não, estou bem. Prefiro continuar bebendo.”

“Ok, não se mova, já volto.” Concordo com a cabeça e a vejo ir embora, desaparecendo mais fundo no iate.

“Ei,” uma voz masculina chama, seguida por um leve toque no meu ombro nu. Viro-me um pouco rápido demais, perdendo o equilíbrio no processo e acabo aterrissando nos braços do cara, bem, mais como o rosto plantando em seu peito, mas é a mesma coisa eu suponho.

“Oh, me desculpe,” peço desculpas segurando seus antebraços para me firmar. “Sou tão idiota.” Eu pisco para o pedaço de cabelos loiros e olhos azuis me segurando.

“Está tudo bem,” ele ri, e noto o brilho de diversão em seus olhos, “eu ia perguntar se você queria dançar, mas isso também é legal.”

O garoto misterioso cheira a perfume caro, e mesmo não sendo um dos irmãos Bishop, ele é bonito.

Uma risada nervosa me escapa e, por um momento, esqueço porque não queria vir aqui. Isso é divertido, a bebida, a mistura e a quietude do oceano ao nosso redor.

“Dançar seria bom também,” tento dizer com uma voz sedutora e um sorriso real puxando meus lábios. As palavras saem arrastadas e decido que talvez seja hora de deixar o champanhe por um tempo.

“Obrigado cara, eu assumo daqui,” uma voz familiar interrompe, acompanhada por um braço sendo enrolado em volta dos meus ombros. Olho de soslaio e vejo Sullivan, que me puxa para perto dele, longe do cara legal com quem eu

falava. Seu toque parece protetor, mas até eu sei que não devo assumir que esse é o seu motivo.

Sullivan está tramando algo e isso não é bom.

Ainda assim, não consigo deixar de notar como ele é delicioso, como um pedaço de pão de queijo esperando para ser devorado. Sullivan está vestido algo parecido com Banks, sua camisa de um vermelho marcante, o que parece adequado, já que eu quero fazê-lo sangrar agora.

O garoto misterioso se afasta, olhos arregalados, enquanto levanta as mãos. “Desculpe, não sabia que ela estava com alguém.”

“Isso é porque não estou,” grito, empurrando o lado de Sullivan, o que faz com que ele abaixe o braço. Seus lábios se transformam em um sorriso cruel e, para qualquer pessoa, parece que ele está prestes a rir, mas não para mim. Não, posso ver o monstro do mal à espreita por baixo, esperando para sair e brincar.

Ele quer me machucar, e mesmo que eu mereça, me dói não poder ter apenas uma noite para mim.

“Não é sua culpa, cara, ela gosta de me deixar com ciúmes dormindo por aí. Sem ressentimentos. Vou ficar de olho nela pelo resto da noite, para garantir que ela não chupe outro cara aleatório no banheiro *novamente*.” Sullivan diz dramaticamente.

Minha boca se abre, o choque me ultrapassando.

Mas. Que. Porra?

Os olhos do outro cara se arregalam pra fora, se possível, suas bochechas vermelhas, antes que ele murmure uma desculpa e se afaste. Uma vez que o pobre rapaz está fora de vista, viro-me para Sullivan com os punhos cerrados, a raiva queimando nas veias.

"Quem diabos você pensa que é?" Eu grito, empurrando seu peito com as duas mãos. Espero que ele diga algo, que faça alguma coisa, qualquer coisa, mas, em vez disso, ele inclina a cabeça para trás e começa a rir, e não apenas uma risada normal. Esta é uma de deixar a barriga doendo, se acabando de rir. Se ele queria me envergonhar, me fazer sentir suja, então ele conseguiu novamente.

"Você é um pedaço de merda, Sullivan, e gostaria de nunca ter te beijado naquela noite. Me desculpe pelo que aconteceu, ok? Me desculpe, mas isso? Isso é demais. Não importa que te machuque, mas nada merece isso. Nada." Eu rosno e o empurro novamente. Minha pequena explosão está chamando a atenção e já ouço os sussurros ao redor. Girando em torno de mim, começo a me afastar, mas dou menos de um passo antes que a mão de Sullivan caia no meu ombro, me detendo.

"Terminamos, quando eu disser..." Todo pensamento lógico sai pela janela, tudo o que sinto é raiva, uma fúria ardente e antes que eu perceba o que estou fazendo, minha mão se move pelo ar. Mesmo acima da música, posso ouvir um tapa alto de pele na pele enquanto minha palma faz contato com sua bochecha. A dor percorre minha mão, mas não me importo se isso machucá-lo.

Suas palavras me machucaram mais do que ele jamais poderia saber. O golpe faz com que ele dê um passo para trás e, pelo canto do meu olho, vejo seu olhar se arregalar, suas

sobrancelhas erguendo-se até a linha do cabelo com choque. Como um peixe arfando, sua boca se abre. Levando a mão à bochecha, ele toca a marca vermelha deixada para trás como se não pudesse acreditar que realmente lhe dei um tapa.

Há um aperto no meu peito e parece que meu coração está partido. Aqueles olhos azuis - que vi cheios de compaixão e talvez até bondade no passado - se enchem de raiva.

"Me deixe em paz. Terminei com seus jogos," digo me sentindo derrotada e, desta vez, quando me viro para ir embora, ele me deixa. Meus olhos queimam com lágrimas não derramadas, enquanto atravesso a pista de dança lotada, empurrando quem não se move rápido o suficiente para sair do caminho. Não tenho certeza se minha noite pode piorar, mas depois piora.

Logo antes de sair, vejo Oliver e Banks descansando em um sofá de couro perto da porta. Cada um deles tem uma garota aconchegada ao lado. Sei que não devo me incomodar muito em vê-los com outras garotas, inferno, isso não deve me incomodar, não depois do que aconteceu. Mas não posso evitar a picada de ciúme que me atravessa. É como se alguém derramasse ácido no meu peito e estivesse sendo dolorosamente queimada de dentro para fora.

Ambos olham quando me aproximo. Meu peito se agita e sinto que não consigo ar suficiente nos pulmões. Oliver encontra meus olhos primeiro, seu sorriso presunçoso se transformando em uma carranca, mas não sei por quê. Antes que eu possa estudar sua expressão ainda mais, a loira de pernas longas desliza em seu colo e cobre seus lábios com os dele.

Lábios que beijei apenas alguns dias atrás. Lábios que ainda sinto nos meus.

Aperto minhas mãos em punhos cerrados e olho para Banks, suas sobrancelhas são unidas quase como se ele estivesse preocupado. Não faz sentido, nenhum deles realmente se importa. Cavei meu próprio buraco e deixá-los me beijar, me tocar, me enterrou mais fundo. Incapaz de ficar ali e olhar para eles por mais um segundo, começo a sair pela porta.

"Está certo. Corra, garotinha," a bimbo[2] no braço de Banks me chama. Não lhe dou uma segunda olhada. Ela não vale a pena. Não vale a raiva. A dor. Ela merece Banks. Apenas empurro a porta para a noite fria de setembro. A embriaguez que senti momentos atrás desaparece completamente. A realidade de tudo me atinge e é mais preocupante do que um balde cheio de água gelada chovendo em mim.

Envolvendo os braços ao meu redor, tento me manter unida de várias maneiras. Não quero estar aqui agora, neste barco estúpido. Sentindo o pânico, começo a andar pelo convés, olhando para a vasta escuridão do oceano. Estamos tão longe que nem vejo uma única luz passando pela água.

O vento está frio e mal ter alguma coisa vestida não ajuda a me manter aquecida nem um pouco, mas prefiro congelar até a morte aqui do que voltar para lá novamente. Espero que Shelby perceba que estou desaparecida, saia e me encontre em breve.

[2] Uma mulher vistosa e não inteligente que procura um homem rico apenas por dinheiro, e não por amor

Voltando ao final do iate, me escondo na escuridão e solto a dor que está pintando meu interior. Lágrimas começam a cair pelas minhas bochechas, mesmo que eu diga às bastardas para ficarem dentro. Colocando as mãos no corrimão de metal frio, deixo minha cabeça cair para frente.

Como minha vida ficou tão triste?

A pergunta está me ocorrendo há algum tempo. Como isso aconteceu? Foi tudo culpa minha? Meu pai? Ou talvez não tenha sido culpa de ninguém e todos precisamos viver com as cartas que recebemos? De alguma forma, eu não acho isso.

Uma lágrima atrás da outra cai em meu rosto e entra no oceano azul escuro abaixo de mim. Tudo que quero é que alguém me abrace. Me abrace e me diga que vou ficar bem, que tudo vai ficar bem.

Um vento forte sopra no meu cabelo e mordo meu lábio para reprimir o soluço ameaçando rasgar da minha garganta. Sou arrancada do meu abraço sonhador por um forte empurrão por trás.

Tudo se desenrola tão rápido que não tenho nem um segundo para reagir. Em um momento, estou de pé ao lado da grade, e no outro, sou empurrada pela borda, voando pelo ar frio.

Um grito estridente arranca do meu peito, passando pelos meus lábios um momento antes do meu corpo atingir o mar implacável.

A dor ondula através de mim no impacto, petrificando meus ossos enquanto uma escuridão aterrorizante me engole inteira. O pânico agarra todas as células do meu

corpo, roubando meu cérebro de qualquer pensamento, exceto um. *Sobreviva.*

É preciso tudo dentro de mim para afastar a sensação de mil agulhas formigando na minha pele que a água gelada me deixa. Meus pulmões queimam, implorando, pedindo ar. Fechando os olhos, supero a rigidez em meus membros e começo a chutar minhas pernas com a força que me resta. Empurro e empurro, dando tudo de mim, mas se aprendi alguma coisa, é que às vezes dar a algo ou alguém tudo que você tem pode não ser suficiente.

Capítulo Sete

Meu peito contrai os músculos com tanta força que mal consigo respirar. Tento engolir, mas minha garganta e pulmões doem tanto que parece que um elefante está sentado no meu peito.

De alguma forma, meus pulmões funcionam, embora pareça que respiro através de um canudo. A escuridão ainda me segura, suas garras profundamente no meu subconsciente, recusando-se a me deixar abrir os olhos.

Enquanto não consigo abrir os olhos, meus ouvidos ainda funcionam. Há vozes ao meu redor, a maioria das quais não reconheço. Há um suspiro e uma enxurrada de sussurros que flutuam ao meu redor como nuvens correndo pelo ar.

Duas vozes se destacam, atingindo profundamente dentro de mim, fazendo meu coração raso se transformar em um galope duro.

“Ela está respirando!” Oliver exclama. Posso ouvi-lo ofegante, tentando recuperar o fôlego e me pergunto o que aconteceu. Há uma mão segurando meu rosto e, de alguma forma, eu sei que é a dele. Quero acariciar seu toque, afundar em seu calor, mas não posso. Não consigo me mexer. Parece que estou flutuando apenas me agarrando a este mundo.

“Harlow, você pode me ouvir?” A voz de Sullivan acaricia meu ouvido. Há um pedido na voz dele, dizendo que ele está preocupado, e tento o meu melhor para responder, ou pelo

menos, abrir meus olhos, mas também não consigo. Meus lábios se abrem, minha boca se abre, mas as palavras nunca vêm.

Tudo o que tenho são meus dentes batendo juntos. Só agora, com o toque da mão de Oliver, percebo como estou com frio. Mais do que frio, estou congelando.

“Precisamos deixá-la seca e aquecida,” diz Banks, bem ao meu lado, duas mãos fortes esfregando meu braço.

Um segundo par de braços fortes desliza por baixo de mim e me levanta no ar. Meu corpo se enrola como se estivesse fora de instinto e minha cabeça cai contra um ombro firme.

“Tudo vai ficar bem. Peguei você,” Sullivan sussurra na concha do meu ouvido enquanto me segura no seu peito.

Estranhamente, é tudo o que preciso ouvir para saber que tudo ficará bem. Ele disse que me pegou e, pela primeira vez, acredito, porque sei que, no fundo, Sullivan não deixou nada acontecer comigo. Nos braços dele, estou protegida, segura e salva, pelo menos por enquanto. Deixo o sono me puxar para baixo mais uma vez. Mesmo na escuridão, sinto-me segura sabendo que ele está me segurando.

A consciência volta lentamente e a frieza que ameaçava comer meus membros desaparece. Meu corpo ainda dói por todo o lugar, mas a água gelada foi substituída por algo quente, que cheira delicioso e que me faz derreter em uma poça de mingau. Eu tento me esticar, mas meus músculos estão rígidos e formigando como se eu estivesse deitada errado. Um gemido de dor escapa dos meus lábios enquanto tento me mover.

“Merda,” ouço a voz de Sullivan bem no meu ouvido. É tensa e cheia de contenção. “Ela está moendo a bunda por cima do meu pau.”

“Não acho que ela esteja fazendo isso de propósito,” Banks ri.

“Diga isso ao meu pau, imbecil.”

“Apenas pense em outra coisa,” Oliver fala. “Ou podemos trocar de lugar, se isso for muito *difícil* para você.”

“Engraçadinho. Estou bem aqui. Vou lidar com as bolas azuis mais tarde. Você já fez sua parte pulando para salvá-la. Quando vamos voltar para a terra, e para onde diabos Shelby foi?” Sullivan rosna.

Me salvar? Oliver me salvou?

“Acalme-se. Mandei-a buscar algo quente para Harlow beber e tentar encontrar roupas secas para ela.”

Meus olhos ainda parecem incrivelmente pesados, como se houvesse pedras sobre eles, e agora que o frio se dissipou, sinto cada dor, mas intensificada em vinte por cento.

O que aconteceu comigo?

“Por que ela faria isso consigo mesma? Fomos realmente tão horríveis com ela? A morte é melhor do que nós?”

Por um momento estou confusa. Do que estão falando? Eu não me machuquei. Nunca faria isso. Muito parecido com as ondas que batem contra uma praia, empurrando e puxando a areia, minhas memórias começam a ressurgir em minha mente.

Tapa em Sullivan.

Saindo.

Chorando.

Alguém me empurrando para fora do barco e na água.

Oh meu Deus. Eu quase morri.

"Não sei, Sullivan, talvez tenhamos calculado mal essa coisa toda. Ela parecia muito ruim quando fugia de lá," diz Banks.

"Se você me perguntar, fomos mais gentis com ela do que sua família já foi conosco." Sullivan diz, desta vez. "Mas não sei, talvez você esteja certo. Talvez tenhamos levado as coisas longe demais."

"Parem. Ainda não sabemos de nada, até ela acordar." Oliver diz, em voz baixa, uma voz que diz que sua palavra é final.

Cavando fundo, encontro forças para abrir os olhos. Demora o que parece levar horas, mas acho que não demora mais de um minuto. Pisco algumas vezes, meus arredores aparecem. Ainda estamos no barco, o que posso dizer pelo leve movimento de sacudir, mas estamos no que parece ser uma das cabines abaixo do convés.

O quarto é pequeno e com os três irmãos dentro dela, parece ainda menor. Banks está sentado em uma cadeira à minha esquerda, e Oliver está sentado na beira da cama. Uma garganta clareia e levanto a cabeça um pouco, descobrindo que estou deitada em uma cama com Sullivan de conchinha, com os dois braços firmemente em volta de

mim. Balançando um pouco, sinto um tecido macio contra a minha pele nua.

Nua? Estou nua.

Como se ele pudesse ler o horror no meu rosto, Banks diz: “Tivemos que despi-la. Não a tocamos e não olhamos mais do que o necessário quando precisávamos, prometo.” A piscadela que ele me dá é uma que tenho certeza de que é para aliviar a tensão, mas não alivia.

“Sim, você estava congelando, seus lábios estavam azuis e sua pele pálida.” Oliver diz, e meu olhar se volta para ele. Posso ver a dor em seus profundos olhos castanhos, mas não entendo. Não sei por que eles se importam se eu vivo ou morro? Eles certamente não se importaram mais cedo com isso. Meus olhos se fecham por um momento enquanto tento reunir meus pensamentos. Não consigo pensar nisso agora. Quase morri, alguém me empurrou para fora do barco.

“Eu... eu não pulei.” Eu resmungo, minha garganta ficando crua, minha voz soando como a de outra pessoa e não a minha.

“Estamos felizes que você esteja bem.” Banks sussurra, sua voz grossa como mel. Fracamente, viro a cabeça e olho para ele, o azul de seus olhos brilha com raiva e tristeza, as duas emoções girando juntas, sangrando uma na outra.

“Alguém me empurrou... eu não sei...” Minha voz falha novamente e a dor enche meu peito. Quem me empurraria? Quem me odeia o suficiente para me querer morta?

Antes de tudo isso, eu teria pensado que foram eles? Mas então por que eles me salvariam? Não faz sentido.

“Shhh, podemos conversar sobre isso mais tarde.” Sullivan acalma. Quero dizer a ele que vou falar sobre isso agora, mas estou exausta demais para me importar ou para revidar. Deixo o calor do seu corpo me envolver. Envolve-me como um cobertor, segurando todos os meus pedaços quebrados. Lentamente, eu o respiro, ele cheira a chuva e cítricos, acalma a dor que se forma no meu peito.

Fechando os olhos novamente, não demora muito para o sono me arrastar novamente. Desta vez, é mais leve e despreocupado. Como se eu estivesse apenas tirando uma soneca da tarde em vez de me recuperar de um quase afogamento.

A próxima vez que acordo, estou sendo carregada do barco. Não consigo nem mexer os braços porque todo o meu corpo está enrolado em um cobertor. Piscando meus olhos abertos, olho de soslaio e vejo que Banks é quem me carrega dessa vez. Encaro-o por um longo momento, observando suas características. Sei que é estúpido e que tenho outras coisas muito maiores com que me preocupar, mas meio que quero beijá-lo. Só para ver se tudo isso é real, se eu quase morri, se eles realmente me salvaram.

“Onde você pensa que está levando-a?” Shelby chia. Ela parece sem fôlego, como se estivesse correndo ou algo assim.

“Precisamos levá-la para o hospital,” rosna Banks, seu tom afiado. Sua resposta me tira do meu estado de sonho e começo a entrar em pânico.

“Não,” eu resmungo. “Sem hospital.” Seu ritmo diminui quando ele ouve minha voz, preocupação gravada em seus belos traços.

“Por favor, eu só quero ir para casa e dormir," imploro. A última coisa de que preciso é ir ao hospital, porque então meu pai será chamado e prefiro morrer a lidar com ele agora.

Eventualmente, Banks para de andar, seu olhar revirando. Quando sigo seu olhar, encontro Sullivan, Oliver e Shelby, todos ao nosso redor.

“Eu disse que ela não iria querer ir. Ela odeia hospitais,” diz Shelby, com toda a verdade, e os braços cruzados sobre o peito.

“Você tem certeza?” Sullivan pergunta, olhando para mim, suas sobrancelhas juntas enquanto examina meu rosto, como se estivesse escondendo todos os meus segredos.

“Eu prometo. Estou bem. Já me sinto melhor. Nada que sopa, e o sono não possam consertar.” Os caras trocam um olhar, o que é esse olhar, eu não sei. Não consigo nem explicar. É como se eles concordassem com algo sem ao menos falar.

Todos os três acenam com a cabeça e então Sullivan fala: "Tudo bem, mas você vem conosco.”

“O quê?” Shelby praticamente grita.

“Ela vem conosco, pelo menos até se sentir melhor,” anuncia Sullivan, o que apenas parece irritar Shelby.

“Espere, você está me dizendo que a levará para sua casa? Vocês, caras? As mesmas pessoas que a odeiam?”

“Nós não a odiamos,” Banks intercepta.

"*Pfft,* poderia ter me enganado, provavelmente foi um de vocês que a empurrou para fora do barco." A afirmação é ousada, e seja qual for a resposta que Shelby tenta tirar deles, ela recebe porque Oliver dá um passo ameaçador em sua direção, com o dedo apontado para ela.

"Ah, sim, por que vou empurrá-la para fora do barco e arriscar minha vida pulando nas mesmas águas para salvá-la, para quê? Por diversão?" O rosto de Oliver se torce, transformando-se em algo que nunca vi antes.

Shelby rosna, "Não sei, talvez? Parece que tudo isso é um jogo para vocês. Quem disse que você não a quer morta? Ou talvez você queira apenas interpretar o herói? "

Uma cruel bolha de risada passa pelos lábios de Oliver, "Se a quiséssemos morta, ela já estaria morta."

Ok, então eu senti essa no coração.

"Chega vocês dois." Sullivan late, "Já foi decidido. Ela vem conosco." Ele se vira para Shelby, que revira os olhos.

"Você não a possui. Nada foi decidido. Eu cuidarei dela." Ela argumenta e juro que a vejo bater o pé com raiva.

"Shelby, está tudo bem. Eu vou com eles."

"Tudo bem" ela finalmente bufa. "Mas é melhor não machucarem você," ela dá a todos um olhar severo, que diz não brinque comigo ou com minha amiga.

"Você está bem?" Banks se inclina, sussurrando no meu ouvido.

Estou bem? Alguém tentou me matar. Eu não sei. Não tenho forças para lutar com ninguém agora. Tudo o que sei é que não quero ir ao hospital e, se isso significa que tenho que ir com eles, então irei.

"Podemos simplesmente ir?" Seu aperto em mim aumenta e posso sentir a tensão em seus músculos. Ele me dá um sorriso torto que normalmente me deixa toda confusa por dentro.

"Claro, princesa." Ele diz e começa a andar novamente.

"Cara, onde você está indo?" A voz de Oliver filtra meus ouvidos.

"Para a casa. Se querem ficar e argumentar, podem ficar, mas estou levando nossa garota para casa. Ela precisa de um banho quente, descanso e algo para comer.

"Se algo acontecer com ela, vou atrás de vocês três!" Shelby grita, em algum lugar distante, mas tudo em que consigo me concentrar é nas palavras de Banks:

"Vou levar nossa garota para casa."

Nossa garota

.

◆◆◆

Quando chegamos à mansão, estou alerta o suficiente para andar sozinha, mas Banks sendo arrogante insiste em me carregar.

“Você nem está usando sapatos,” ele aponta e olho para os meus pés, meus dedos balançando livremente. Acho que ele está certo, não quero mais ser uma donzela em perigo. Eu quase morri, mas minhas pernas ainda funcionam.

Oliver caminha em frente e abre a porta para nós. Entrando, Sullivan acende as luzes à medida que avançamos. É estranho estar sozinha com os três, quase íntimos, como se estivéssemos em nosso mundinho secreto, onde não precisamos nos odiar.

“Tudo bem, vou tirar essas roupas molhadas e entrar no chuveiro. Saio daqui a pouco,” Oliver diz, antes de desaparecer pelas escadas. Assim que ele está fora de vista, sinto esse puxão estranho no meu coração. Como se por estar longe dele, eu estivesse perdendo um pedaço da minha alma.

Algo clica no meu cérebro, então. Oliver salvou minha vida. Ele pulou no oceano no meio da noite e de alguma forma me encontrou, me puxando para fora.

Pensar que uma vez não chegaria em casa, então deixo passar pela minha cabeça novamente.

Ele salvou minha vida.

Oliver salvou minha vida. Minha mente ainda se recupera dessa revelação quando Banks e Sullivan me levam para o andar de cima e para o banheiro anexado a um dos quartos de hóspedes.

Observo Sullivan ligar a água e derramar um pouco de sabão, enquanto Banks se senta na beira da banheira, ainda me embalando em seu peito, embrulhada em um cobertor como um bebê recém-nascido. Observo a água cair na

imensa banheira de canto, as bolhas formando pequenas nuvens como montanhas, à medida que se enchem. Quando está quase na metade, Banks começa a retirar o cobertor.

"O que você está fazendo?" Eu suspiro, agarrando o cobertor como se fosse minha barreira protetora. Meio que acho que é, porque é a única coisa que me protege dos olhos deles.

"Você vai tomar banho com o cobertor ao seu redor?" Banks pergunta, sua sobrancelha grossa levantada curiosamente. Balançando a cabeça, sinto minhas bochechas começarem a esquentar.

"Não. Mas posso tomar banho sozinha."

Banks troca um olhar incrédulo com Sullivan antes de balançar a cabeça. "Não acho que você deva ficar sozinha agora."

Apertando minha mandíbula, eu digo, "Eu te disse. Não tentei me matar. Alguém me empurrou. Não estou inventando isso. Eu juro. Alguém me empurrou para o alto mar. Num minuto eu estava lá e no outro estava na água."

"Você viu quem era?" Pergunta Sullivan, seu olhar colidindo com o de Banks. É quase como se eles se comunicassem de um jeito estranho, e o que quer que estejam pensando ou dizendo, não querem que eu saiba.

Ainda mais estranha é a reação de Sullivan, é como se ele acreditasse em mim.

"Não. Eu estava segurando a grade com vista para a água e alguém me empurrou por trás. Não ouvi ou vi alguém chegando."

Lembrar isso me faz tremer. Quem iria querer me machucar? Ninguém além dos Bishops, mas os irmãos não fizeram isso, eles me salvaram.

“De qualquer maneira, você quase morreu esta noite, e não deveria estar sozinha agora. Deixe-me ajudá-la a entrar na banheira e depois nos sentaremos no chão para te fazer companhia.”

Mordendo meu lábio inferior, eu o contemplo. Acho que eles já me viram nua, Sullivan me segurava debaixo do cobertor, e deixei que ele me sentisse excitada na outra noite, então não há realmente nenhuma razão para ser tímida agora.

“Ok, mas não olhe... quer dizer, para mim... de novo,” digo de repente me sentindo constrangida. Não sou nada espetacular de se olhar, nada como as garotas com quem eles estavam hoje à noite. Meus quadris se alargam e minhas coxas estão um pouco grossas, meus peitos são bem estelares ou pelo menos foi o que me disseram. Sou baixa, com cabelos da cor do sol, mas não sou nada especial e, no entanto, Banks e Sullivan me olham como se eu fosse.

Banks me ajuda a levantar e me liberta do cobertor. Minhas bochechas parecem pegar fogo assim que o tecido é puxado. Como prometido, nenhum deles olha diretamente para mim quando entro no banho com as pernas trêmulas. Nunca na minha vida pensei que estaria nessa situação. Os irmãos Bishop deveriam ser meus inimigos, e ainda aqui estão cuidando de mim.

Banks coloca as mãos nos meus braços para me firmar até que eu esteja submersa na banheira. A água quente acalma meus músculos doloridos imediatamente e afundo na água borbulhante com um gemido suave.

“Suas costas estão machucadas um pouco. Posso colocar um pouco de creme de arnica quando você sair, se quiser?” Pergunta Sullivan, enquanto ele e Banks se sentam no chão ao lado da banheira. Não sei ao certo o que é creme de arnica, mas tudo o que ele quiser esfregar em mim agora parece bom. Meu corpo inteiro é uma grande bagunça dolorida.

A água enche até quase na beira, antes de Sullivan se levantar e desligar. Por alguns minutos, apenas mergulho na água e deixo a tensão escoar do meu corpo.

“Você quer chamar a polícia? Se alguém tentou te matar...” Sullivan repentinamente quebra o silêncio.

“Não,” eu o interrompo. “Não quero chamar a polícia. Primeiro, não tenho nada a dizer. Não vi nada, além de estar bebendo... bebendo e ser *menor de idade*. Eu já sou o centro das atenções na faculdade, não há necessidade de piorar as coisas. Talvez quem me empurrou não quisesse me matar. Ou quem sabe tenha sido apenas uma piada que foi longe demais? Não sei, mas não quero fazer nada que possa adicionar aos meus problemas.”

“Você realmente acredita nisso?” *Não*, mas quero acreditar que isso é tudo, porque a alternativa é assustadora demais para considerar.

“Não sei em que acreditar, mas sei que quero que isso acabe. Quero ser uma estudante universitária normal e esquecer que tudo isso aconteceu. Provavelmente sou o motivo de chacota do campus agora.” Franzo a testa olhando para a água borbulhante. “Bem, mais do que já era.”

“Olha...” Olho para Sullivan. Aquelas esferas azuis dele sangram nas minhas, fazendo meu coração pular uma

batida ou cinco. Quase consigo ver o pedido de desculpas se formando na ponta da língua. Balanço a cabeça levemente, esperando que ele entenda. Não quero desculpas. Eu deveria me desculpar. Tudo isso é culpa minha.

"Você deve ficar aqui por alguns dias," interrompe Banks. "Se alguém realmente te empurrou, talvez não seja mais seguro para você nos dormitórios."

Logicamente falando, ele não está errado, se não era apenas uma piada doentia, isso significa que alguém está querendo me matar, mas quem?

"Vocês realmente não me querem aqui, todos sabemos disso." Desvio o olhar para que eles não possam ver a tristeza piscando nos meus olhos. Tenho vergonha de como sou fraca por esses homens, o quanto os quero, quando sei que não devo.

"Se não quiséssemos você aqui, pediríamos que fosse embora, você deve saber disso. Eu quero que você fique, e embora eu não possa falar pelos meus irmãos, tenho certeza que eles sentem o mesmo."

"Sentem o mesmo sobre o quê?" Oliver diz, entrando no banheiro, gotas de água grudadas em seus cabelos. Ele parece limpo e feliz.

"Harlow ficar aqui por enquanto," explica Sullivan. "Banks acha que ela não deve voltar aos dormitórios se alguém está tentando matá-la e concordo com isso. Assim tornaria mais fácil vigiá-la."

"Sim, eu também concordo," Oliver diz, sem pensar.

“Está resolvido, ela fica,” ele decide, batendo as palmas juntas.

“*Mhm,ela* está bem aqui, e *ela* deve ter uma opinião sobre onde *ela* vai, certo?” Eu digo no banheiro, sabendo muito bem que todos vão discordar de mim.

“Não!” Todos os três dizem quase ao mesmo tempo. Cada um de seus rostos tem a mesma expressão, uma mistura entre *brigar comigo* e aborrecimento.

“Tanto faz.” Reviro os olhos e afundo um pouco mais até que estou com o queixo na água. Se eles querem que eu fique aqui como num hotel pelos próximos dias, que assim seja. Não é como se eles não tivessem espaço para uma pessoa extra e não vou mentir, isso é muito melhor do que os chuveiros do dormitório. Permito-me mergulhar um pouco mais enquanto os três ficam de pé e pairam sobre mim meditativamente, como se alguém pudesse me pegar no banheiro de hóspedes. É meio fofo quão protetor eles estão sendo. Quase o suficiente para me fazer esquecer seus modos intimidadores.

Quando é hora de sair do banho, é tão estranho quanto entrei. Os caras meio que desviam o olhar, mas insistem em me ajudar. Sullivan me envolve em uma toalha grande e fofa e antes que eu possa dar um único passo, ele se inclina para me pegar. Nem digo nada sabendo que ele não vai ouvir. Qual o sentido de desperdiçar minha energia?

Eles querem me tratar como uma fina porcelana, então eu deixo.

Voltamos pelo quarto de hóspedes, mas em vez de me colocar na cama como esperava, Sullivan continua andando até estarmos em outro quarto, um que deve ser dele porque

cheira a ele. É vagamente familiar e percebo que é o mesmo quarto que os irmãos me encurralaram na noite da festa. Só que agora as luzes estão acesas e posso ver o conteúdo do ambiente. Lençóis escuros, paredes cinza, uma cama de ferro forjado, perto do chão. O quarto grita masculinidade.

Chegando à cama, Sullivan me senta na beira dela e afundo no colchão de espuma com memória. Parece o paraíso. Penso em tirar a toalha e deixar o colchão me engolir inteira quando Sullivan se aproxima da cômoda e tira uma camisa e um short. Meus olhos estão pesados e meus músculos doem. Está começando a parecer mais como se eu tivesse caído de um lance de escadas e menos como se fosse empurrada para o lado de fora de um barco.

“Você vai ficar aqui hoje à noite,” diz ele, voltando para a cama e colocando as roupas ao meu lado.

“Eu sei, já discutimos isso,” digo no meio do bocejo. Nossos olhos se encontram e há um calor em seu olhar que nunca vi lá antes.

“Não, eu quero dizer aqui. Você vai ficar aqui, na minha cama hoje à noite. Amanhã você ficará com Banks e depois com Oliver. Vamos revezar.”

“Espere, o quê?” Eu aperto minha toalha, precisando de algo para me manter nessa realidade, porque o que ele acaba de dizer não faz sentido.

“Seus sonhos estão se tornando realidade, princesa, você vai dormir com cada um dos irmãos Bishop,” brinca Banks da porta e dou a ele um olhar descontente.

Pfft, este não é o meu sonho. Totalmente não é o meu sonho. Não sei do que ele está falando.

“Não. Tem que haver três quartos extras nesta casa. Vou apenas pegar um desses. Não preciso de babá enquanto durmo.”

Sullivan balança a cabeça, suas feições endurecem quando ele se inclina para frente e para a milímetros do meu rosto. Eu deveria recuar, me levantar, correr para a porta, sair da casa, mas não posso, não apenas isso, mas realmente não quero.

Sua grande mão se estende e segura minha bochecha, e eu mordo meu lábio precisando de algo como foco, para não acariciar meu rosto na sua mão como um cachorro indesejado que precisa ser um animal de estimação.

“Não lute contra nós, por favor, porque você não vencerá. Somos três e você só uma. De uma forma ou de outra, conseguiremos o que queremos. Então, vamos fazer isso. Deixe-nos cuidar de você. É o mínimo que podemos fazer.”

A compaixão em sua voz puxa as cordas do meu coração. Devo estar tendo um colapso mental porque estou à beira das lágrimas.

“Não minta para mim, somos inimigos, rivais, você não me quer aqui,” eu choramingo, minhas emoções rompendo a superfície.

Sullivan sorri, realmente sorri e quando ele fala, juro que todo o meu corpo estremece, “Rivais ou não, eu sempre quis você aqui.” Ele se afasta, sua mão caindo da minha bochecha, o momento terminando cedo demais. “Agora, vamos levá-la para a cama. Podemos descobrir as coisas amanhã.”

Balançando a cabeça, tento entender os sentimentos que passam por mim. Os irmãos Bishop deveriam me odiar, e o fazem, mas há algo mais. A sensação é como uma picada de cobra, a ferida purulenta, o veneno se espalhando por minhas veias. Levanto os olhos do chão e encontro os três olhando para mim. Nunca me senti tão confusa e completa de uma só vez. Não faz sentido, mas estou exausta demais para tentar descobrir isso agora.

Talvez esteja tão cansada que estou inventando tudo isso na minha cabeça. Eu deveria apenas dormir e reavaliar o dia inteiro amanhã.

E é exatamente isso que faço. Rapidamente visto as roupas que Sullivan separou para mim, com os caras se virando como cavalheiros que são. Aconchego-me na cama king size, Sullivan se despe ficando só de cueca e rasteja na cama ao meu lado.

Engulo a ansiedade e o nervosismo de tê-lo tão perto enquanto estou quase nua. Banks e Oliver se despedem e saem do quarto. A exaustão começa a me puxar e estou vagamente consciente da porta se fechando e Sullivan se inclinando para sussurrar no meu ouvido:

“Durma bem, Harlow,” sua voz me levando para um sono escuro.

Capítulo Oito

Quando acordo ainda não está claro lá fora, o céu através das cortinas lança uma sombra escura dentro do quarto. Ergo-me lentamente, levantando a cabeça e encontro Sullivan ainda dormindo. Ele parece tão em paz. Uma estátua grega, com arestas duras e músculos bem definidos que dão água na boca.

Estou deitada em cima dele, minha perna estendida sobre a dele, meu braço enrolado no meio dele, aqueles abdominais perfeitamente modelados pressionando contra a minha pele, e a cabeça apoiada em seu peito firme. Não me lembro de adormecer assim, mas não reclamo de acordar nessa posição.

Minha bochecha está quente, onde minha pele está pressionada contra a dele e quando tento me mover, percebo que seus braços me rodeiam, me segurando firmemente ao seu lado. Sei que não deveria, mas me sinto segura e protegida em seus braços. Estou contente, tão contente que praticamente esqueço que quase morri ontem à noite. O pensamento desagradável envia um arrepio na minha espinha e me aninho ainda mais, como se estivesse tentando me encaixar na pele dele.

“Você está com frio?” A voz sonolenta de Sullivan vibra através de mim. É rouca e acaricia algo no fundo da minha barriga. Meus sentimentos por ele - o inferno para todos os três - estão ficando fora de controle.

“Estou bem,” eu sussurro, minha própria voz rouca e minha garganta dolorida por engolir toda a água do oceano ontem.

“Como está suas costas? Sente dor em algum lugar?” Ele pergunta, sua voz forte.

“Apenas dolorida, mas vou ficar bem. Sou mais forte do que pareço,” digo enquanto ele começa a esfregar suavemente as mãos para cima e para baixo nas minhas costas. Mordo o lábio para me impedir de fazer qualquer barulho alto de miado.

“Deixe-me ver. Esqueci de colocar um pouco de arnica na noite passada. Posso fazer isso agora,” ele oferece, me cutucando. Afasto-me e deito de bruços ao lado dele. Isso é ruim, mas tudo bem. Ele tira o cobertor e gentilmente puxa a camisa que estou usando.

O ar frio do quarto beija minha pele nua e eu assobio por entre os dentes com a sensação.

“Não se mexa, estou pegando o creme.” Ele ordena e se levanta da cama. Deus, ele é tão mandão, é quase irritante. Não o assisto, mas enterro minhas bochechas aquecidas no colchão. Seu perfume gira ao meu redor, está dentro de mim, nos meus poros, girando em volta da minha cabeça. Eu deveria odiá-lo, mas o ódio é a última coisa que sinto agora.

Ele reaparece um momento depois com um tubo na mão. Sentado ao meu lado, ele aperta um pouco os dedos e começa a massagear levemente minhas costas. Seu toque é gentil e sensual ao mesmo tempo. Ele envia pequenos solavancos de prazer pela minha espinha e depois volta novamente para o meu núcleo.

“Oh Deus, isso é bom,” eu gemo no colchão sem pensar.

“Eu disse que poderia te fazer se sentir melhor,” ele sussurra, seu hálito quente acariciando meu ouvido. Eu quase posso ver o olhar presunçoso em seu rosto, o brilho de travessura em seus olhos. Não demora muito para eu me transformar em uma pilha de mingau sob suas mãos fortes. Seus dedos percorrem minha pele, o creme que ele usa penetrando profundamente em meus músculos. Sullivan se afasta e não tenho certeza do que me invade, mas sinto a necessidade de me desculpar, de dizer que sinto muito por estragar tudo para ele no ano passado. Nunca deveria ter ouvido meu pai, acreditado em suas mentiras, não quando ele era muito pior do que os Bishops.

Empurrando para fora do colchão, ajoelho-me, a camisa caindo de volta no lugar. Quando meu olhar encontra o de Sullivan, vejo o calor em seus olhos. Instintivamente, meus olhos caem para a cueca dele, uma tenda considerável que se formou lá. Merda, ele é enorme e duro como pedra. Levanto meu olhar para o rosto dele antes de dizer algo que me envergonhe.

“Eu... eu só quero pedir desculpas, por aquela noite, por arruinar...”

“*Shhh,*” Sullivan estende a mão, me puxando em seus braços. Meus lábios pressionam em uma linha firme ao seu toque. Meu coração acelera, e meu peito sobe e desce em um ritmo instável. Com as mãos nos meus quadris, ele nos move de volta para a cabeceira da cama. Eu suspiro quando seu pau duro pressiona contra o meu centro. Ele deve ser capaz de sentir o efeito que tem sobre mim.

“Não quero falar sobre o passado, na verdade, não quero falar nada.” Dedos fantasmas movem-se sobre meus quadris

e eu me mexo contra ele, aproveitando sua dureza. Seu aperto é mais forte e ele geme, e juro por Deus, deve ser o som mais sexy que já ouvi em toda a minha vida.

Levantando minhas mãos, eu as coloco em seus ombros e me inclino, meus lábios encontrando os dele completamente firmes. O beijo é saturado de luxúria, com uma necessidade primordial de algo mais e, como duas almas tentando encontrar seu lugar uma na outra, colidimos com um calor que poderia rivalizar com o sol. A língua de Sullivan passa por seu lábio inferior e pressiona a minha, implorando por entrar em minha boca. Sem hesitar, separo meus lábios e nossas línguas se encontram, acariciando uma à outra com ternura.

Minhas mãos se movem sozinhas deslizando sobre seus ombros fortes, e descendo por seu peito firme, pelos seus oito abdominais e pela cintura afunilada, antes de voltar a subir de novo, até meus dedos encontrarem os fios mais compridos de seu cabelo, nessa luz, é quase uma cor enferrujada que combina com ele.

Sem fôlego, Sullivan se afasta, o azul de seus olhos da cor de uma tempestade antes de chover, suas pupilas dilatadas, “Porra, Harlow, quero te beijar em todos os lugares, provar cada centímetro de você.”

Sua confissão deveria me assustar, afinal sou inexperiente, mas isso não me acontece porque eu adoraria nada mais do que ter seus lábios na minha pele, sua língua me acariciando de maneiras que eu nunca poderia imaginar.

“Você quer isso?” Ele pergunta, inclinando-se para pressionar um beijo no meu pulso latejante. Pressionando seu pau, giro meus quadris, o prazer que me atravessa é indescritível.

“Sim.” Respondo com voz rouca, apenas um pouco tímida quando ele se afasta e agarra a barra da camisa que estou usando, puxando-a para cima e por cima da cabeça. A camisa cai no colchão ao nosso lado e, de repente, estou sentada no colo dele, meus seios expostos e minhas bochechas em cinquenta tons de vermelho. Instintivamente, levanto as mãos para cobrir meus seios, mas Sullivan não deixa, ele balança a cabeça e agarra meus pulsos, trazendo minhas mãos para seus ombros.

“Você é linda e não deve esconder essa beleza.”

Ele acabou de me chamar de linda. Absorvo suas palavras e afundo meus dentes no lábio inferior quando ele se inclina para a frente e chupa um dos mamilos rígidos em sua boca. Seus olhos se fecham, e ele geme em torno da ponta, o som pulsando através de mim.

Minha buceta aperta em torno de nada além de ar, e desejo tanto que ele alivie a dor que se forma ali. Afastando-se, ele libera meu mamilo com um estalo alto e se move para dar igual atenção ao outro.

“Você cheira como uma doce baunilha. É viciante e tem gosto de morangos recém-colhidos. Porra, eu poderia te beijar o dia inteiro e chupar esses mamilos rosados por horas.” Deus, suas palavras não estão ajudando.

Posso sentir algo crescendo dentro de mim, e aumenta cada vez mais quando ele chupa meu mamilo, girando sua língua no pico endurecido enquanto amassa meu outro peito, seu polegar e indicador rolando suavemente o nó endurecido.

“Eu estou... isso é tão bom, ainda melhor do que a massagem.”

Afastando-se ele apalpa os dois seios, os olhos brilhando com a necessidade pouco contida e, neste momento, quero que ele se liberte. Quero que Sullivan me leve, me dê o prazer que sei que ele pode. O prazer que ele vai dar, se eu pedir.

“Eu preciso de você...”

“Moa sua buceta contra o meu pau. Quero ver como você se parece quando desmorona.” Ele resmunga, e como uma criança dizendo que eles podem comer a sobremesa antes do jantar, pressiono minha buceta contra seu pau - nossa fina camada de roupa sem fazer nada para esconder nossa excitação - pegando o que ele vai me dar.

No primeiro contato, suspiro, minha buceta lateja e o calor se espalha pelo meu núcleo. Mantendo a pressão, giro meus quadris e sorrio quando um gemido profundo passa pelos lábios dele.

“Tão bonita, tão bonita,” ele murmura, olhando nos meus olhos, seus dedos puxando meus mamilos com um ritmo constante. Deixo a reação do meu corpo a ele me ultrapassar, e começo a mexer nele, encontrando o ângulo perfeito que me traz pressão suficiente para me excitar.

Meus movimentos se tornam selvagens, meus quadris se movendo cada vez mais rápido, à medida que o prazer aumenta, e inferno, gostaria que houvesse menos tecido entre nós agora.

“Goze para mim, Harlow, me mostre o quanto você quer meu pau e talvez da próxima vez eu o dê.” A profundidade de sua voz e as palavras eróticas me provocam, piscinas de calor dentro de mim e então como fogos de artifício, eu explodo. Todo o meu ser treme, meu pulso lateja nos meus ouvidos

enquanto minha buceta se aperta uma e outra vez em torno de nada.

“Foda-se...” Sullivan resmunga, seus dedos cravando na minha pele.

Caindo para a frente, caio em Sullivan, minha orelha pressionando contra seu peito, o som de seu próprio batimento cardíaco irregular me enchendo de calor.

“Faz muito tempo desde que gozei na porra da minha cueca, mas você, Harlow, tem um poder que é assustador e emocionante. Mas acredite em mim, da próxima vez que eu gozar, será dentro de você.”

Meus olhos se arregalam e engulo, me perguntando quando será a próxima vez. Meu estômago está com um nó, mas o resto do meu corpo está relaxado, como uma poça de mingau. Afasto-me, minha boca se abrindo com uma pergunta na ponta da língua, quando a porta do quarto se abre e Banks entra. Não consigo imaginar o que ele está pensando quando nos olha, seu rosto é uma máscara de emoção não mostrada e antes que um de nós possa dizer qualquer coisa, ele sai do quarto, fechando a porta atrás dele.

Viro-me para encarar Sullivan timidamente e ele tira alguns fios de cabelo do meu rosto. Eu sou uma bagunça. Acabo de gozar com um dos caras que me ensinaram a odiar nos primeiros dezoito anos da minha vida. Os mesmos caras que passaram inúmeras horas me intimidando e tornando minha vida miserável. Então, por que isso parece tão certo, mas tão errado? Ter Banks vindo para nós, me deixa em um turbilhão de emoções com as quais não sei lidar.

“Não podemos evitar, nós três queremos você. A questão é: você quer todos nós?”

E se essa não é a pergunta de um milhão de dólares, não sei o que é.

◆◆◆

O café da manhã não é tão desagradável quanto eu esperava e Banks não menciona o que viu no quarto de Sullivan. Ainda assim, isso parece tudo menos normal. Parte de mim ainda se pergunta se isso é real. Como podemos deixar de odiar um ao outro e desfrutar do café da manhã depois de abraçar a noite toda? Então algo me ocorre. Nós realmente nos odiamos? Ou estávamos condicionados a isso? Odiamos as versões um do outro que nossos pais nos fizeram ver?

Olhando para trás, realmente não posso dizer que já senti que os odiava, pois nunca fizeram nada para me machucar diretamente. Tudo que já ouvi sobre os Bishops veio de meu pai e agora que sei que ele mentiu para mim; não posso deixar de me perguntar se meu pai mentiu sobre outras coisas também. Minha mãe nunca falou deles, mas quando o fez foi com o mesmo desdém que meu pai.

Pensar nos meus pais sempre deixa um gosto amargo na boca. Tomo um gole de café e tento lavar as lembranças indesejadas. Em vez de pensar no passado, olho para os três homens sentados à mesa comigo. Nunca os vi tão relaxados e despreocupados.

“Estarei fora a maior parte do dia, mas tenho certeza de que Banks e Oliver podem mantê-la ocupada,” diz Sullivan, entre as mordidas de seu pão.

“Onde você está indo?” Pergunto por curiosidade, e somente depois que as palavras saem da minha boca, percebo quão intrometida estou sendo. Xingo-me internamente quão ridículo tudo isso parece, *Jesus, Harlow, ele lhe deu um orgasmo, não um anel de casamento.*

“Só tenho que lidar com algumas coisas,” ele olha para mim brevemente, obviamente não querendo compartilhar. Entendo a dica e não peço que elabore. Não é da minha conta realmente. Sullivan sai logo após terminar o café da manhã e tento ajudar Oliver e Banks a limpar a cozinha, mas Banks me instrui a ficar sentada, o que me faz sentir estranha e fora de lugar.

“Eu provavelmente deveria voltar para os dormitórios,” anuncio, sentindo como se estivesse me intrometendo ou algo assim. “Vocês realmente não precisam fazer isso. Não precisam cuidar de mim. Eu não preciso...”

“Nós já conversamos sobre isso. Você ficará aqui até descobrirmos quem a empurrou para fora do barco.” A voz de Oliver tem uma finalidade, como que um decreto, e sei que mais uma vez fui abatida. Franzo o cenho e olho para o chão, cruzando os braços sobre o peito. Ainda estou vestindo a camisa de Sullivan. Sem sutiã, é claro; e seu short e como você adivinhou, sem calcinha.

Mesmo com as roupas que visto, me sinto nua e fora de lugar.

“Por que não assistimos a um filme ou algo assim?” Sugere Banks, tentando claramente aliviar o clima. “Podemos passar o resto do dia no sofá, talvez pedir um pouco de comida, ficar deitados e ser preguiçosos.”

“Na verdade, isso parece muito bom,” sorrio. “Mas, preciso pelo menos ligar para Shelby e deixá-la saber que estou bem. Eu a conheço, e agora ela provavelmente está preocupada em um frenesi. Ela estará esperando o dia inteiro para eu ligar ou voltar para casa.”

Banks bate palmas, o som ecoando pela sala em voz alta, “Está decidido que o dia é de sofá e preguiça. Aqui, você liga para Shelby,” ele diz, deslizando o telefone sobre a mesa em minha direção.

“Estou pulando no chuveiro.”

“E eu vou escolher um filme. Volte para a sala em dez minutos.” Oliver exige, seu olhar queimando através de mim. Não consigo colocar a emoção que vejo lá, mas não sou capaz de desviar o olhar. É como se ele estivesse em transe. Ele sai da cozinha um momento depois e sinto que posso finalmente respirar.

Que raio foi aquilo? Seja o que for, foi intenso. Com o telefone na mão, ligo para um dos poucos números que conheço de cor.

Shelby responde no segundo toque com um suspiro dramático: “Alô?”

“Oi, sou eu. Só estou ligando para dizer que estou viva.”

“Deus, Harlow, estou preocupada com você. Não acho que você ficar ai é seguro. Sinto-me como uma amiga de merda por ter deixado isso acontecer. Eu deveria ter chamado a polícia. Deus, por favor me diga que eles não te machucaram. Juro que vou matá-los. E sei como esconder um corpo.”

“Não! Pare, Shelby. Estou bem.” Garanto a ela, mas percebo pela respiração pesada que ela faz através do telefone que ela está à beira de um colapso.

“Você quase morreu, Harlow. Tem alguma ideia de como foi vê-los puxá-la da água? Você sabe que não estava respirando quando eles te tiraram, certo?” Por um momento não digo nada. Isso explica a dor no meu peito, eu acho. Alguém deve ter feito RCP[3] em mim. Lambo meus lábios, me preparando para dizer algo, para tranquilizá-la que estou bem, mas as palavras não vêm. Eu não sabia disso e, sinceramente, não tenho certeza se queria saber. Não quero ser lembrada de quão perto eu estava de nunca acordar, de nunca mais ver Shelby ou os caras novamente. Engolindo o medo e a tristeza borbulhando dentro de mim, forço-me a falar.

“Foi um acidente estranho. Provavelmente apenas uma piada que deu errado. Prometo que estou bem,” digo fracamente, desejando ser forte o suficiente para acreditar nas palavras que digo. Shelby suspira profundamente no telefone e sei que ela não acredita. Ela me conhece há tempo suficiente para saber que não estou bem, mas também sabe que não estou pronta para falar sobre isso.

“Tudo bem, mas me ligue se precisar de mim e, quase esqueci. Esta garota veio ao nosso quarto esta manhã,

perguntando se você estava bem. Carole, acho que era o nome dela. ”

“Caroline?”

[3] Reanimação Cardiorrespiratória.

“Sim, é isso, ela disse que estava preocupada e queria verificar você.”

“Isso é doce,” eu digo, imaginando como ela sabe em que quarto eu estava morando.

“Vou à Galeria por algumas horas, mas terei meu telefone comigo e quero dizer isso. Qualquer coisa, Harlow, mesmo que você queira apenas conversar, me ligue.”

“Juro que ligo se acontecer alguma coisa,” lhe asseguro. “Obrigada por ser um amiga incrível, eu te amo.”

“Eu também te amo, melhor amiga. Falamos mais tarde.” Pressiono a tecla vermelha no telefone e fico parada por um momento, recuperando a compostura. Eu não estava respirando? Eu literalmente poderia ter morrido, estava tão perto da morte, mas Oliver me salvou.

Ele me salvou.

Capítulo Nove

Se alguém me perguntasse há dois dias como eu passaria meu sábado, esse seria de longe o cenário mais distante da minha mente. Banks, Oliver e eu estamos deitados na sala de cinema, cada um comendo uma caixa de comida chinesa, enquanto assistimos a todos os filmes de *Duro de Matar*.

Já estamos no final do segundo e Sullivan ainda não voltou. Gostaria de saber onde diabos ele está, mas não quero parecer intrometida, então fico de boca fechada e aproveito esse dia sem me preocupar.

“Como estão suas costas?” Pergunta Banks, quando o filme termina.

“Está melhor, as coisas que Sullivan passou lá realmente ajudaram.”

“É isso que vocês dois estavam fazendo esta manhã?” Ele brinca. “Talvez eu possa colocar um pouco de creme em você também.”

Oh Deus. Não sei se é o lembrete do que fiz com Sullivan, ou o tom sugestivo na voz de Banks, ou talvez seja a maneira como os olhos ardentes de Oliver queimam sobre mim agora, mas algo tem meu núcleo apertado e umidade entre as minhas pernas.

“Você é fofa quando está corando,” Oliver diz enquanto se senta e se inclina para mim. “Vamos ver suas costas.” Ele puxa minha camisa pedindo que eu a levante.

Corro para a beira do sofá e levanto minha camisa nas costas. Não pretendo mostrar mais pele do que isso, mas quando Oliver começa a passar os dedos lentamente pela minha espinha, tenho essa necessidade avassaladora de tirar minha camisa por todo o caminho. Viro a cabeça e olho por cima do ombro, assim como Banks também me alcança. As pontas dos dedos roçando minhas costelas.

Com os dois me tocando ao mesmo tempo, meus sentidos ficam exagerados. Antes que eu saiba o que estou fazendo, tiro minha camisa e a deixo cair no chão aos meus pés.

“Foda-se, sim!” Exclama Oliver. Agarrando-me pelos quadris, ele me gira e me coloca em seu colo. Eu o monto em nada além de um short fino, o tecido já ensopado na minha virilha.

Não consigo segurar um gemido quando sinto seu pau muito duro pressionando contra o meu clitóris. Com as mãos espalhadas nas minhas coxas, ele me esmaga por todo o comprimento, mas realmente me perco quando Oliver pega um dos meus mamilos na boca e gira a língua em torno do botão apertado.

Minha cabeça recua quando a pura luxúria me vence. De repente, não me importo com quão errado isso é, tudo em que consigo pensar são as mãos em mim, suas bocas, suas línguas, suas... *Oh meu Deus*. Não acredito que isso está acontecendo. Vou perder minha virgindade durante um *ménage à trois?* Oliver chupa meu mamilo enrugado e eu perco minha linha de pensamento novamente.

“Não seja tão ganancioso, irmão,” Banks rosna ao nosso lado e Oliver libera meu mamilo com um estalo.

Banks sorri e segura um dos meus seios antes de se inclinar para pegar o outro na boca dele enquanto ainda estou montando em Oliver. O erro de tudo isso é tão emocionante. Tive Sullivan hoje de manhã e agora estou com os irmãos dele.

Ocupo minhas mãos passando os dedos pelas mechas de cabelo castanho suave, enquanto Banks gira a língua em volta do meu mamilo endurecido. As sensações que ambos provocam dentro de mim são enlouquecedoras.

De repente ele para e se afasta gentilmente. Eu choramingo com a perda de contato, minha cabeça tonta de luxúria enquanto tento descobrir se fiz algo errado.

“Deite em nossas pernas,” Oliver ordena, puxando meu ombro. Com uma vergonha ansiosa, o obedeço, reajustando minhas pernas para que eu possa deitar nos dois colos. Minha parte superior do corpo está em Banks, enquanto minha bunda se aninha contra o pau endurecido de Oliver.

“Quer que a gente faça você se sentir bem?” Oliver pergunta, sua voz inebriante, enquanto ele passa a mão pelas minhas coxas. Meu coração começa a bater rapidamente, o desejo agrupando profundamente na minha barriga.

“Sim,” eu digo sem fôlego, minha língua disparando sobre o meu lábio inferior para molhá-lo.

“Eu quero tocar em você,” Oliver ronrona.

“Você está me tocando,” eu provoco, mesmo sabendo exatamente o que ele quer dizer. Sorrindo, ele usa a mão para afastar minhas pernas.

“Quero te tocar aqui,” ele murmura e deixa o polegar fantasma sobre minha buceta coberta pelo short. Pegando a dica, abro minhas pernas ainda mais para ele. Oliver pega o convite e passa os dedos sobre o tecido antes de enfiar o polegar na cintura do short e começar a puxá-lo para baixo.

Levanto meus quadris para dar melhor acesso a ele e depois vejo como Oliver puxa o tecido pelas minhas pernas lentamente, muito lentamente, deixando-me completamente nua. Meus olhos disparam entre os dois enquanto ambos me olham como se eu fosse um buffet que você pode comer e eles são dois homens famintos que não comem há semanas.

Banks segura minha bochecha e inclina meu rosto para ele. Inclinando-se, ele pressiona seus lábios nos meus, esse beijo me consome, arrancando o ar dos meus pulmões. Estou tão impressionada com aquele beijo que é difícil acompanhar onde estão as mãos de Oliver.

O prazer aumenta ainda mais quando a mão livre de Banks encontra meu peito e ele começa a amassar a carne. Ao mesmo tempo, a mão de Oliver se move entre minhas coxas para segurar minha buceta, seu polegar encontrando meu clitóris com facilidade.

“Quer que a gente faça você gozar?” Pergunta Banks, sua voz estranhamente profunda quando ele se afasta apenas o suficiente para falar.

Com o polegar firmemente no meu clitóris, Oliver move um dedo para minha entrada já encharcada. Isso é loucura, devemos parar, mas não quero, e não sei se posso parar

agora. O mundo poderia queimar ao meu redor e não me importaria. Tudo o que importa é o fogo escaldante na minha barriga.

"Sim, por favor," as palavras saem em um suspiro e, assim que as falo, Oliver desliza um de seus dedos grossos na minha buceta.

"Porra, Banks, ela é apertada como o inferno." A voz de Oliver está tensa, os músculos do pescoço apertados. Parece que ele está pronto para explodir.

"*Mmm,* tão apertada e pronta para nós," murmura Banks contra meus lábios, antes de aprofundar o beijo. Segundos depois, meu mamilo está sendo enrolado entre dois dedos, meu peito arfando. Meu corpo estremece de prazer pelas mãos exploradoras desses dois homens.

Eu choramingo, a umidade entre as minhas pernas crescendo, pingando agora. Estou tão molhada, tão pronta, é quase embaraçoso. Como se pudesse sentir meu desconforto de precisar de mais, Oliver começa a se mover, seu dedo entrando e saindo de mim com golpes rasos.

"Porra, você é tão linda, Harlow, sua buceta está pegando o dedo do meu irmão com tanta facilidade. Posso imaginar você com meu pau enfiado aí dentro."

Caro senhor, minhas bochechas esquentam com a admissão. Eu aguentaria ser levada por dois Bishops? Ainda mais, eu gostaria de ser? Já sei a resposta para essa pergunta e por mais errado que seja, sim. Eu gostaria de ser tomada por eles juntos.

Banks rosna, suas palavras me incentivando, me empurrando cada vez mais perto. Minhas pernas se separam

completamente, meus quadris subindo um pouco a cada impulso superficial, enquanto Banks continua a puxar meus mamilos, alternando entre os dois enquanto sussurra pensamentos imundos em meus ouvidos.

"Você é tão gananciosa, tão disposta e pronta para nós," Oliver rosna, adicionando um segundo dedo. Ele faz uma breve pausa, antes de se mover novamente, dando-me tempo para me adaptar a ele. É quase como se soubesse que nunca fiz isso antes.

Sinto-me cheia, tão cheia, e a pressão no meu ventre aumenta quando Oliver faz essa coisa estranha, onde ele cruza os dedos dentro de mim, esfregando o tecido macio no topo do meu centro.

"Merda," eu suspiro na boca de Banks e arqueio minhas costas, empurrando meus seios ainda mais em suas mãos. Estou ofegante agora, meu corpo se movendo por conta própria, minhas mãos se esticam, tentando encontrar algo para fazer.

Uma acaba no cabelo de Banks, meus dedos cavando suas mechas castanhas. Minha outra mão agarra um punho cheio da camisa de Oliver, puxando-o para mim, enquanto oscilo à beira da loucura entre os dois.

"Tudo bem. Goze para nós. Goze por todos os dedos dele, goze com essa linda buceta por toda a sua mão," sussurra Banks contra a minha pele quente, persuadindo o orgasmo direto de mim. Minhas coxas tremem e meus músculos se contraem, o prazer me cega ao atravessar meu ser da cabeça aos pés. Sinto meu clitóris passando por entre os dedos de Oliver, agarrando-o e me recusando a deixar ir. Meus dentes afundam no meu lábio inferior para impedir que o grito de prazer escape, mas alguns derramam de qualquer

maneira, arrancando da minha garganta e de algum lugar dentro de mim.

“Ahhhh...” O barulho vibra nas paredes. Fecho meus olhos com força e aprecio a última onda do orgasmo, que ondula através de mim com pequenos tremores secundários. Lentamente, flutuo de volta à terra como uma folha caindo de uma árvore.

Segundos passam e aperto minhas pálpebras com mais força, querendo que o momento dure para sempre, mas quando os impulsos eufóricos de prazer me deixam, fico me perguntando o que acontecerá a seguir?

Não apenas beijei os três. Fiz coisas sexuais com todos eles também.

Onde isso me deixa? Imprensada bem no meio? Piscando os olhos, a primeira pessoa que vejo é Oliver. Ele retira a mão das minhas coxas e traz os dois dedos, agora pingando com a minha excitação nos lábios.

Ele os coloca na boca, os olhos se fechando enquanto chupa. Oliver leva tempo, como se chupasse um pirulito. Ele está me provando, saboreando minha excitação, meu gozo e serei amaldiçoada, mas é quente como o inferno assistir.

“Você tem um gosto divino. Mal posso esperar para que suas coxas sejam enroladas no meu rosto, com a língua na sua buceta.”

Usando o braço para proteger meu rosto - que provavelmente está vermelho cereja - me escondo dele.

“Não tenha vergonha, isso foi incrível.” Oliver me assegura, seus olhos escurecidos pela excitação.

“Foda-se sim, foi. Isso acontecerá no meu banco de memórias para bater uma da próxima vez,” Banks ri, enquanto suavemente passa o polegar na minha testa. Minha respiração volta a um ritmo semi-normal. Por outro lado, meu coração ainda está galopando e acho que não voltará a um ritmo mais lento tão cedo. Não com Banks e Oliver me olhando como se estivessem prestes a me devorar de novo.

Posso sentir os dois paus pressionando contra minha pele nua, e por um segundo tenho medo do que está por vir. Eu quero satisfazer os dois como eles acabaram de fazer por mim, mas posso?

Posso pegar os dois ao mesmo tempo?

Banks deve ver a preocupação piscando nos meus olhos porque ele começa a balançar a cabeça.

“Você não precisa fazer nada,” ele me assegura, enquanto passa os dedos pelos meus cabelos. O sentimento que tenho não há como descrever. É como uma massagem, mas para o meu couro cabeludo.

“Eu quero, é só que...” O som de uma porta se abrindo e fechando ecoa pela casa, seguido de passos pesados em nossa direção. *Sullivan.*

Sei que não fiz nada de errado, Sullivan e eu não temos nada, mas ainda saio dos colos com a minha camisa na mão, pegando o short do chão. Puxo a camisa por cima da cabeça, e isso apenas cobre meus seios quando Sullivan entra na sala de estar. Parando na porta, ele observa a cena com as sobrancelhas levantadas, como se estivesse tentando resolver um quebra-cabeça.

“Que diabos está acontecendo aqui?”

“Ah, com a gente?” Banks sorri, recostando-se no sofá com as mãos atrás da cabeça. Meus olhos disparam entre Sullivan, Oliver e Banks. Sullivan tem um olhar sombrio nos olhos, enquanto Banks sorri como um tolo.

“Bem? É melhor alguém me dizer o que diabos vocês estão fazendo?” Sullivan faz uma pausa, seu olhar passando sobre mim uma vez e depois uma segunda vez, exceto que desta vez seu olhar permanece nas minhas pernas nuas. Sinto que estou sendo inspecionada.

Tento olhar para qualquer lugar, menos para Sullivan ou os outros dois, mas meu olhar continua pegando dois paus endurecidos, pressionados contra os tecidos dos shorts. Porra, parece que dói.

“Por que ela está sem o short?” Pergunta Sullivan, e Banks começa a rir. O tom da voz de Sullivan é profundo, protetor, tipo alfa e me pergunto por quê? Ele está tentando me reivindicar? Parece isso.

“Oh, nós estávamos apenas colocando um pouco de creme nas costas dela, como você fez esta manhã, lembra?” Oliver brinca, uma sobrancelha espessa erguida, e embora a resposta dele seja dirigida a Sullivan, seus olhos estão nos meus. Juro que se minhas bochechas já não estivessem pegando fogo, estariam agora.

As sobrancelhas de Sullivan se juntam e, em seguida, seus lábios se contraem antes de sorrir. “Vejo que você fez sua escolha,” diz ele, lembrando-me da pergunta que ele me fez mais cedo naquela manhã.

Eu queria os três irmãos? *Inferno, sim.*

Poderia lidar com eles? Eu não sei.

É uma ideia horrível que vai explodir na minha cara, sim. Isso é errado e não apenas porque eles deveriam ser meus inimigos ou porque nossas famílias se odeiam há anos. Não, está errado, porque estou me apaixonando por três homens que me intimidaram, que pensei que com certeza me odiavam, mas claramente não me odeiam o suficiente.

E se as coisas terminarem mal, o que tenho certeza de que vai, sou eu que terei o coração quebrado, não eles.

Girando nas pontas dos pés, saio da sala. Preciso de um pouco de espaço, estar em algum lugar onde não esteja cercada por eles e seus aromas intoxicantes. Em algum lugar que eu possa respirar sem um Bishop enfiado na minha bunda. Não sei mais o que está acontecendo, tudo que sei é que não somos mais inimigos.

“Ei, espere, aonde você está indo?” Pergunta Sullivan, o som de seus pés batendo no chão atrás de mim, dizendo que está me seguindo. Ótimo.

“Você pode me dar algo para vestir? Como uma calça de moletom ou algo assim?” Pergunto, parando no meio do corredor.

Sullivan estende a mão, que pesa no meu ombro enquanto ele me vira para encará-lo, e eu o deixo porque sou fraca. Fraca por ele, fraca pelos três.

“Sim, claro, o que você precisar.” Ele responde.

Mantendo meus olhos firmemente em seu peito, digo: “Obrigada,” e quando vou me virar, a mão no meu ombro

aperta e meu estômago começa a tremer por algum motivo estúpido.

Sullivan se inclina para mim e levanto a cabeça, incapaz de resistir à proximidade de seu corpo. Minhas narinas se abrem quando eu o respiro. Tudo o que posso sentir é cheiro de chuva, o cheiro de uma tempestade. “Você está bem?” Sua voz é suave, envolvendo-me como um suéter de caxemira.

De repente, minha garganta, lábios, tudo parece seco. “Sim.” Eu digo, o tom da minha voz é mais suave do que esperava. “É tudo um pouco demais e tudo está acontecendo tão rápido. Quer dizer, um dia você me odeia e no próximo você quer que eu...”

“Uau, vá com calma. Eu sempre quis você,” ele admite, pela segunda vez. Olhando nos olhos dele, não vejo nada além de honestidade refletida em mim.

“Bem, eu não sabia disso,” digo, mordendo o lábio inferior.

“Bem, você sabe agora. Vamos lá, vamos te vestir,” diz Sullivan, pegando minha mão e me levando para o quarto dele. Sento-me na beira da cama e o vejo cavar as gavetas da cômoda. Ele me entrega uma calça de moletom e meias que eu visto imediatamente.

Depois de me vestir, me sinto um pouco melhor, menos exposta e mais preparada, mas não segura. Esses homens têm o poder de me despir com um único olhar.

“Hoje à noite você vai dormir com Banks,” ele me lembra, e juro que posso sentir uma mudança no comportamento dele. Sullivan passa a mão pelo cabelo como se fosse um tique nervoso.

“Ok, se é isso que você quer.” Eu murmuro, ficando em pé completamente. Mesmo que eu não me considere baixa, os irmãos ainda se elevam sobre mim como gigantes.

“Você ainda não está pronta para o que eu quero, mas em breve estará. Muito em breve.” A sedução que escorre de suas palavras quase me faz arrancar as roupas novamente. Hormônios estúpidos, sentimentos estúpidos. Tenho que parar de pensar com a minha vagina.

Há um som baixo que ressoa pela casa. As sobrancelhas de Sullivan franzem em confusão. Alguém acaba de tocar a campainha? Às dez da noite?

“Quem é...” Ele resmunga, mas não termina sua pergunta, ele apenas se vira e se dirige para o que eu suponho ser a porta da frente.

Ele dá dois passos no corredor antes que o inferno desabe.

Capítulo Dez

Eles dizem que sempre há uma calma antes da tempestade, mas não há nada de calmo no que está prestes a ocorrer. Três vozes distintas perfuram o ar ao mesmo tempo. Todas as três eu conheço, mas uma eu não ouço há meses. Desde o dia em que saí de casa.

Não. Não pode ser.

Cada uma das vozes é revestida com veneno, enquanto carregam pela casa vibrações de raiva nas paredes. Sullivan começa a correr, mas não estou muito atrás, enquanto seguimos pelo corredor e depois pelas escadas em direção a Oliver e Banks. O pânico toma conta da minha garganta, e quanto mais perto chegamos ao vestíbulo, mais nítidas as vozes se tornam.

Oliver, Banks e meu pai. Eles estão discutindo, palavras sendo jogadas como socos no ar. “Você tem muita coragem de vir aqui, depois do que você e sua filha fizeram com meu irmão e minha família.” Meu coração dispara no meu peito, os piores pensamentos possíveis ocorrem na minha mente.

“Onde ela está?” *Sua* voz é como ácido chovendo em mim.

Não. Não. Não.

Que diabos ele está fazendo aqui?

Meus pés nem tocam o degrau de baixo e minha mãe está sobre mim, passando os braços delgados ao meu redor, me abraçando com toda a força, e parece que ela se importa, como se estivesse preocupada.

"Estamos aqui agora, você está segura," diz ela no meu cabelo com um suspiro aliviado, seus braços se apertando ao meu redor, espremendo a vida de mim.

Estou tão surpresa que quase esqueço de afastar minha mãe, *quase.* Empurro-a para longe com um cutucão gentil, e ela me olha com uma expressão atordoada, como se eu fosse recebê-la de braços abertos. Não poderia me importar menos com os sentimentos dela. Eu olho além dela para encontrar o olhar de Oliver. Há uma fúria agitando suas profundezas marrons, olhos que há pouco tempo tinham paixão, luxúria e necessidade de mim neles. Mas já faz muito tempo, posso dizer, antes mesmo de abrir a boca para perguntar o que está acontecendo.

"Saia da minha casa e leve sua filha mentirosa com você!" Oliver exige, seu corpo inteiro vibrando enquanto ele dá um passo à frente para ficar cara a cara com meu pai.

Filha mentirosa? O que diabos aconteceu?

Confusa, procuro entre meu pai, minha mãe, Oliver e Banks. Minha cabeça parece girar.

"O que..." é tudo o que sai, antes que Banks comece a gritar comigo.

"Não acredito que caímos nas suas mentiras novamente. Você é uma atriz infernal, vou lhe dar o crédito," as palavras dele pingam de ódio. A maneira como seus olhos

me percorrem com puro desgosto me faz sentir como um pedaço de lixo flutuando ao vento.

A faca de traição corta minha pele me cortando tão profundamente que tenho certeza de que nunca vou sobreviver à lesão. Não menti sobre nada, não fiz nada de errado.

Balançando a cabeça, viro meu olhar para Sullivan, talvez ele fale comigo, e tente descobrir isso, mas eu deveria saber melhor. Sua confusão se transforma em ódio diante dos meus olhos. Ele não me deixa explicar. Ele inventa sua própria história e, nela, eu sou a garota má.

Olho para o rosto dele, percebendo suas feições contorcidas e sei que acabou. Sua expressão vai me assombrar por um longo tempo, talvez até para sempre.

Desapontamento, desespero e ódio... tanto ódio, obscurecem sua visão. Ele não é mais o homem que me deu meu primeiro beijo, meu primeiro orgasmo. Em vez disso, ele é o vil pesadelo que meus pais sempre fizeram da família dele.

“Eu...” Eu começo, mas sou interrompida.

“Cale-se! Cale a boca e saia! Vocês Lockwoods não passam de lixo, mentirosos e ladrões.” As palavras doem e minhas bochechas ardem como se ele tivesse me dado um tapa. Estou tão surpresa que não consigo me mexer. Tudo o que faço é encará-lo, imaginando se algum dia verei o Sullivan que amo novamente.

“Eu não...” Oliver dá um passo ameaçador em minha direção e dou um para trás instintivamente, meu corpo me dizendo para correr. O olhar que ele me dá agora me assusta

profundamente. Mas não apenas por causa do nojo, mas por causa do ódio e da raiva implacável. Oliver quer me machucar, me fazer sentir a traição que está sentindo agora.

"Toque na minha filha novamente e terei a polícia no seu rabo mais rápido do que você pode chamar seus pais patéticos," meu pai zomba.

Alguém agarra minha mão e começa a me puxar em direção à porta. Minhas pernas se movem, mas só porque é andar ou ser arrastada, e por mais que eu não queira sair, não quero ser arrastada para fora como uma idiota. É óbvio que já fiz o suficiente, não há sentido em ficar aqui, implorando por perdão. Lágrimas ardem nos meus olhos, meu coração troveja no peito e meu estômago aperta com ansiedade pelo desconhecido.

O que está acontecendo?

Quase tropeço no caminho para a porta, mas me endireito no último minuto. Eu pisco rapidamente como se isso pudesse me acordar desse pesadelo. Não posso deixar de recuar quando a porta atrás de nós é fechada com força, o barulho vibrando através de mim. Estou pasma, completamente sem saber o que aconteceu. Por que meus pais estão aqui? O que meu pai disse a Oliver e Banks que fizeram sua opinião sobre mim mudar tão drasticamente?

Minha mãe me arrasta do outro lado da entrada para o carro, as pedras escavando o fundo dos meus pés cobertos de meias, indo fundo o suficiente para atravessar, mas não sinto dor, se há alguma. Nada se compara à dor que reside dentro do meu peito. Meu pai abre a porta do passageiro e minha mãe me leva para o banco de trás. Estou quebrada, confusa, uma concha de mim mesma.

Eles entram nos bancos da frente e nós aceleramos pela entrada da garagem, cascalho subindo sob os pneus.

“Os Bishops, Harlow? O que você estava pensando? Você dormiu com um deles? Oh Deus, por favor, não me diga que deixou um deles tocar em você.” Minha mãe geme, puro desgosto em seu tom. Ela lança mais dez perguntas antes que eu consiga encontrar minha voz, meus pensamentos rodopiando e o pânico aumentando.

“O que diabos aconteceu?”

“Nós salvamos você do maior erro da sua vida,” meu pai late. “Foi o que aconteceu.” Seus olhos azuis se chocam com os meus no espelho retrovisor.

“O que você disse a eles?” Estou tremendo agora, fogo enchendo minhas veias. Eu deveria saber. Não ouvi a conversa toda, mas no minuto em que Sullivan e eu estávamos lá em cima, meus pais encontraram uma maneira de fazer com que os irmãos me odiassem novamente.

“Que nós sabemos que eles tiveram algo a ver com você quase morrendo na noite passada e que temos muitas pessoas que estavam naquele barco dispostas a testemunhar isso.”

Oh, meu Deus, porra. “Você deixou eles pensarem que os enganei... de novo. Você não fez?”

Em vez de responder à minha pergunta, meu pai faz a sua. “E se eles tiveram algo a ver com isso?”

Não, eles não tinham, eles não podiam. Não foi os irmãos.

“De jeito nenhum eles fizeram! Nenhum dos Bishops me empurrou. Oliver foi quem me salvou. Como você sabe sobre o barco?”

“Não importa como sabemos. Você realmente pensou que deixaríamos nossa única filha sair sozinha sem cuidar dela?” Minha mãe pergunta, e acho que não deveria me surpreender. Eu deveria saber melhor, saber que alguém estaria me observando, informando a eles cada pequeno detalhe.

“Sim, você deveria! Pensei ter esclarecido na noite em que saí, que não quero mais vê-los? Se eu quisesse algo com vocês, teria respondido quando vocês me ligaram. Eu os visitaria durante o verão.” Posso contar em uma mão o número de vezes que gritei com qualquer um dos meus pais, mas hoje à noite parece *déjàvu.* Gritei na noite que saí e estou gritando agora, por um bom motivo. Como ousam aparecer aqui, mentindo e interferindo na minha vida?

“Não seja tão dramática, você não precisa mais defendê-los. Passei minha vida inteira lutando contra essa família e me recuso a deixar minha filha ser corrompida por esses bastardos do mal.” Meus olhos se arregalam com as palavras do meu pai.

“Mal? Vocês são os maus.” Eu cerro os dentes. “Me deixem no dormitório e me deixem em paz!”

“Harlow, olha a linguagem,” meu pai avisa como se ele ainda tivesse algum tipo de domínio sobre mim. Esta pode ser a primeira vez que xingo para meus pais, mas não me importo menos. Estou tão brava. Não achava que podia odiá-los mais do que odeio, mas mais uma vez eles provaram que eu estava errada. Eles estragaram tudo aparecendo aqui, tudo.

“Eu te odeio,” murmuro, cruzando os braços sobre o peito. Parece que meu coração está partido. Pareço uma adolescente hormonal que está tendo um dia ruim, mas na verdade eu falo sério. Odeio meus pais. Eu os odeio por terem me criado, bem como, por me enganar, por não me deixar ser quem eu quero ser e por destruir tudo o que amo.

Meus pais pegaram minha imagem e a distorceram. Eles me torceram, me moldaram na pessoa que queriam que eu fosse. Meu mundo inteiro está desmoronando e não consigo pegar as peças rápido o suficiente. Sinto como se estivesse descendo uma colina em um carro sem freio. O que vou fazer além de bater?

◆◆◆

“Jure para mim, Shelby, jure que não foi você,” eu imploro, olhando profundamente em seus olhos.

“Eu juro, Harlow. Não fui eu! Não vi ou conversei com seus pais desde antes da formatura. Prometo que não contei nada a eles.” Observo o rosto dela de perto e não encontro nada além de sinceridade. Meus ombros caem em derrota. *Não foi Shelby.* Eu a conheço tempo suficiente para descobrir uma mentira e ela não está mentindo, mas se não é ela, quem será?

Segurando a cabeça nas mãos, digo: “Sinto muito. Não deveria ter te acusado. É que meus pais podem ser muito manipuladores. Eles podem fazer com que você faça o trabalho sujo sem que você saiba.”

“Eu sei, e não me sinto mal por você ter pensado isso, você passou por muito ultimamente.” Ela coloca a mão no meu ombro, então eu levanto a cabeça e Shelby me dá um sorriso fraco. “Agora me diga o que você falou aos seus pais para que eles fossem embora?”

“Eu disse a eles para me deixarem em paz ou eu iria à polícia.” Não queria que isso acontecesse. Mesmo depois de tudo, odeio ter ameaçado meus pais, mas não vi outra maneira de me proteger.

Já me mudei para centenas de quilômetros de distância, disse a eles que nunca mais queria vê-los, e mesmo assim eles me seguiram, tentaram me controlar, me manipular. O que mais eu deveria fazer para me afastar deles?

“Polícia?” Shelby pergunta, confusa.

“Lembra quando lhe contei que ouvi meus pais falando sobre a criação dos Bishops?”

“Sim, é claro.”

“Bem, não contei a história toda...”

Já era tarde da noite e haveria escola no dia seguinte, é por isso que eu estava me escondendo quando fui à cozinha fazer um lanche. Fiquei surpresa ao ouvir vozes vindas da sala, porque meus pais costumavam dormir cedo, mas não pensei muito nisso até ouvir uma terceira voz que não reconheço.

“Como sempre, foi um prazer fazer negócios com você,” um homem fala, sua voz profunda e com uma escuridão cativante em seu tom, que me fez parar no meio do caminho.

“Da mesma forma, Sr. Rossi,” meu pai responde.

“Acho que já somos associados há tempo suficiente para você começar a me chamar de Xander,” disse o homem.

“Muito bem, Xander,” minha mãe ronronou. Seguido por uma risadinha feminina. “Mais uma vez obrigada por nos ajudar com a situação do Bishop.” Minha mãe disse o nome como se isso deixasse um gosto ruim na boca.

“Não tem problema nenhum, enquadrar as pessoas é o meu segundo trabalho favorito.”

“Oh, qual é o seu favorito?”

Já posso dizer que a resposta não é alguma que eu queira ouvir.

“Matar pessoas,” confessa o homem, sem um pingo de sarcasmo em na voz.

Uma risada nervosa borbulha nas gargantas dos meus pais enquanto a bile sobe na minha. Aperto a mão sobre a boca e subo correndo as escadas. Mal chego ao meu banheiro antes de vomitar o conteúdo do meu estômago.

Quando consigo me levantar do chão do banheiro, volto para o meu quarto e abro o laptop. Xander Rossi é o nome dele, digito na barra de pesquisa e aperto enter. Imediatamente tenho um artigo após o outro. A maioria é do canal de notícias e jornais locais.

Xander Rossi é o chefe da máfia local.

Meus pais estavam fazendo negócios com a porra da máfia.

Shelby me olha em silêncio, e então seus lábios se separam, “A máfia?” Ela finalmente pergunta, seu tom cheio de descrença.

“Sim, a *máfia,*” confirmo. “Foi quando tudo começou a descer ladeira abaixo. Os confrontei no dia seguinte, comecei a cavar, fazendo perguntas. Depois que abri os olhos, não consegui desviar o olhar. Todas as mentiras, as coisas que eu acreditava que me diziam. Destruí a vida de alguém por causa deles, por causa de suas mentiras.”

Não estou procurando piedade. Assumi a responsabilidade por minhas ações; meus pais, por outro lado, não.

“Uau, isso é... uau,” diz ela, os olhos arregalados.

“Sim, então terminei com eles. Não sei o que estavam tentando fazer aparecendo aqui e agindo como se nada tivesse acontecido, mas eu terminei.”

“Bom. Você não precisa desse tipo de negatividade em sua vida,” diz ela, e Shelby está certa, não preciso deles na minha vida, nem dos Bishops. Eles foram rápidos em se voltar contra mim e nem me deixaram explicar. O que dói como o inferno. Estavam ocupados demais me odiando para ouvir o meu lado da história. Pensei que tivéssemos passado pelas nossas diferenças, deixado o passado para trás, mas parece que eles apenas esperavam um motivo para me atacar.

Os irmãos Bishops querem ser inimigos novamente. *Bem.* Não preciso deles, nem os quero. Eles eram sofrimento de qualquer maneira, ou pelo menos é o que digo a mim mesma quando me preparo para as aulas.

Capítulo Onze

Passo os próximos dois dias divididos entre querer alcançar os caras e tentar o meu melhor para evitá-los. Aparentemente, eles estão fazendo o último, porque nem Sullivan nem Banks apareceram nas aulas que compartilhamos.

Como a adolescente deprimida que sou, ando até o café local à tarde, pegando um chocolate quente e o maior brownie de chocolate que eles têm.

“Para comer aqui ou para levar?” A garota com cabelos rosa e roxo brilhantes atrás do balcão pergunta.

“Para comer aqui, por favor.”

“Ei, Harlow,” uma voz familiar chama. Viro-me e encontro Caroline parada a alguns metros de distância. “Parece que você teve a mesma ideia que eu,” ela sorri. “Vou comer o segundo maior brownie,” ela diz à atendente.

“Ei, Caroline,” eu correspondo seu sorriso caloroso. Shelby esteve ocupada na Galeria e, de repente, sentar-me com uma amiga parece mais atraente do que ficar sozinha em um banco na quadra.

“Quer sentar e encher nosso rosto com um doce brownie juntas?” Eu pergunto.

“Parece incrível.”

Pagamos, recebemos nossos pedidos e nos sentamos no canto da cafeteria, perto de uma estante cheia de livros.

“Como você tem passado?” Caroline pergunta, enquanto empurro um pedaço de brownie na minha boca. Tem gosto de céu e chocolate.

Dou de ombros, “Tudo bem.”

“Você realmente assustou a todos nós no barco, na outra noite. Quando Oliver tirou você da água, seus lábios estavam azuis. Eu estava preocupada que você não fosse sobreviver.”

“Realmente não foi grande coisa,” eu minto. Era uma grande coisa, alguém queria me machucar, quem, não tenho ideia, mas também não quero preocupar Caroline com essa admissão. Espero que ela não me pergunte se pulei.

Também não quero que as pessoas pensem que sou suicida, mas sei que, se coloco minha orelha perto o suficiente dos círculos de fofocas, tenho certeza de que ouvirei um boato a meu respeito.

Ela pulou, ninguém a empurrou. Ela é louca.

“*Mhm*, então por que parece que você teve a pior semana da sua vida?”

“Bem, tenho algumas coisas pessoais acontecendo, e você sabe que não é estranho, nem nada, mas toda vez que sinto que preciso de uma amiga ou alguém para me levantar, você parece uma fada madrinha.”

Uma risadinha suave escapa de seus lábios rosados. “Essa sou eu, a fada madrinha da amizade.” A conversa

suave nos rodeia enquanto mordiscamos nossos brownies. Eu tenho o meu mais açucarado, esperando que a quantidade de açúcar me dê força suficiente para passar o resto do dia. Por mais que não queira admitir, os irmãos me arruinaram.

Tornei-me dependente deles. Tê-los por perto me seguindo, me incomodou no começo, e meio que me acostumei com isso. Agora que eles não estão, ando me sentindo só, descartada como lixo. Tenho certeza de que esse é o ponto, me fazer sentir uma merda.

"Você tem certeza de que está bem?" Caroline pergunta novamente, colocando uma mão gentil no meu ombro, preocupação piscando em seus olhos.

Olho para o meu brownie, "Seria estranho se eu dissesse que estava apaixonada por três caras?"

Caroline pisca, um olhar neutro no rosto em forma de coração, "É 2019, quem se importa se você ama três caras? Amor é amor, certo?"

"Certo, mas..." Engulo, minha garganta parecendo seca de repente. "E se forem três caras com quem você não gostaria de estar? Como se fossem ruins para você, mas que você não pode ajudar a si mesma?"

"Ooo, meio como esses brownies?" Ela diz, balançando as sobrancelhas e colocando outro pedaço de brownie pegajoso em sua boca.

"Sim, meio como esses brownies."

"Você se entrega, eu acho. Não sei, faça o que você achar melhor."

Quero dizer que não tenho ideia do que é certo ou errado, mas não sei. Não vou aborrecê-la com os detalhes do meu fim de semana dramático. Não quero que ela fuja às pressas.

Terminamos nossos brownies, tendo uma pequena conversa aqui e ali. Quando terminamos, minha barriga está cheia e volto a sorrir novamente.

“Se você ainda está com problemas de inglês, eu posso ajudá-la. Poderíamos nos encontrar na biblioteca ou algo assim uma noite dessas. Revisar as anotações. ”

“Você faria isso por mim?” Pergunto, quando saímos da cafeteria e em direção ao pátio, onde provavelmente acabarei vendo pelo menos um dos irmãos Bishop. É estranho, porque agora que eles não estão me seguindo como cachorros perdidos, vejo-me procurando por eles. Quero vê-los. Inferno, eu os desejo, minha barriga aperta, o calor floresce profundamente em meu interior quando penso neles.

“É claro que você tem muita coisa acontecendo e que tipo de amiga eu seria se não me oferecesse para ajudá-la?”

“Honestamente, a única. Caso você não tenha notado, não tenho muitas amigas aqui.” Murmuro, envolvendo a mão na alça da minha mochila. No bolso de trás do meu jeans, meu telefone começa a vibrar. Risos chegam aos meus ouvidos, mas estou muito ocupada desbloqueando meu telefone e olhando através dele para olhar para cima e ver do que as pessoas riem.

“Harlow...” Posso ouvir a preocupação na voz de Caroline sem sequer olhar para o rosto dela para confirmar.

Meu telefone continua vibrando, vibrando e vibrando, e começo a ficar perturbada com todas as mensagens de texto recebidas. Erguendo a cabeça, meu olhar se prende no prédio leste do campus, onde percebo uma faixa soprando no vento. Letras rosa brilhantes pintadas na tela branca. Que diabos é isso?

Harlow precisa de mais pau - envie fotos se você está a fim de fazer SEXO!

Abaixo está o número do meu celular, que explica todas as mensagens recebidas. As letras são tão brilhantes que você não as perderia se tentasse.

Legal. Outra manobra dos Bishops. Eu deveria saber que as coisas iriam de mal a pior.

"Oh, meu Deus, é Harlow, a prostituta em carne e osso," uma garota zomba a alguns metros de distância. Olho para cima e vejo que é uma das groupies da outra noite. Aquela que rastejava por todo Oliver, ou talvez fosse Banks, não me lembro, e realmente não me importo. O nome dela é Tiffany, é tudo que sei.

Digo a mim mesma para desviar o olhar, empurrar meus sentimentos para baixo, engolir meu orgulho e dar a outra face, mas não me contenho. Como bile subindo na minha garganta, a raiva e a fúria ardente queimam através de mim, e me vejo cruzando a distância que nos separa sem pensar.

"Você fez isso?" Eu rosno, apontando para a faixa atrás dela.

Ela encolhe os ombros, franze os lábios e projeta o quadril, me olhando como se eu fosse uma camponesa e ela a rainha. Pensar que eu era acostumada a ser tratada como

uma rainha. Se ela soubesse de onde eu vim, o poder que eu tinha, e que não me importo mais em ter.

"Talvez sim. Talvez não? Por que isso importa? Da última vez que ouvi falar é que se você pode lidar com três, pode lidar com todos eles." O riso borbulha para fora dela e a garota parada ao seu lado. Esta me parece familiar também, mas minha atenção não está nela, e sim na sua amiga.

Que acha que é perfeita com seus cabelos loiros platinados e maquiagem no rosto, mas ela é como o resto: uma vadia arrogante. Minhas mãos se fecham em punhos, minhas unhas cravando na minha palma.

"O que você vai fazer se for eu quem fiz isso?" Ela estreita o olhar e me provoca com um sorriso de merda nos lábios. Já sofri besteira o suficiente. Vim aqui para escapar, para me afastar da dor, do drama, mas parece que isso me seguiu e já terminei, acabou.

Eu reajo sem pensar em atacá-la como um gato. Puxo meu punho e dou um soco na cara dela. A dor irradia pelo meu braço enquanto ela dá um grito que soa como se eu a estivesse matando. Nós brigamos pela grama, seus dedos cravando nos meus cabelos, puxando os fios, causando uma dor ardente no meu couro cabeludo.

Cadela. Faço o mesmo, e quando ela começa a gritar como uma porca, com os braços agitados e as mãos pousando em qualquer lugar que possa, sorrio, sentindo-me completamente satisfeita.

"Harlow!" Caroline agarra meus ombros e me puxa para trás, mas não antes de eu dar outro soco no nariz da cadela. Com o peito arfante e o coração disparado, dou um passo

para trás e olho para a garota deitada na grama, gotas de sangue escorrendo de uma de suas narinas.

"Você é lixo. Nada além de uma prostituta inútil," rosna Tiffany, empurrando a grama. Passo a mão pelos cabelos, descendo pela frente da calça jeans. A essa altura, uma multidão se reuniu ao nosso redor, e espero ser chamada ao escritório do reitor por essa pequena façanha. Qualquer que seja a punição, valerá a pena.

"Sei que o que ela fez foi errado, mas você não pode simplesmente dar uma surra nas pessoas," Caroline repreende enquanto balança a cabeça, enviando mechas de cabelo escuro pelo rosto em pânico. Merda, sei que ela está certa, mas, Deus, me sinto bem. Caroline começa a me afastar da multidão e eu a sigo alegremente, pronta para me afastar da plateia.

"Bem, olhe quem é," uma voz familiar sussurra e me faz parar no meio do caminho. "Você não consegue atenção suficiente, consegue?"

Viro e encontro Sullivan, Oliver e Banks me encarando. Sullivan parece impressionado com minha pequena façanha. Banks tem um sorriso estúpido no rosto que eu gostaria de limpar com o meu punho. E Oliver lança nada além de um olhar frio em minha direção. Sei que eu deveria ir embora, pois já fiz o alvo nas minhas costas maior, lutando com Tiffany assim.

Infelizmente, minha raiva tira o melhor de mim e antes que eu possa controlá-la, as palavras estão saindo da minha boca.

“Espero que vocês estejam felizes,” cuspo neles. “Acho que vocês tiveram algo a ver com isso?” Aponto para o banner.

“Não é nossa culpa que você é uma vadia,” diz Banks, e vejo vermelho. Como um touro, eu o ataco, empurrando seu peito com tanta força que ele tropeça para trás alguns passos.

“Você está apenas fazendo isso pior para si mesma,” zomba Oliver.

“Tudo o que você precisava fazer era me deixar explicar!”

“Acabamos de ouvir suas mentiras, Harlow. Você arrumou sua cama, agora é hora de deitar nela,” rosna Sullivan, sua voz sinistra.

Por um momento, olho para eles, tentando ver os homens que me beijaram há poucos dias, os caras que me seguraram e me fizeram sentir segura. Procuro essa compaixão no fundo dos olhos deles, mas tudo o que vejo agora são caras que me odeiam e querem me machucar.

“Harlow, nós provavelmente deveríamos...” Caroline coloca a mão no meu ombro.

“Sim, deveríamos,” eu sussurro. Nos afastamos da multidão, tentando ignorar os olhares desagradáveis e os murmúrios condescendentes que me seguem.

“Vai ficar tudo bem, Harlow,” diz Caroline, “nós vamos descobrir isso.”

“Gostaria que isso fosse verdade.” Oh Deus, espero que ela esteja certa. Tudo vai ficar bem? Posso conseguir isso? Ou essa será minha vida a partir de agora?

Caroline me leva para o meu dormitório. Ela me pergunta repetidamente se estou bem e dou a mesma resposta, “*sim, eu estou bem.*” Ela queria subir e assistir a um filme, provavelmente pensando que seria capaz de tirar minha mente dessa coisa toda, mas sei que não há esperança, então a envio para casa.

Meu quarto está vazio quando atravesso a porta. Shelby se foi novamente e quando me dou conta de que estou sozinha, eu quebro. Desmorono no chão como uma boneca de pano, cobrindo meu rosto com as mãos enquanto deixo sair tudo.

Tudo o que eu queria era escapar, mas parece que troquei uma prisão por outra, a única diferença é que desta vez meu coração está pagando o preço.

◆◆◆

O dia seguinte vai tão mal, talvez até pior. Não posso ir a lugar nenhum sem que as pessoas me olhem como se eu fosse lixo. Zombarias, risadas e comentários de merda me seguem onde quer que eu vá. Ignorar o meu redor está ficando cada vez mais difícil.

Tento manter a cabeça baixa e em um dos meus livros, mas minha mente continua vagando para os Bishops. Não consigo esquecer o jeito que eles me olhavam. Estou tão

brava por se recusarem a me deixar falar, por me envergonharem ainda mais na frente de todos, mas estou magoada também. Meu coração é uma bagunça sangrenta porque, por alguma razão, pensei que talvez eles se importassem, que talvez *me amassem*.

Estúpida, tão estúpida.

Tudo isso poderia ter sido evitado se eles simplesmente me deixassem explicar.

Enquanto caminho para minha próxima aula do lado oeste do campus, noto dois caras caminhando em minha direção. Mesmo que meu olhar esteja no chão, ainda vejo dois sorrisos ondulados se formando nos lábios deles e sei que farão um comentário a meu respeito quando passarem. Todo mundo tem feito, então não espero que sejam diferentes.

Agarrando a alça da minha mochila, me preparo mentalmente para o ataque verbal que está por vir, mas quando eles passam, nenhum dos dois diz uma palavra. E é aí que aprendo que há coisas muito piores do que dizer coisas sem sentido.

Em vez disso, um deles faz algo pior, ele agarra minha bunda. O idiota agarra minha bunda, seus dedos carnudos afundando firmemente no tecido da minha calça jeans. Então ele aperta com força.

Gritando, eu giro, meus punhos cerrados, e minhas narinas se abrindo. “O que diabos há de errado com você?” Cerro os dentes.

“O quê? Não é perverso o suficiente para você? Ou precisa de algo melhor?” Ele agarra seu lixo e o sacode um pouco antes de soltar uma risada.

Ele se afasta, seguindo seu amigo, que está alguns passos à frente, também sorrindo. *Idiotas*. Os dois têm sorte de terem ido embora.

Eu teria chutado a bunda deles se precisasse. Não é até que eu chegue à sala de aula que percebo que estou tremendo. Não sei se é só de raiva ou se estou um pouco abalada por aquele cara ter me agarrado. Minhas emoções estão tão fora de controle que é difícil identificar sua origem.

Afundando na cadeira, começo a desempacotar meus livros e bloco de notas. Esta é a aula que normalmente eu tenho com o Banks, mas não espero que ele apareça. É por isso que fico chocada quando olho para cima e o vejo entrando na sala.

Como ímãs atraídos um para o outro, seus olhos encontram os meus imediatamente. Por um breve momento, acho que ele está feliz em me ver, com um sorriso fantasma em seus lábios; e como se ele se lembrasse de onde estamos, seu rosto se transforma em pedra. Com uma máscara cuidadosamente colocada sobre suas feições, ele entra e se senta duas fileiras na minha frente. Meu coração começa a bater violentamente, minha garganta aperta e meu peito dói.

Vê-lo é uma tortura, especialmente agora que tudo o que quero é correr até ele, enterrar meu rosto em seu peito e inalar seu doce perfume. Sinto-me fraca por precisar de Banks e parece tão errado que ainda o quero como meu.

Respirando fundo, tento afastar o pensamento indesejado. Apenas quando recupero meu batimento

cardíaco e meu peito para de pesar, alguém entra. *Tiffany.* Merda, esqueci que ela estava nessa classe também. Acho que devo pensar com quem compartilho as aulas antes de decidir esmurrá-las.

Ela levanta o nariz e atravessa a sala como se fosse sua própria sala pessoal, e espero que alguém coloque um pé para que eu possa vê-la cair no chão. Naturalmente, ela se senta ao lado de Banks, que, é claro, coloca o braço sobre as costas da cadeira. Expirando, cerro os dentes.

E digo a mim mesma que não importa, que eles não importam, mas isso seria muito mais fácil se eu pudesse acreditar no que digo. Olhando para mim por cima do ombro, Tiffany me dá um sorriso presunçoso, como se tivesse ganhado algo, e não posso deixar de apreciar a maneira como o seu sorriso é um pouco desigual. Ela pode ter conseguido encobrir a pele azul e preta com maquiagem, mas não foi capaz de encobrir sua bochecha, que ainda está inchada de onde a esmurrei. Eu esperava ter algum tipo de problema, mas isso nunca aconteceu.

Não sei se é por causa dos Bishop ou se Tiffany está preocupada que eu vá chutá-la novamente se ela disser alguma coisa.

“Pare de olhar,” ela zomba.

“Pare de parecer tão horrível,” eu respondo, cruzando os braços sobre o peito. Ela já pensa que sou uma vadia e prefiro ser vista assim do que o contrário. Eu caí, ganhei o ódio, deixei os Bishops me intimidarem, mas estou feita.

Não quero mais o ódio deles. Eu quero outra coisa.

“Ai, Harlow está com ciúmes?” Banks fala, girando em seu assento. Meu corpo inteiro se ilumina, ondas de eletricidade dançam pela minha pele no barítono profundo de sua voz. A frieza em seus olhos azuis me lembra o oceano na noite em que caí do barco, frio e implacável. Sem vida e impossivelmente profundo.

“Não estou com ciúmes,” minto, porque, para ser sincera, tenho ciúmes. “Estou com raiva, principalmente, mas também, sinto muito por você, que teve que descer tão baixo e ficar com alguém assim,” levanto meu queixo para Tiffany. “É triste que você esteja tentando me substituir, como se ela pudesse, mas seja o que for, Tiffany pode ter meus restos.”

Aquelas profundidades frias cintilam com fogo, e sua mandíbula cinzelada se transforma em pedra, e parece que ele quer me dividir em duas. E saber disso, me faz sentar um pouco mais reta na minha cadeira. Isso me deixa um pouco mais feliz, sabendo que ainda tenho algum tipo de influência nele, mesmo que não seja do tipo que realmente busco.

“Cuidado, Harlow, meus irmãos e eu podemos lhe proporcionar um grande prazer, mas também podemos lhe proporcionar uma grande dor.”

Ele não me dá chance de responder, pois o professor caminha um segundo depois e Banks se vira na sua cadeira para enfrentar a frente da classe. Mas não sinto falta do aviso na voz dele. Ele quer me assustar, mas a única coisa que me assusta é perder a chance com eles.

Capítulo Doze

O alarme no meu telefone dispara, o toque irritante me informando que minha roupa está seca. Colocando meu Kindle de lado, pego minha colher, a jogo na pia e coloco a vasilha de sorvete de volta no freezer. A maioria das pessoas da minha idade festeja na sexta-feira à noite, mas eu, eu prefiro ler e relaxar no dormitório. Seria bom se Shelby estivesse aqui, mas eles têm algum artista realmente importante vindo para a cidade, então ela está no estúdio de arte o fim de semana inteiro. Seja como for, desde que Shelby esteja feliz, ficarei feliz por ela.

Saio do meu dormitório e desço as escadas, meus pés em chinelos que quase não fazem barulho contra os degraus enquanto ando para o prédio lateral que abriga as roupas dos alunos. Se minha mãe descobrisse que lavo minha própria roupa, ela ficaria horrorizada. Não lavei minha primeira carga até algumas semanas atrás, e mesmo que tenha sido um pesadelo no começo, tanto para Shelby quanto para mim, tenho orgulho de dizer que mantive os trabalhos acidentais de tingimento e manchas no mínimo.

Já passa das dez e a maioria dos estudantes estão festejando, o que deixa a área do dormitório silenciosa e vazia. Dou a volta no prédio na escuridão da noite. Apenas duas luzes da rua iluminam a calçada enquanto corro pelo prédio. Provavelmente estou imaginando, mas tenho uma sensação estranha de que alguém me observa. Como um sexto sentido, os cabelos na parte de trás do meu pescoço se arrepiam quando um tremor passa por mim.

A sensação não diminui, mesmo quando finalmente entro na lavanderia comunitária, que contém cerca de dez lavadoras e dez secadoras. O espaço está completamente vazio, silencioso. Parece praticamente deserto.

Correndo pelo espaço, pego minha cesta na parte superior da secadora e a coloco no chão. Abro a secadora e começo a pegar minhas roupas, enfiando-as na cesta sem dobrá-las, porque quem diabos tem tempo para dobrar? Não é até que pego a segunda mão que noto algo preto em uma das minhas camisetas brancas.

Puxando a camiseta da cesta, levanto o tecido e olho horrorizada para a frente da camiseta. Está escrito em letras maiúsculas grandes e pretas a palavra **VAGABUNDA**. Que porra é essa? Balançando a cabeça em descrença, por alguém ser tão imaturo, tiro outro punhado de roupas. Rezo para que seja o fim da crueldade, mas eu deveria saber melhor. Um dos meus suéteres favoritos foi destruído. Arrepio-me quando vejo a palavra **PUTA** escrita no tecido rosa, manchas de tinta preta sangram na camisa e sei que vou ter que jogar fora. Sei que é apenas uma camisa, mas é minha, me pertence.

Uma por uma, verifico cada peça de roupa. Cada uma tem algo escrito, algo horrível e ofensivo, e algo que não me representa como pessoa. Mas quem escreveu essas palavras odiosas não sabe disso, porque acredita apenas no que quer.

Irritada com o mundo, enfio todas as roupas na cesta e bato a porta da secadora. O som é tão alto que ecoa pelo espaço vago. Minhas mãos tremem quando pego a cesta e coloco no meu quadril para carregá-la. Eu mesma não choraria, mas as lágrimas caem nos meus olhos de qualquer maneira. A faculdade não deveria ser tão ruim assim, o

Ensino Médio, totalmente, mas a faculdade? As pessoas deveriam agir como adultas, serem maduras, fazer boas escolhas e defender os outros. Acho que nunca esperei que os irmãos me seguissem. Isso danificou meu futuro perfeito.

Eles queriam vingança, bem, eles conseguiram, e na próxima vez que eu os visse, lhes diria isso. Vou permitir que os irmãos Bishops vejam como estou quebrada. Eu merecia a dor, o ódio, a raiva da primeira vez, mas isso? Não. Basta. Meus pais aparecerem não foi minha culpa, alguém me sabotou, assim como no barco, e se eles ouvissem, talvez as coisas fossem diferentes.

Com minha cesta de roupas destruídas na mão, volto rapidamente para o meu dormitório. Minha visão está embaçada com lágrimas não derramadas que tento piscar. Há um formigamento na parte de trás do meu pescoço, é o mesmo sentimento que tive antes.

Alguém está me observando. E se for a mesma pessoa que me empurrou para fora do barco? O pânico arranha-me e viro em um canto rápido demais, encostando a borda da cesta na parede. O impacto envia a cesta ao chão, arrancando-a das minhas mãos. Roupas derramam-se na calçada e formam uma grande pilha de tecidos.

Foda-se a minha vida.

Fico tentada a deixá-las e correr de volta para o meu quarto, mas decido não dar a alguém a satisfação de vê-las esparramadas no concreto. A última coisa que preciso é de minha calcinha amarrada como luzes pelo campus. Com raiva, abaixo-me para pegar a última camisa do chão, meus dedos roçam no tecido quando sinto uma sensação estranha no estômago, como se algo ruim estivesse prestes a acontecer. Tenho esse desejo repentino de gritar, e faço.

Um grito de gelar o sangue rasga da minha garganta assim que uma figura grande aparece ao meu lado. Ando para trás, aterrissando na minha bunda, dor queimando nela, quando a figura se agacha ao meu lado. Sua mão grande chega até mim e se eu não reconhecesse o rosto ligado a essa mão, provavelmente sofreria um ataque cardíaco.

“Acalme-se,” a voz profunda de Oliver chega em meus ouvidos, seus olhos examinando meu rosto. Ele pode ver as lágrimas, a tristeza nos meus olhos?

“O que você tem? Parece que alguém chutou seu cachorro e te chateou.”

“O que há de errado comigo? O que você tem? Na verdade, o que há de errado com todos vocês? Estão me observando de novo? Posso sentir os olhos em mim.”

“Pare, ninguém está te observando. ”Ele diz como se eu fosse louca por pensar nisso, e inferno, talvez seja, ou quem sabe esteja tudo na minha cabeça.

Pegando a cesta e seu conteúdo, levanto-me. Oliver pega alguma coisa no chão e, para minha vergonha, acaba sendo uma calcinha. A tristeza anula minha raiva e humilhação. Estou triste porque ter Oliver tão perto depois de tudo é difícil. Tão difícil. Odeio não ser capaz de cair em seus braços e me sentir protegida. Em vez disso, ele está lá, segurando minha calcinha com a palavra **BUCETA** escrita nela.

Tento o meu melhor para não chorar, mas o meu melhor não é bom o suficiente hoje, minha única esperança é que a luz do prédio não seja o suficientemente eficaz para mostrar minhas lágrimas. Pegando o pedaço de algodão de suas

mãos, começo a me afastar, mas, para minha total surpresa, Oliver agarra meu pulso e me puxa para ele.

"O que há de errado?" Ele pergunta novamente, sua voz mais suave e não posso deixar de rir. Não é uma gargalhada engraçada, é uma risada triste, sem humor e com um soluço no meio.

"Você realmente me perguntou isso?" Estou surpresa com a pergunta, mas fico ainda mais surpresa quando ele pega as mãos e segura minhas bochechas, arrastando o polegar sobre a pele delicada sob os meus olhos e limpa a última das poucas lágrimas que escaparam.

E como um rio com margens transbordando, as palavras fluem livremente pelos meus lábios: "Você quer saber o que há de errado? Quero que você, que todos os três, mesmo depois de tudo, que vocês confiem em mim, sei que não devo, que é errado e nunca funcionará, e sei que você voltou a me odiar. Mas, pelo menos, admito como me sinto." Um momento de silêncio se instala entre nós quando Oliver deixa as palavras afundarem enquanto continua a acariciar minhas bochechas com tanta suavidade que é preciso muita força da minha parte para não afundar em seu toque.

Posso ver a turbulência em seu olhar de chocolate: "Você está certa, não vai funcionar e é todo tipo de erro..." Espero o fim, mas nunca chega. Não sinto falta da dor e desejo nos olhos dele. Estou muito familiarizada com os dois para não perceber. "Todos nós queremos algo que nunca podemos ter, e você, Harlow, é a única coisa que meus irmãos e eu nunca poderemos ter."

Juro que meu coração se parte um pouco mais quando ele se inclina e pressiona um beijo suave em minha testa.

Seus lábios queimam na minha pele e todo o meu corpo começa a tremer.

Quando Oliver começa a se afastar, eu digo, “Não liguei para eles, meus pais. Não sei quem sabia, mas não fui eu, e não lhes disse que foram você ou seus irmãos que me empurraram para fora daquele barco. Alguém me sabotou.”

Oliver assente, dando um passo para trás, enquanto exala um suspiro. Ele parece tão em conflito quando diz: “Isso não muda nada. Nascemos rivais e continuaremos assim. Sua família danificou a minha e não posso trair meus pais por amar o inimigo.”

Amar? Eu assisto o pomo de Adão de Oliver subindo e descendo enquanto ele engole. Ele se vira para ir embora, e eu ancoro meus pés no chão para me impedir de ir atrás dele.

“Você me ama?” Eu resmungo, incapaz de parar a pergunta que sai.

Oliver pisca, seus longos cílios se abrindo contra sua bochecha, “Não desperdice seu amor com alguém que não valoriza isso,” ele diz antes de me dar as costas tonificadas e ir embora. Oliver está falando em enigmas. Será que ele quer dizer que não valorizo o amor dele? Ou eles não valorizam o meu?

Minha cabeça é uma merda, minhas emoções se espalharam pelo concreto como minhas roupas estiveram há pouco tempo. Alguém quer me machucar, me destruir e não sei se são os três homens pelos quais estou me apaixonando ou outra pessoa.

Viro-me e dou um passo antes de parar repentinamente mais uma vez. Há alguns metros, com os braços cruzados sobre o peito, está Shelby.

“O que diabos você está fazendo, Harlow? Eles não fizeram o suficiente?” Ela me repreende.

“É complicado, eu...,” começo, mas não consigo mais explicações. “Você não entende.”

“Você está perfeitamente certa, não entendo. Não sei como você pode ser tão ingênua e continua deixando-os jogar assim. Eles não provaram repetidamente o que estão procurando de você? Os irmãos não te amam, nem gostam de você. *Você os deixa* fazer isso, deixa que eles te quebrem, e então eu sou a única que você procura para pegar os pedaços.”

Suas palavras me cortam como uma faca cega. E doem incrivelmente mal, especialmente porque sei que em algum nível, ela está certa. Deixei que eles me cercassem, me tocassem e me beijassem, porque eu queria que eles fizessem, não importa as consequências. Os irmãos queriam me machucar, e deixei, mas o jeito que Oliver apenas me olhou, as palavras que ele falou. Ele disse amor, que me amava e no fundo do meu coração sinto que ele não estava mentindo. Ele me ama e eu o amo.

“Sinto muito que você se sinta assim, Shelby. Mas não posso ajudar a forma como me sinto, e acho que no fundo eles sentem o mesmo por mim.”

“Então você é estúpida. Eles não se importam e acabei de assistir esse trem destruído. Não suporto te ver assim, com *eles*,” ela fala, e não perco o tom de ódio na voz dela.

Shelby se vira e, antes que eu diga outra palavra, vejo minha melhor amiga ir embora. A única pessoa que ficou comigo ao longo dos anos está se afastando e não há nada que eu possa fazer para impedir isso.

Com a cabeça baixa em vergonha e o coração uma bagunça sangrenta, volto para o meu dormitório, é claro que há um grupo de garotas rindo no corredor. Todas as três me olham com reprovação quando passo, mas não me importo. Não sei se foram elas que massacraram minhas roupas, ou Tiffany, talvez? Quem sabe foram até os irmãos, eu não sei.

Tudo o que sei é que eles podem me cortar com os olhos e me matar com seu ódio, mas ainda vou subir no dia seguinte, como o sol pairando alto no céu, e não o deixarei parar de brilhar.

Capítulo Treze

Na manhã seguinte, acordo com os olhos inchados e uma crosta grudada nos cílios por chorar a noite toda. Esfregando a gosma dos meus olhos, sento-me na cama, por um momento acho que minha visão está distorcida, mas depois vejo que a cama de solteiro do outro lado do quarto está vazia.

Estou sozinha, a cama de Shelby ainda arrumada, me avisando que ela nunca voltou ontem à noite. Perdi minha melhor amiga? Pego meu telefone na mesa de cabeceira e verifico se ela ligou ou mandou alguma mensagem. Quando vejo que ela não o fez, meu coração afunda um pouco mais no meu estômago.

O que está acontecendo comigo, com minha vida? A mudança para cá deveria ajudar as coisas, mas parece que só me isolou, me deixou mais fraca, mais triste, o que é difícil de acreditar, pois eu tinha certeza de que nada poderia me destruir como as mentiras de meu pai.

Envolvendo os braços ao meu redor, me aconchego mais profundamente na camiseta de Sullivan, que ainda uso descaradamente quase todas as noites. Há muito tempo perdeu o cheiro de seu amaciante de roupas, mas de uma maneira estranha, me faz sentir mais perto dele. Provavelmente, eu deveria queimar a maldita depois de tudo o que ele me fez passar, mas não posso.

É como um curativo para o meu coração, um cobertor de segurança, porque mesmo sabendo que Sullivan não está

aqui e que provavelmente nunca mais voltará a ter uma peça de roupa dele, parece que está. Com o coração pesado, tiro a camiseta do meu corpo e visto o último par de jeans limpo que tenho. Combino com um suéter velho da gaveta de baixo da minha cômoda, enquanto faço uma anotação mental para ir às compras mais tarde e substituir tudo o que foi destruído ontem.

Seguindo os movimentos da minha rotina matinal, lavo o rosto, escovo os dentes e penteio os cabelos. Não me incomodo em me maquiar, pois não estou tentando impressionar ninguém. Meus olhos capturam o reflexo da pessoa no espelho. Não a reconheço, as bolsas embaixo dos olhos e a tristeza em seu olhar escuro. Minha vida não era perfeita antes, mas não era tão louca, nem tão triste. Puxando a mecha de cabelo loiro para um coque bagunçado, dou uma última olhada no espelho.

Eu posso fazer isso.

Quem se importa que alguém esteja atrás de mim ou que metade da faculdade me olhe como se eu fosse uma sacana e a outra metade como se quisesse me machucar? Ou que os três caras pelos quais me apaixonei são os maiores agressores de todos.

Coloco os livros e blocos de notas na minha mochila e pego uma barra de granola para comer no caminho para a Psicologia Social. É a única aula que compartilho com Sullivan e tenho medo de continuar a semana toda. Dos três irmãos, Sullivan me evitou mais.

Arrastando meus pés para a aula, chego a tempo. Sullivan já está sentado em sua cadeira, com os olhos fixos no professor, como se mal pudesse esperar para ele começar a aula. Seus braços estão cruzados sobre o peito, o tecido de

sua camisa esticando, fazendo com que seus braços pareçam ainda mais musculosos. Internamente, xingo-me por perceber e por pensar em quão fortes eram seus braços quando estavam ao meu redor, fazendo-me sentir segura.

Há algo seriamente errado comigo.

Eu não deveria desejar um dos homens que fizeram da minha vida um inferno, o inimigo, o valentão. Mas, como um péssimo hábito, não posso abandonar meu apego aos Bishops. Durante toda a caminhada até minha mesa, observo-o pelo canto do olho. Os olhos de Sullivan nunca se afastam do quadro. Ele nem me olha quando passo por ele, mas sei que pode dizer que estou lá. Não preciso que Sullivan olhe para mim para saber que minha presença o afeta.

Sei que ele sente quando estou perto, assim como eu faço com ele e seus irmãos. Percebo pela maneira como sua mandíbula flexiona e suas costas ficam tão levemente endireitadas, como se ele estivesse no limite. Se Sullivan fosse um cachorro, seus ouvidos estariam pra cima agora, ouvindo e procurando o perigo.

Quando chego ao meu lugar, afundo-me, tentando o meu melhor para fingir que não estou afetada por ele. Colocando meus livros e caderno em cima da mesa, ocupo-me, tentando parecer que faço algo. O professor inicia sua palestra, mas não importa o quanto eu tente prestar atenção, não posso.

Como um tique nervoso, passo a aula inteira mastigando a ponta do meu lápis. Escrevo algumas anotações, mas, para ser sincera, não ouço metade do que é dito, minha mente ocupada com o imbecil de cabelos castanhos e olhos azuis sentado a cinco lugares de mim, o idiota que nem sequer me olhou uma vez. Eu esperava que

ele estivesse chateado com meus pais aparecendo, com as coisas que disseram a seus irmãos, mas nunca esperei que ele me desse as costas. Acho que, se alguma coisa que estou decepcionada com ele, é o fato de que dos três irmãos, ele nem me ouviu.

Perdida em pensamentos, nem percebo que o professor havia dispensado a turma até que as pessoas começam a se levantar para sair. Sullivan está fora de seu assento e sai pela porta antes que eu pisque, a única prova de que ele esteve aqui é o cheiro da água da chuva flutuando no ar. De pé, balanço minha cabeça em descrença, quão madura sou. Reunindo meu livro e caderno, enfio-os na mochila e fecho a coisa antes de colocá-la. Mesmo com toda a tensão e constrangimento entre nós, sinto uma pontada de perda por sua ausência. Gostaria de não sentir essa atração por ele, como se meu coração se partisse quando Sullivan falha em reconhecer que eu existo.

Tudo sobre nós é errado. Querer estar com eles, é proibido, como frutas envenenadas que estão bem na minha frente. Mas eles estão sempre escorregando pelos meus dedos. Escapo dos limites da sala e saio pelas portas duplas e para a calçada.

Com a mochila pendurada no ombro e o livro de literatura inglesa debaixo do braço, começo a caminhar em direção à minha próxima aula. Corro, não querendo me atrasar. Colocando um pé na frente do outro, concentrando-me nos meus passos, não noto a pessoa se aproximando até que seja tarde demais.

Meus pulmões esvaziam e um grito arranha minha garganta enquanto minha mochila é arrancada do ombro,

me puxando para trás com ela. Meu livro desliza debaixo do meu braço e caio no concreto.

"Que diabos?" Eu grito, girando para encarar meu agressor. Quando faço, percebo que há duas pessoas em vez de uma, e não apenas pessoas, mas homens. O medo escorre pela minha espinha. Não reconheço nenhum dos dois, mas uma coisa aparece em minha mente em neon brilhante: não quero conhecê-los.

"Por que você não respondeu nenhuma das nossas mensagens de texto?" Um deles zomba, seus olhos ameaçadores ao sol da tarde. Levo um momento para entender o que ele diz. Primeiro, acho que pode estar me confundindo com outra pessoa, mas depois ele continua falando e fica claro que é sobre o banner com o meu número de celular. "Que porra é essa? Enviei-lhe algumas fotos legais do meu pau e bolas, e esperava que você me enviasse algo de volta. "

"Você não sabe que é rude não retribuir o favor? Suponho que podemos deixá-la passar, mas apenas se você nos deixar ver o que tem por baixo do seu suéter," o segundo cara grita, lambendo os lábios como se eu fosse um bife raro esperando para ser devorado.

"Se mandem, idiotas," eu cuspo enquanto me abaixo para recuperar meu livro. *Idiotas*. Esta é apenas outra razão, outra coisa que prova porque devo esquecer os irmãos. Se não fosse por eles, eu não estaria lidando com isso agora.

Com o livro em minhas mãos, endireito-me. Mentalmente, eu já fiz um plano para escapar, fugir antes que isso possa crescer ainda mais, mas quando me viro para me afastar, um dos filhos da puta me agarra, sua mão pousando na minha pele como um ferro quente.

“Ei, onde diabos você pensa que vai? Não terminamos aqui, querida. Eu mostrei o meu e agora você vai me mostrar o seu,” ele espreita, seu olhar percorrendo o meu peito e mesmo que não esteja exibindo decote ou qualquer pele de verdade, me sinto exposta.

“Eu não penso assim,” eu estalo, tentando libertar meu braço do seu alcance, mas isso apenas o encoraja mais, e ele enfia os dedos mais fundo na minha carne. Para piorar a situação, o segundo cara segura meu outro braço e antes que possa detê-los, estou sendo puxada em direção à parte de trás do prédio.

“Me solte!” O pânico cobre minhas palavras. Eu poderia muito bem não tê-las dito, porque eles me ignoram como se eu não tivesse dito nada.

O pânico se instala profundamente no meu intestino e estou a segundos de começar a gritar no topo dos meus pulmões quando uma terceira figura aparece ao nosso lado. Oh Deus, e eu pensei que isso não poderia piorar, agora existem três deles.

Eu nunca escaparei, nunca serei capaz de combatê-los. O pavor negro e escuro obscurece minha mente, e sinto as lágrimas se formando nos meus olhos.

“Normalmente, quando uma mulher diz não, isso significa não.” Sullivan rosna, o som de sua voz acalmando o pânico ameaçando tomar conta do meu corpo. Estou tão aliviada que posso me ajoelhar no chão para agradecer a ele.

“Vamos lá, cara, não seja idiota, você não pode mantê-la só para si, obviamente ela gosta de ser pega por mais de um cara, daí você e seus irmãos a usaram,” ele retruca. Suas risadas soam estranhas.

Sullivan não responde, pelo menos não com palavras. Com velocidade sobre-humana, ele lança o punho no rosto do imbecil que ria, calando os dois em um instante. O cara cambaleia para trás do golpe, liberando meu braço enquanto faz.

O amigo dele segue o exemplo e arremessa meu braço como se estivesse pegando fogo.

“Maldito imbecil,” o cara geme, segurando a mão na mandíbula. O sangue escorre por seu queixo com um corte no lábio.

Momentaneamente, estou atordoada, como um cervo no meio da estrada, com dois faróis brilhando nele. O outro cara fecha as mãos em punhos, e parece que os três podem começar a lutar, mas então Sullivan dá um passo ameaçador para a frente, o peito inchado, o rosto em uma expressão furiosa, aquelas enormes mãos cerradas em punhos. Parece um viking em pé de guerra, pronto para destruir e matar tudo e qualquer coisa em seu caminho.

Mesmo que sejam dois contra um, eles se escondem, dando alguns passos para trás antes de se virar para se afastar, bem, mais como correr.

Esfrego meus braços, onde sinto a pele machucada por ser agarrada com tanta força. Sullivan olha na direção dos dois idiotas, antes que ele volte sua atenção para mim. Com uma mandíbula cerrada e assassinato em seus olhos azuis, parece que ele quer persegui-los, ensinar-lhes uma lição. Só então assimilo o que quase aconteceu, o que teria acontecido se ele não estivesse ali. O medo inunda minhas veias, transformando o sangue quente em lama gelada. Meu corpo inteiro começa a tremer, meu coração ameaça explodir no meu peito. Um brilho de suor se forma contra minha testa.

“Isso já aconteceu antes?” Ele exige, sua mão segurando os músculos do pescoço. A tensão escoa dele e bate em mim. Estou aterrorizada, mas por baixo desse medo há algo mais, raiva, tristeza, dor, que se espalham pela superfície como um submarino quebrando a água do oceano.

“Você quer dizer caras me assediando? Me agarrando e pedindo para me ver nua? Bem, sim, na verdade, veja, esse tipo de coisa acontece quando todo mundo pensa que eu gosto disso. Esse não era seu plano o tempo todo?”

Sullivan suspira e desvia o olhar, como se não pudesse mais olhar nos meus olhos. Como se tivesse vergonha. Cruzo os braços sobre o peito, mentalmente me dando um abraço. O silêncio se estende entre nós, estar tão perto dele está fodendo com a minha cabeça. Quero beijá-lo e bater nele. Dizer que não fiz nada de errado e fazer com que ele implore por perdão, mas antes que eu possa fazer alguma dessas coisas, sua voz sensual quebra o silêncio.

“Oliver não vem para a aula de inglês, então vamos lá.”

Sem nem olhar para mim, ele começa a caminhar em direção ao prédio principal. Sei que espera que eu o siga, mas não consigo mexer os pés. Parada ali como se eu tivesse raízes, observo-o se afastar. Ele para depois de alguns metros quando percebe que não estou lhe seguindo. Quero que ele continue andando, mas também quero implorar para que se vire e me abrace. Estou em conflito, confusa, *quebrada*.

“Não seja estúpida, vamos lá, não vou fazer nada com você. Só estou me certificando de que você chegue à classe,” ele diz por cima do ombro.

Balançando a cabeça, digo: “Acho que já tive o suficiente por hoje. Não posso fazer isso agora. Vou voltar para os dormitórios,” digo a ele, mas ainda assim minhas pernas não avançam, parece que estou presa na lama. Não presa, me afogando. Tudo o que quero é voltar para o meu quarto, me trancar lá dentro, engatinhar na minha cama, puxar meu cobertor sobre a cabeça e esquecer. Esquecer os irmãos, o que aconteceu, a rivalidade e todo o drama familiar que vem junto. Quero enterrar tudo, cavar um buraco e jogá-lo lá dentro.

“Tudo bem, vou te levar até lá.” Ele gira e começa a voltar em minha direção, mas ainda não me mexo, a menos que você conte meus joelhos batendo juntos. Quando ele percebe que não pretendo me mexer, ele suspira, como se estivesse incomodando-o.

Não quero precisar dele, mas não posso evitar. Sou fraca, fraca pela única coisa que não deveria querer, o inimigo.

Surpreendendo-me ainda mais com suas ações, ele se aproxima e passa um braço em volta de mim. Segurando-me perto do seu lado, ele gentilmente começa a me guiar de volta aos dormitórios. Meus passos ainda estão incertos, mas com ele ao meu lado, me firmando, minhas pernas parecem estar bem. A caminhada para os dormitórios não é longa, mas hoje parece levar uma eternidade. O que não me importo, não quando tenho mais tempo com Sullivan.

Sullivan não diz nada, nem eu. Em vez disso, inspiro seu perfume inebriante que me envolve como um cobertor, me protegendo do frio. Tê-lo tão perto depois de tudo o que aconteceu, suas mãos em mim, seu corpo perto o suficiente para sentir o calor ondulando, parece o céu, como um

bálsamo de cura contra uma ferida. Minha visão fica embaçada e grandes lágrimas começam a cair dos meus olhos pelas minhas bochechas. Chorar é fraco, mas estou exausta, cansada de mal as segurar.

Chegamos aos dormitórios e Sullivan começa a se afastar, mas não posso deixá-lo, por algum motivo desconhecido. Virando, envolvo os dois braços nele e pressiono meu rosto em seu peito. Parece certo e, por mais estúpido que seja, Sullivan é a única coisa que faz sentido no momento.

"Harlow," ele sussurra, pressionando contra meus ombros suavemente. Eu deveria saber que ele reagiria com raiva, com raiva venenosa. Sullivan me tira do peito, me segurando no comprimento do braço. *Ele não quer que você seja idiota, pare de se jogar nele. Deixe-o ir.*

"Me desculpe..." Gaguejo, mantendo os olhos em seu peito, minha cabeça pendurada em vergonha para que Sullivan não veja como estou de coração partido, como estou perdida sem ele e seus irmãos.

Sua mão aparece e, em seguida, ele a coloca sob meu queixo, forçando-me a olhá-lo. Com o coração pesado, deixo nossos olhares colidirem. Deus, ele é bonito, como se um deus grego e uma modelo da revista GQ tivessem um bebê juntos. Sua mandíbula está apertada e eu me seguro para não traçar os contornos afiados de seu rosto. A tensão em seu rosto parece diminuir, e seu olhar suaviza quando ele pega minhas bochechas manchadas de lágrimas.

"Você quer ficar aqui, ou quer vir comigo?"

"Ir com você?" Eu questiono, confusa.

“Sim, comigo, para a casa?” Seu polegar roça meu lábio inferior. O toque acaricia algo dentro de mim, algo primordial, que está esperando para florescer e se libertar. Não sei explicar, mas sinto.

“Você ainda me quer?” Como as palavras conseguem passar pelos meus lábios, eu não sei. Os olhos azuis de Sullivan brilham com o calor: “Querer não é exatamente a palavra que eu usaria. Precisamos de você, assim como você precisa de nós. O jeito que você age é do mesmo modo que Oliver, Banks e eu desde que seus pais apareceram.”

“Mas eles me odeiam,” resmungo, minha garganta doendo.

Sullivan balança a cabeça, “Venha comigo, pelo menos por hoje à noite.”

Eu deveria dizer não, entrar no meu dormitório e deitar na minha cama sozinha, sozinha para sempre, mas não posso. Fisicamente, emocionalmente, não posso e não quero. Preciso deles, assim como eles precisam de mim.

“Você dirá a eles que não fui eu que liguei para meus pais? Você vai me ajudar a fazê-los entender?” Pergunto.

Algo roda em seus olhos, e não consigo identificar a emoção.

“Você acredita em mim, certo?” O ar esvazia dos meus pulmões enquanto espero por sua resposta. Assisto o pomo de Adão dele enquanto ele engole.

“Sim, Harlow. Eu acredito em você, agora vamos lá. Vou conversar com meus irmãos, colocá-los de volta no time Harlow.” Escovando o braço, eu me envolvo novamente em

seu abraço, segurando-o com força, apenas para garantir que isso seja real e não um sonho doentio.

"Você está bem agora, está tudo bem." Sullivan sussurra, uma mão suavizando minhas costas. Fecho os olhos e saboreio suas palavras.

Ainda não está tudo bem, mas estará em breve.

Capítulo Quatorze

Adormeço no caminho para a residência dos Bishops, meu lado aconchegado na porta do jipe de Sullivan. Meus olhos se abrem quando o carro para. Demoro um momento para perceber que chegamos à casa. Estou exausta, minha vida está oficialmente desmoronando e tudo o que quero é me arrastar para baixo de uma rocha e me esconder do mundo inteiro. Olho para o monstro de uma casa na minha frente através do para-brisa. Estou preocupada. Com medo de como Oliver e Banks vão reagir quando me virem pela porta da frente.

"Medo?" Sullivan pergunta, como se pudesse ler minha mente. Viro-me no meu assento para encará-lo. Sullivan não está sorrindo, na verdade, ele parece tão frio quanto uma estátua. Impassível e isolado do mundo. Penso na sua pergunta. *Estou com medo?* Claro que sim. Com medo de perder os últimos fragmentos do meu coração, com medo do desconhecido, e de onde iremos a partir daqui. Existe alguma esperança para nós?

"Um pouco," confesso, sentindo que todas as minhas emoções estão em exibição.

"Vai ficar tudo bem," ele murmura suavemente antes de sair do carro. Abro minha própria porta e saio. A curta caminhada até a porta da frente passa rapidamente. Sullivan torce a maçaneta e entra comigo, seguindo de perto.

Sigo-o passo a passo enquanto Sullivan entra na sala, quase como se ele fosse meu escudo humano, me protegendo da ira de seus irmãos.

“Ei, o que...” Oliver para no meio da frase quando me vê escondendo-me atrás de Sullivan. “O que diabos ela está fazendo aqui?”

Banks está ao lado dele, me olhando, mas sem dizer nada, e tenho vontade de me virar e correr pela porta da frente.

“Apenas ouça por um minuto,” começa Sullivan, enquanto Oliver e Banks já estão balançando a cabeça, a raiva flutuando sobre eles. “Ela vai ficar aqui hoje à noite,” ele anuncia, apesar do óbvio desgosto de seus irmãos.

“Foda-se isso. Não há como deixá-la ficar aqui,” Banks fala pela primeira vez, sua voz tão dura quanto suas feições faciais. “Terminei. Eu terminei com tudo isso,” ele declara.

Meu coração afunda ainda mais. Os irmãos vão me expulsar. Eu sabia que iriam, mas ainda dói aceitar. Deixo minha cabeça baixa, dobrando meu queixo contra o peito e me viro para sair, mas Sullivan me para, sua mão quente segurando meu cotovelo.

“Suba as escadas para o meu quarto, eu já estarei lá,” ele me diz, levantando o queixo em direção à escada.

“Você tem certeza?” Pergunto, olhando para ele, não ousando olhar para seus irmãos. Seus olhares gelados estão quebrando meu coração ainda batendo.

“Positivo,” ele me assegura. “Vá, eu já vou.” Sullivan me dá um sorriso tranquilizador e, chame isso de fraqueza ou

necessidade de atenção, mas, contra meu melhor julgamento, faço o que ele diz. Deixo meus pés me levarem pela grande escadaria.

"Isso tem que parar, Sullivan, concordamos que isso não aconteceria, que você não iria..." A voz de Oliver cai perigosamente baixa e eu a bloqueio, terminando minha caminhada pelas escadas. Arrasto meus pés pelo corredor acarpetado, até chegar ao quarto de Sullivan.

Torcendo a maçaneta da porta, abro e entro. Fecho a porta, absorvendo o espaço e o cheiro. Esse sentimento estranho me atinge, não consigo explicar o que é, mas parece paz, segurança, como se nada pudesse me atingir quando estou neste quarto. Tirando meus sapatos, deixo meu corpo me puxar em direção à cama. Afundando no colchão, quase gemo, a tensão saindo de mim. Pressiono meu rosto nos travesseiros de Sullivan e inspiro, seu perfume inebriante girando em minhas veias. Um calor cobre meu corpo e, pela primeira vez na vida, não me sinto sozinha. Eu não sinto medo.

Meus olhos se fecham, enquanto lentamente inspiro e expiro, o ar passando pelos meus lábios com facilidade. Fico assim por um longo tempo, até que, eventualmente, a exaustão, o medo e a dor de fingir que tudo está bem me domine e adormeço com um sono feliz, com o perfume calmante de Sullivan ao meu redor.

◆◆◆

Abrindo os olhos, bocejo, meu olhar varrendo o quarto, paredes cinza, lençóis pretos, demoro um momento antes de perceber onde estou. O som da água corrente saindo do banheiro em anexo chega aos meus ouvidos. Esfrego os olhos com as costas das mãos e olho para a porta. Está aberta, o vapor escapando por ela.

Sentada na cama, passo a mão pelo peito achatando meu suéter agora enrugado. A água desliga e ouço a porta do chuveiro abrir e fechar. Só então percebo que Sullivan deve estar atrás daquela porta e, obviamente, muito nu. Minhas bochechas esquentam estupidamente e abaixo da minha bexiga formiga com o pensamento.

A porta se abre e Sullivan entra no quarto vestindo apenas uma toalha branca enrolada na cintura. Minha boca seca e acho que meu coração realmente pula uma batida. Não sei para onde olhar primeiro, para o abdômen esculpido, os ombros, o rosto ou o delicioso V de músculo que leva a uma terra em que eu não deveria estar pensando. Nenhum homem deve parecer tão bom quanto ele, simplesmente não é justo.

“Ei, você levantou. Desculpe se te acordei,” ele diz despreocupadamente, completamente indiferente ao fato de que não está vestindo nenhuma roupa. Gotas de água grudam em seus cabelos, e ele sacode um pouco, enviando água em todas as direções.

Meu peito começa a subir e descer, meus mamilos endurecendo contra o meu sutiã.

“Quero dizer, não-não... você não... eu estava...” Eu gaguejo, minha língua pesada. Estou confusa, apesar de estar vestida e claramente não ter nada para me envergonhar.

Sullivan começa a caminhar para a cama, e cada passo faz meu coração acelerar, zumbindo alto nos meus ouvidos. Mordo o lábio inferior, tentando o meu melhor para ignorar a presença dele, mas é muito mais difícil do que se poderia pensar. Não deveria pensar nele assim, nu, molhado, nossos corpos deslizando juntos. Quando Sullivan está em pé na frente da cama, e há apenas alguns metros, meu pulso está quase acelerando.

"Você está olhando para mim como se estivesse com medo que eu possa te comer." O sorriso que ele me dá pode incendiar a calcinha.

"Acabei de acordar," digo, principalmente porque não consigo pensar em mais nada para dizer.

"Eu notei," aquele sorriso característico de sua ampliação, como se ele soubesse o poder que tem sobre mim.

"Você quer tomar banho também?"

"Com você?" Eu pergunto como uma idiota. Ele cheira a sabão, água e más escolhas, estas muito, muito ruins.

"Bem, acabo de tomar um banho, mas posso ajudá-la a tirar a roupa? E outras coisas, é claro." Suas sobrancelhas grossas se mexem de brincadeira.

Oh meu Deus. Ele quer me ajudar a tirar minhas roupas. Sullivan está basicamente nu, além da toalha e ele quer me deixar nua. Isso significa que nós dois estaríamos nus. *Juntos.* Posso ser inexperiente, mas não sou burra. Sei o que acontece quando as pessoas ficam nuas e não falam muito.

Engulo, mas não há saliva na garganta, minha boca está seca como se eu tivesse engolido um copo de areia. “Okay,” eu respondo docilmente, minhas bochechas queimando.

Sullivan pisca, seu olhar se arregalando, o sorriso brincalhão sai de seus lábios. “Você está falando sério? Você quer isso?”

Lambo meus lábios. Eu quero isso? Ele e seus irmãos? Obviamente, eu os quero, mas quero fazer sexo? Quero que minha primeira vez seja com o mesmo garoto que deu meu primeiro beijo, meu primeiro orgasmo? Não gostaria que fosse ele, não depois de tudo, mas parece que estou inteira quando estamos juntos e quero estar inteira, muito.

“Sim... eu quero isso... você, quero dizer... eu quero você.” Gaguejo e seguro a barra da minha camisa, tentando criar coragem para puxar a coisa e jogá-la no chão.

Com um sorriso, ele se aproxima, seus movimentos são macios, suaves, como um gato andando pela noite. Meu corpo queima, parece que estou com febre. Começo a levantar minha camisa e paro.

“E Oliver e Banks?” Eu pergunto, precisando limpar o ar antes de darmos outro passo. Eu os quero da mesma forma que quero Sullivan, mas eles não me querem agora, e preciso disso, a conexão para voltar ao lugar. Preciso de todos eles.

“Você os quer também, não é? Você quer nós três.” Não há julgamento nos olhos dele, nem raiva. Ele está simplesmente falando a verdade.

Soltando meu lábio entre os dentes, digo: “Sim, eu quero.”

“E você pode tê-los, todos nós, mas não hoje à noite. Esta noite você é toda minha.” A voz dele é baixa, sedutora. Estendendo a mão, ele tira alguns fios de cabelo do meu rosto, o simples toque enviando minhas terminações nervosas já estimuladas para o pico.

Penso em dizer que sou virgem, mas decido que não. E se ele mudar de ideia por causa disso? Não quero estragar o momento. Tenho pouco tempo para me debruçar sobre o pensamento antes que Sullivan me ataque. A toalha em volta da cintura dele desliza para o chão, e eu suspiro assim que ele pega minhas bochechas em suas mãos. Ele me beija gentilmente, mas com uma fome subjacente que me deixa ansiosa por mais. Ele me beija até eu ficar sem fôlego, até que meu peito esteja arfando e minhas mãos tremam, até que meus lábios estejam inchados. Até que não haja nada além de nós dois.

Sullivan só para de me beijar tempo suficiente para me ajudar a tirar minhas roupas. Mergulhando seus dedos na cintura da minha calça jeans, ele a arrasta pelas minhas pernas junto com minha calcinha, deixando-me nua para ele. Jogando-as por cima do ombro, elas caem no chão em algum lugar atrás dele. Meu sutiã é o próximo. Sullivan chega ao meu redor e, com dedos hábeis, é capaz de desfazer o fecho. Meus seios caem para a frente sem o apoio do sutiã.

Com um sorriso diabólico que sinto profundamente, ele joga a engenhoca por cima do ombro, como fez com o resto da minha roupa. Depois, há um silêncio enquanto ele toma um momento e apenas me olha, e eu faço o mesmo em troca.

Suas pupilas estão dilatadas, seus olhos parecem pretos em vez do azul tempestuoso normal. Seu peito sobe e desce rapidamente, e sua mandíbula está rígida. Ele parece

muito bonito. Meus olhos vagam mais baixo, passando por seu estômago bem definido e descendo a trilha de cabelos castanhos, levando-me direto ao seu pênis muito ereto. Eu engulo, já vi paus antes, mas nada poderia me preparar para um *daquele* tamanho entrando em mim.

"Assustada?" Sullivan pergunta presunçosamente, acariciando a coisa vagarosamente, como se ele tivesse todo o tempo do mundo.

"Não." Balanço a cabeça, mentindo enquanto tento esconder o nervosismo da minha voz.

"Eu apenas nunca..."

"Esteve com um cara tão grande quanto eu?"

Idiota arrogante.

"Sim, você poderia dizer isso."

"Vou com calma, princesa." Sua piscada me faz sorrir timidamente, eu não posso evitar. Não tenho ideia do que diabos estou fazendo aqui. "Mas primeiro..." Ele se inclina, seu corpo pairando acima do meu enquanto abaixa a cabeça no meu peito. Sua língua quente e úmida arrasta meu mamilo inchado antes que ele feche a boca em torno do pico apertado e comece a chupar.

Santo Cristo.

Eu gemo no quarto, minhas mãos vagando pelas costas e ombros tonificados de Sullivan, puxando-o ainda mais para perto. Incapaz de ficar quieta, meu corpo se move como uma cobra sob seu toque, balançando inquieto, minhas costas

arqueando para fora da cama. Meu corpo implora por mais, precisa de mais.

Sullivan segura meu outro seio com a mão quente, amassando-o, depois começa a rolar meu mamilo entre o polegar e o indicador, exatamente como Banks fez. As sensações em espiral são explosivas.

"Deite-se," ele ordena rispidamente, e sigo seu comando sem pensar ou hesitar, descansando contra seus lençóis macios. "Tão bonita, porra," ele murmura, afastando minhas pernas. Eu sinto seus olhos na minha carne. "Vou provar você, então seja uma boa garota e fique bem e quieta. Preciso de você encharcada de necessidade antes que meu pau chegue perto da sua linda buceta."

Engulo em torno do nó de medo se formando na minha garganta e aceno com a cabeça, minhas mãos fechando nos lençóis enquanto ele se situa de bruços, abrindo minhas pernas mais largas para acomodar sua enorme forma entre minhas coxas.

Sullivan abaixa a cabeça, trazendo a boca para o meu centro. Sinto seu hálito quente nas minhas dobras já escorregadias, e tremo com o ataque de sensações ondulando através de mim. Mal me agarro à realidade, me segurando a um fio e sinto a língua dele arrastando minhas partes mais sensíveis. É um toque breve, uma carícia, a sensação tão estranha, tão intensa que mal consigo lidar com isso. Ninguém nunca fez isso comigo, nunca me tocou dessa maneira e tudo o que consigo pensar é que quero mais, preciso de mais. Como uma viciada, estou desesperada e disposta a vender minha alma pela minha próxima dose.

Minhas mãos deixam os lençóis e encontram seu cabelo grosso e sedoso. Passando meus dedos pelos fios, roço

minhas unhas em seu couro cabeludo. Sullivan solta um gemido gutural, o som vibrando através do meu núcleo, persuadindo um gemido pelos meus próprios lábios.

“Ahhhh…”

“"Você tem um gosto exatamente como eu sabia que você teria. Como morangos e creme,” sua língua hábil desliza sobre o pacote sensível de nervos e meus quadris se erguem, uma sacudida de prazer percorrendo minha espinha.

“Sullivan,” eu gemo, querendo mais, sentindo essa profunda necessidade primordial de tentar escapar de mim.

“Paciência.” Ele grunhe, com uma risada leve antes de voltar ao trabalho de me provar, usando os dedos para espalhar minhas dobras e chupar meu clitóris inchado. A necessidade cresce, começando por trás dos meus olhos e através de cada centímetro do meu corpo, por reflexo aperto minhas coxas, mas Sullivan não se importa, ele continua a lamber e chupar enquanto o prazer cresce mais e mais, minha excitação perto do ápice.

Quando estou certa de que as coisas não podem melhorar, ele desliza um dedo na minha entrada, mantendo a pressão contra meu clitóris. Ele entra e sai algumas vezes, antes de adicionar um segundo dedo e me esticar deliciosamente. Batendo contra os travesseiros, mordo meu punho para me impedir de gritar alto enquanto ele me aperta, enquanto chupa meu clitóris com uma necessidade implacável.

Uma luz ofuscante brilha diante dos meus olhos, e meus quadris sobem e descem quando um prazer indescritível reivindica minha alma. As investidas de Sullivan são lentas, enquanto desço a montanha de prazer.

“Oh meu Deus,” eu choramingo quando as últimas ondas de prazer correm pelo meu corpo. Sullivan ri contra a carne sensível da minha coxa, sua respiração me fazendo cócegas.

Nem quero saber quão bom será o sexo se for incrível assim e tudo o que ele fez foi usar os dedos e a língua.

Antes que eu possa recuperar o fôlego, ele começa a beijar o mesmo pedaço de pele sensível e continua se movendo para cima, salpicando beijos de boca aberta sobre minhas coxas, barriga, costelas e todo o caminho até meus seios.

Quando Sullivan chega na minha clavícula, posso sentir sua enorme ereção pressionando contra a minha perna, sua pele macia acariciando a minha enquanto ele move seu corpo entre as minhas coxas. Estou ofegante agora, salivando.

Sullivan alcança a mesa de cabeceira e abre a gaveta, procurando dentro dela. A ruptura da paixão me dá um momento de clareza. Que diabos ele está fazendo? Um segundo depois, ele puxa a mão da gaveta, um pequeno pacote de papel alumínio na mão.

Preservativo. *Oh merda, quase esqueci.* Olhando-me com uma necessidade bruta, ele rasga o quadrado prateado com os dentes. Retirando o preservativo, ele alcança entre nós com uma mão. Parte de mim quer dar uma olhada e vê-lo colocar, mas acho que não consigo desviar meus olhos dos dele. É como se estivéssemos presos um ao outro, uma tensão invisível nos ligando.

Com a mão ainda entre nós, sinto-o guiando-se para o meu centro, e abro minhas pernas ainda mais. A cabeça lisa

bate contra meu clitóris ainda sensível e minhas coxas automaticamente se apertam com a sensação.

"Relaxe," ele sussurra no meu ouvido quando começa a esfregar a cabeça de seu pau para cima e para baixo, através das minhas dobras, espalhando meus sucos sobre seu pau antes que ele volte para minha entrada.

Segurando-se com um braço, a parte inferior do corpo contra a minha, seus quadris pressionam os meus como uma peça de quebra-cabeça perdida, a cabeça de seu pau pressionando contra a minha entrada. Com uma gentileza, que eu não sabia que ele possuía, ele entra em mim lentamente, esticando minhas paredes, me fazendo tomar toda a sua espessura.

Sullivan abaixa a cabeça, aninhando o rosto na dobra do meu pescoço, e fico feliz que ele o faça, porque não sei se poderia esconder a pequena onda de pânico e desconforto que sinto agora. Precisando tocá-lo, agarro seu bíceps, minhas unhas afundando na carne deixando pequenos recuos de meia-lua para trás.

Sinto-me cheia, tão cheia, e sei que ele está apenas a alguns centímetros. Eu suspiro quando uma pequena picada e uma leve queimadura percorrem meu núcleo enquanto seu pau rompe a resistência, tirando minha virgindade. Dei a ele todos os *meus primeiros* e meu coração. Sullivan nem deve perceber, porque continua empurrando até que não haja mais para onde ir, a cabeça de seu pau batendo na parte de trás do meu canal.

Sua parte inferior do corpo agora está completamente pressionada contra a minha, não deixando espaço entre nós. Com o mínimo esforço, ele levanta minha perna e gira seus quadris, pressionando mais fundo ainda. Meu peito se agita

para cima e para baixo, meu coração palpita tanto que tenho certeza de que ele pode ouvi-lo.

"Porra, isso é muito apertado." Sullivan solta um suspiro aquecido, suor escorrendo pela testa, e me pergunto se ele já fez *isso* assim.

Estando bem dentro de mim, ele levanta a cabeça, seus olhos se movendo de onde estavam conectados para me olhar. Percebo pela tensão em seus músculos que ele está se restringindo. Seus lábios se abrem e seu olhar escurece.

"Quer que eu te foda duro e rápido ou lento e gentil?" O tom de sua voz e a grosseria de suas palavras me assusta um pouco, mas lembro-me de que isso é Sullivan.

Meu Sullivan.

"Devagar, por favor," respondo com uma voz forte. Com uma mandíbula cerrada, ele puxa completamente para fora, o ar rasgando dos meus pulmões com a sensação, e antes que eu possa preenchê-los novamente, ele está entrando em mim, lentamente, muito lentamente.

"Você gostaria que nós três estivéssemos fazendo isso com você agora? Que teremos que nos revezar com você? Fazendo você gozar repetidas vezes."

"Sim," respondo sem fôlego. "Eu gostaria disso," admito descaradamente. Sullivan sorri, seus olhos se iluminando, enquanto ele continua seus movimentos lentos e vagarosos. Puxando para fora e empurrando para dentro. Para dentro e para fora. Dentro e fora. Eventualmente, a dor maçante dá lugar ao prazer que se espalha pelo meu abdômen como lava saindo pelo lado de um vulcão.

“Sempre soube que seria tão bom.” Sullivan resmunga, e ele está tão bonito agora, com os olhos fechados, seu corpo se esforçando acima do meu. Quero me lembrar desse momento pelo resto da minha vida, o momento singular da história em que um Lockwood e um Bishop se tornaram um. Porque é isso que é a história e vamos reescrevê-la.

“Tenho que acelerar, princesa,” pede Sullivan, seu hálito quente de menta abanando contra meu pulso latejante. “Este ritmo lento está me matando.”

“Tudo bem,” dou-lhe um pequeno aceno de cabeça e me viro, pressionando um beijo em sua boca. Arrasto minha língua em seu lábio inferior, silenciosamente pedindo entrada.

Ele se abre para mim o tempo todo e nossas línguas se encontram para uma dança sensual, enquanto Sullivan começa a empurrar dentro de mim, seu quadril para cima, indo mais fundo, mais duro e mais rápido. Seu pau esfrega contra algo profundamente, e sinto a pressão crescendo no meu ventre. Ele quebra nosso beijo e me encara, uma riqueza de conhecimentos e segredos em seu olhar.

“Quero que você me diga quando estiver perto,” ordena Sullivan, e aceno com a cabeça incapaz de formar uma palavra sequer.

Sullivan muda de posição então, se afastando e pressionando os joelhos. Ele agarra meus quadris me puxando para ele e nessa posição ele parece ainda mais profundo, como se fosse uma parte de mim.

Meus lábios se separam na forma de um *O*. E cada vez que ele se afunda no meu calor, uma fatia de prazer ondula através de mim. Com um sorriso feroz, Sullivan coloca o

polegar no meu feixe de nervos excessivamente sensível e, com todas as sensações que me ultrapassam, não demora muito para eu alcançar meu pico.

"Estou ... estou gozando," eu suspiro, mal conseguindo dizer as palavras antes que minhas coxas comecem a tremer e meus dedos do pé se enrolem. Minhas costas arqueiam para fora da cama, e Sullivan começa a xingar enquanto me segura no lugar, minha buceta apertando seu pau como uma vingança maligna.

"Foda-se," seu ritmo cresce mais rápido, seu aperto em meus quadris com mais força, sua cabeça inclinando para trás quando o prazer eufórico domina seu corpo. E então sinto seu pau pulsando quando ele solta um rosnado profundo e animalesco antes de estocar em mim uma última vez.

Sullivan cai em cima de mim com um bufo, seu corpo coberto de suor, cobrindo o meu com calor e segurança. Gosto deste momento, de tê-lo tão perto, onde nenhum ódio, pais ou drama pode nos alcançar. Sei que o momento não pode durar para sempre, mas posso segurá-lo, mantê-lo perto do meu coração.

Sullivan sai de mim um segundo depois, caindo no colchão ao meu lado. Ele se abaixa e tira o preservativo com um estremecimento, antes de jogá-lo na lixeira ao lado da cama. Olho para as minhas coxas, esperando não sangrar nos lençóis.

Não querendo que ele pare de me tocar, eu rolo com ele, plantando minha cabeça em seu peito e passando o braço sobre seu torso. Fecho os olhos e respiro fundo. Com o ouvido logo acima do coração, ouço claramente o ritmo constante, como minha própria canção de ninar.

Como se o som fosse apenas para mim, me acalmando e me tranquilizando, estou profundamente adormecida e, pela primeira vez em muito tempo, adormeço, sabendo que tudo vai ficar bem agora.

Tudo vai ficar bem, desde que eu tenha Sullivan.

Capítulo Quinze

"Isso é bom," eu sussurro na pele de Sullivan na manhã seguinte. Respirando fundo, saboreando seu perfume, corro meus dedos sobre seu estômago, traçando cada músculo enquanto isso. Estou acordada há dez minutos, e passei cada segundo abraçando e tocando Sullivan.

Ele só acordou cerca de cinco minutos atrás e não tenho certeza se é por causa de todos os meus toques e provocações ou se ele está apenas com resquícios da manhã, mas seu pau está duro como aço. Uma tenda considerável se formando entre suas pernas. Em minha cabeça eu gostaria de repetir o que fizemos ontem, mas a dor maçante entre minhas pernas diz o contrário. Então, em vez de instigar o sexo, simplesmente continuo correndo meus dedos sobre sua pele.

"Sim, isso é tão bom. Gostaria que fosse real," ele diz quase distraidamente.

Eu sorrio com suas palavras. "Claro que isso é real, por que você pensaria o contrário?" Eu pergunto, sem olhar para cima.

"Sei que isso não é real para você. Sei que você realmente não me quer." Minha mão no estômago dele para. Confusa, levanto a cabeça para poder ver seu rosto. Tomo sua expressão sombria, me perguntando por que ele está subitamente nesse clima.

Ainda sorrindo, pergunto: “Se isso não é real para mim e eu não gostasse de você, por que eu teria dado a você todos os meus *primeiros*?”

“Todos os seus primeiros?”

“Sim,” admito. “Eu te dei meu primeiro beijo, você me deu meu primeiro orgasmo, e ontem à noite eu te dei minha virgindade.”

“Pare, Harlow,” ele rosna, subitamente me afastando. Minha boca se abre e estou completamente pasma com sua repentina mudança de humor. “Eu sei ... sei que isso tudo é um jogo para você. Você realmente acha que eu acreditaria em você? Acredite que eu fui seu primeiro beijo? Que você era virgem?” Ele inclina a cabeça, para trás e ri.“Eu posso ser estúpido, mas conheço uma mentirosa quando vejo uma, e você, Harlow Lockwood, é e sempre será uma.”

Estou tão atordoada por toda essa situação, que literalmente fico sem palavras. Ele balança a cabeça e sai da cama. Indo para a cômoda, ele puxa a gaveta com tanta força que quase sai por todo o caminho. Ele pega um short por dentro e o coloca, quase rasgando-o no processo.

“Sullivan, eu não estou mentindo, na última noite...” eu digo, quando encontro minha voz novamente. Por que parece que estamos caindo aos pedaços?

“Você merece um Oscar, sabia?” Ele me interrompe, girando com um olhar frio. “Suas habilidades de atuação estão no ponto. Talvez você comece sua carreira de atriz com o vídeo que gravei ontem à noite.”

O ar para nos meus pulmões, o único som que ouço é o baque, o baque do meu coração. Parece que está sendo

rasgado em dois e, a qualquer momento, espero que pare de funcionar. Sua confissão me destrói e desmorona meu mundo.

"Você... você... nos filmou fazendo sexo?" Eu gaguejo, minhas mãos tremendo, lágrimas se formando nos meus olhos instantaneamente.

Um sorriso se espalha por seu rosto e, embora pareça forçado, me fere profundamente. Nojo e mágoa se espalham pelo meu corpo e não consigo parar. Corro para fora da cama e pego minhas roupas do chão, colocando cada peça no processo. Não posso mais fazer isso. Não posso continuar sendo o saco de pancadas deles, revivendo um passado que estou tentando desesperadamente me libertar.

Com tudo, menos meu jeans, olho para Sullivan, que apenas fica lá me olhando com uma expressão ilegível.

"Você está certo, eu *sou* uma ótima atriz. Tão comprometida com o meu papel, que eu fiz crescer meu hímen, para tornar isso mais crível," cuspo, enfiando as pernas na calça e apontando para as coxas que ainda têm manchas de sangue nelas.

Sullivan segue o meu olhar, sua boca se abrindo quando ele vê as pequenas manchas de sangue. "Não acredite em mim, idiota, verifique a camisinha, ou talvez pense na maneira como você me fodeu, e em como eu estava nervosa." Puxo minha calça pelo resto do caminho e abotoo-a.

Sullivan parece que está prestes a dizer algo, mas eu terminei. Não vou esperar para ouvir o que ele tem a dizer. Algum pedido de desculpas idiota que não significa nada. Porque não significo nada para ele. Para eles. Estou tão

cansada. Feita com as mentiras. Feita com os jogos. Feita com ele e seus irmãos, sua família, tudo isso. Acabou!

“Tenha uma boa vida,” murmuro no caminho para a porta do quarto dele. Lágrimas escapam dos meus olhos enquanto corro pela casa.

“Espere,” ouço Sullivan gritar do andar de cima, pouco antes de eu bater a porta da frente atrás de mim.

Como pude ser tão estúpida? Entreguei-me a ele. Eu o amava, amava os três e tudo o que fizeram foi brincar comigo. Não sou nada além de um peão para ele e seus irmãos.

Corro pela calçada, meus sapatos batendo no concreto e as lágrimas escorrendo pelo meu rosto incontrolavelmente. Empurrando minhas pernas o máximo que posso, só diminuo a velocidade quando fico tonta. Preciso recuperar o fôlego depois de percorrer o bairro, pois não sei quanto tempo corri. Meu peito dói, meus pulmões queimam e uma dor de cabeça formidável se formou logo atrás dos meus olhos.

Paro e olho em volta, observando meu entorno e percebo que não tenho ideia de onde estou. Alcançando o bolso de trás, pego o telefone e encontro as informações de contato da única pessoa em que posso pensar agora.

Caroline atende após o terceiro toque. “Harlow, o que houve?” Sua voz é alegre, como de costume. Completamente alheia ao meu desespero.

“Caroline,” suspiro aliviada, “você pode vir me buscar?”

“Claro, você está bem?” Ela perde o tom alegre, substituindo com preocupação.

“Sim, não, Deus, eu não sei. Estou em...” Olho ao meu redor, tentando encontrar uma placa de rua. “McKinley Road,” digo quando finalmente encontro uma.

“Estarei lá em dez minutos.”

Terminando a ligação, sento-me no meio-fio e deixo minha cabeça cair em minhas mãos. Juro para mim mesma nunca mais ser burra o suficiente para cair em seus truques ou travessuras novamente. Quando o carro de Caroline para, deve haver uma poça de lágrimas na minha frente, porque não parei de chorar desde que desliguei o telefone com ela. Caroline pula do carro e corre para onde estou sentada.

“Oh meu Deus, o que aconteceu?” Ela se ajoelha ao meu lado, seus braços ao meu redor. “Por favor, diga. O que há de errado?”

“Era tudo mentira... Sullivan e seus irmãos brincaram comigo,” digo entre soluços. “Eu os amava e...”

“Oh, Harlow, sinto muito, porra. Vamos garota, vamos levá-la para casa.”

“Não, eu não quero ir para casa. Eu preciso falar com Shelby. Você pode me levar para a Galeria no centro da cidade?”

Preciso me desculpar com minha amiga, ela me alertou sobre os Bishops e não ouvi. Ela tem sido a única amiga constante na minha vida, a única que sempre esteve ao meu lado. É a única em quem posso confiar e a tenho negligenciado. Preciso dela, agora mais do que nunca.

“Claro, vamos lá,” ela me coloca no assento do passageiro e até prende o cinto quando não me mexo para fazer isso sozinha.

“Você vai me contar o que aconteceu?” Caroline pergunta no meio da cidade.

“Eu... eu nem sei. Tudo estava bem em um minuto e depois não estava.” Que é a verdade. Um minuto foi pura felicidade e o próximo, horror absoluto.

Ela não me faz mais perguntas e estou mais do que agradecida pelo silêncio. Acho que não poderia responder mais às perguntas dela de qualquer maneira.

“Obrigada, Caroline,” eu a olho assim que paramos em frente à Galeria de Arte. “Eu quero dizer isso, obrigada. Você tem sido uma grande amiga.”

“A qualquer momento, Harlow. Ligue-me se precisar de algo.” Nós nos abraçamos antes de eu sair do carro. Meu rosto ainda está vermelho e meus olhos ainda estão inchados de tanto chorar, mas eu já não tenho mais vontade.

Respirando fundo, abro as portas da Galeria, um sino toca acima da minha cabeça e entro no espaço limpo. Esculturas modernas estão sentadas em pedestais altos no centro do espaço e fotos de todos os tamanhos estão decorando todas as paredes da sala. Uma mulher pequena entra no showroom me cumprimentando com um sorriso largo. Ela usa uma saia lápis justa, uma blusa combinando e saltos altos de 15 cm que parecem quebrar alguns tornozelos.

“Oi, posso ajudá-la?”

“Sim, estou procurando por Shelby. Sinto muito por aparecer aqui, sei que ela está trabalhando, mas isso é uma espécie de emergência”.

“Quem?” A mulher parece genuinamente confusa, as sobrancelhas juntas.

“Shelby,” eu digo mais alto, ela não deve ter me ouvido claramente. “Não me recordo. Ela é uma das nossas artistas?”

“Ah... ah, talvez... talvez, eu esteja na Galeria errada, me desculpe,” digo envergonhada, antes de me virar.

“Esta é a única Galeria da cidade, senhorita.”

Eu congelo com a mão pairando a centímetros da maçaneta. Minha mente fica em branco e então esse sentimento de pavor absoluto sobe pela minha espinha e se instala na base do meu crânio. Nada faz sentido, tudo o que eu pensava que sabia estava errado. Minha vida foi construída com blocos de mentiras e enganos e, como uma torre Jenga, alguém puxou a única peça e tudo desaba.

Sinto que estou presa neste momento, minha mente congelada no tempo. Meus pensamentos pairando em algum lugar entre descrença e desespero inacreditável.

“Você está bem, senhorita?”

Não... não, eu não estou bem e não sei se algum dia estarei.

Volto para a rua e desço a calçada. Sei que há pessoas andando na beira da estrada como eu, carros dirigindo na estrada, sei que estão lá, mas não os vejo claramente. Tudo

ao meu redor é um borrão. Minha mente está sobrecarregada com tudo o que aconteceu hoje.

Meu corpo entorpecido, minhas emoções em desordem. Sinto que nem estou aqui, sou apenas uma sombra de mim mesma, um fantasma que não faz parte do mundo.

Colocando um pé na frente do outro, pelo menos acho que é o que faço. Olho para cima, o cenário mudando ao meu redor, o chão debaixo de mim de repente parece diferente. Parece atravessar a névoa que cerca meu cérebro. Alguém grita, mas não entendo o que diz. Então algo chama minha atenção. Olho para cima e vejo duas luzes brilhantes vindo diretamente para mim. Mas não sou rápida o suficiente, não há tempo...

◆◆◆

Escuridão.

Nada além de escuridão.

Não tenho certeza de onde estou. Mas onde quer que seja, tudo o que vejo é escuridão. Este lugar não tem fim, nem começo, nem para cima, para baixo, certo ou errado.

Não há amor ou ódio, nem dor, mas também não há felicidade.

Tento me lembrar de como cheguei aqui ou de onde sou, mas minha mente não passa de um terreno baldio.

Tudo o que sou e tudo o que sei é escuridão.

Até mesmo um dia, quando havia mais.

Bip.

Bip.

Bip.

Um ritmo constante me chama de algum lugar desconhecido. O som parece próximo e há um milhão de quilômetros de distância, tudo de uma vez. Por um longo tempo, é tudo o que existe.

“Já faz dez dias,” a voz de uma mulher repentinamente surge.

“Sra. Lockwood, essas coisas levam tempo. Harlow sofreu uma grande lesão cerebral. Vai levar tempo para ela se recuperar. Posso garantir que ela está nas melhores mãos aqui na clínica.”

“É melhor que esteja, considerando o que estamos pagando,” as vozes de outro homem encontram meus ouvidos. É profundo, até assustador e faço uma anotação mental para não mexer com aquele homem.

Depois disso, ouço a abertura e o fechamento de uma porta, seguidos por cadeiras se movendo.

“Você ouviu o homem, amor, vamos para casa, não há nada que possamos fazer por ela agora.”

De repente, sinto uma vontade avassaladora de abrir os olhos, quero que vejam que estou aqui, que estou acordada. Não quero ser deixada sozinha na escuridão novamente. Querendo abrir meus olhos, é preciso cada grama de força

que tenho. Sinto que minhas pálpebras se transformaram em chumbo e minha força diminuiu para um por cento.

Ainda assim, por algum milagre, meus olhos se abrem lentamente. A luz amarela brilhante vinda do teto me cega momentaneamente, mas continuo apertando os olhos e piscando até conseguir distinguir o quarto e seu conteúdo.

"Oh meu Deus! Ela está acordando!" A voz aguda da mulher dói um pouco nos meus ouvidos, mas suas mãos macias e quentes que cobrem as minhas, compensam a dor. "Oh, Harlow, você está bem. Tudo vai ficar bem agora, eu prometo."

Pisco, confusa, então olho para a mão dela e puxo a minha do seu alcance. Olho para seus grandes olhos azuis cheios de lágrimas, horror e choque que refletem em minha direção e faço a única pergunta que posso: "Quem é você?"

Continua